UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
EXPERIMENTAL

THIAGO DE ALMEIDA

***Ciúme romântico e infidelidade
amorosa entre paulistanos:
incidências e relações.***

São Paulo

2007

THIAGO DE ALMEIDA

***Ciúme romântico e infidelidade
amorosa entre paulistanos:
incidências e relações.***

Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Mestre
em Psicologia.

Área de Concentração:
Psicologia Experimental.

Orientador: Prof. Dr. Ailton
Amélio da Silva.

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E A DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU MESMO ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E DE PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Almeida, Thiago de.

Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações / Thiago de Almeida; orientador Ailton Amélio da Silva. -- São Paulo, 2007. 234 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Ciúme 2. Infidelidade 3. Amor 4. Relações homem-mulher I. Título.

BF575.J4

Thiago de Almeida.

Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações, São Paulo, 2007.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Experimental.

Orientador: Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Parecer: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Parecer: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Parecer: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a uma pessoa que incontestavelmente de onde estive, pôde me incentivar a realizar o meu trabalho sempre com Amor. Alguém que constantemente me lembrava que o verdadeiro amor sobrevive a tudo: a toda a alegria, a toda a tristeza, a todo o erro e a todo o arrependimento, à vida e até mesmo a morte. Um ser humano incrível, ensinando-me que o Amor sempre foi e sempre será um imprescindível dom. E qual outra poderia ser a essência do Amor, senão a de que ele é uma indispensável dádiva? Quando o Amor é usado como uma recompensa ele se degrada. Quando usado para adquirir qualquer que seja o propósito de sua conquista, torna-se um mero objeto de barganha, e assim, descaracteriza-se, perde seu valor, e logo, não é mais Amor. Esta pessoa, ainda que a distância, ensinou-me que todos os dias, temos um momento em que nos é possível mudar tudo o que nos deixa infelizes. Muitos procuram ignorar a existência dessas ocasiões, e reduzem o ontem e o equiparam juntamente com o amanhã. Contudo, são apenas raras as pessoas, como para esta para a qual vai a minha dedicatória, que dispensam atenção suficiente ao seu dia para captar estes mágicos instantes.

Alguns pensam que a felicidade é uma bênção, ou ainda, um privilégio para poucos, mas, todos podemos conquistar essa felicidade. Para nós, ela nos foi uma conquista, e, portanto, uma construção. De tal sorte que infelizes são aqueles que não se sujeitam a correr eventuais riscos. Talvez estes não se decepcionem nunca, nem tenham desilusões casuais, de qualquer natureza, nem sofram como aqueles que têm um sonho a perseguir. Todavia, quando olharem para trás, dado que freqüentemente fazemos isso, vão escutar seu coração lhes dizendo: “Ao longo dos teus dias, você foi você mesmo(a)?”. Triste daqueles que convivem com a certeza que desperdiçaram a vida e que não acreditam nestes momentos mágicos, instantes ímpares estes que podem acontecer a qualquer momento, mas somente alguns privilegiados estão em sintonia e amadurecidos suficientemente para percebê-los. Embora eu tenha compreendido esta lição há pouco tempo, sou hoje alguém muito agradecido, pois, esta pessoa faz parte da minha vida. Portanto, em um mundo onde muitas coisas são fluídas, e momentos de amor, podem nos passar completamente despercebidos, quero expressar o meu mais profundo agradecimento por você ser responsável por eu ter me tornado tudo aquilo que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e epílogo de todo o conhecimento, por ter me concedido todos os dons necessários para a execução deste trabalho, mas, sobretudo, o dom do Amor.

Ao orientador Ailton Amélio da Silva, que dos inúmeros conhecimentos científicos e acadêmicos a mim proporcionados, pode me ensinar a lição mais valiosa de todas, a de que o homem que rege com o coração rege o mundo.

À minha mãe, que mesmo à distância, não deixou de me acompanhar com todo o seu Amor e carinho aos meus empreendimentos e objetivos ainda quando eles se mostravam por demais agrestes.

À minha ex e sempre orientadora e amiga Fátima Elisabeth Denari, que sempre presente do lado mais importante da minha vida: o lado interno do meu coração, nunca deixou de me orientar com seu carinho e com seu amor, conteúdos patentes de sua pessoa.

Ao Prof. André Luiz Moraes Ramos por seu apoio técnico sem restrições.

Ao Laboratório de Estatística Aplicada (UFSCar), na pessoa da Profa. Dra. Teresa Cristina Martins Dias, pelo grande desvelo em relação à análise estatística e aos comentários encaminhados para aperfeiçoar meu trabalho.

À secretária Sônia Maria Caetano de Souza por toda a sua dedicação e solicitude ao Departamento, aos alunos e, sobretudo, aos meus pedidos, desde o meu primeiro dia na pós-graduação.

A Moisés do Nascimento Soares (Auxiliar Administrativo), e Ana Laura Pires de Araújo Figueira (secretária), por toda colaboração que puderam prestar ao meu trabalho.

À bibliotecária Aparecida Angélica Z. Paulovic Sabadini pelo seu zelo, empenho e dedicação ao corrigir minhas referências bibliográficas.

Aos meus Amigos (James Emanuel Cândido, Paulo Roberto dos Santos Ferreira, Maria Luiza Lourenço, Dirce Barbosa Fernandes, Denise Polli, Laura A. Ferrantini Fusaro, Antony Ícaro da Conceição, Carlos Eduardo Salvador, só para citar alguns), zelosos escudeiros, por sua dedicação e sua compreensão presentes, mesmo quando eu lhes faltei com a minha presença.

A todos os participantes deste estudo que generosamente compartilharam de alguns dados de suas vidas para que muitas outras pudessem se beneficiar dos conhecimentos aqui encontrados que estão relacionados ao ciúme romântico.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro na forma bolsa concedida (número do processo 1342958/2004-8) que permitiu viabilizar este estudo.

A todos vocês registro, aqui, o meu muito obrigado...

Ao amor... Sempre!!

SUMÁRIO

Página

	Resumo.....	13
	Abstract.....	15
	Resumen.....	17
	Résumé.....	19
	Astratto.....	21
I	INTRODUÇÃO.....	24
1	A importância do amor no cotidiano.....	32
2	Teorias globais sobre o ciúme.....	37
2.1	Ciúme: um breve panorama histórico.....	37
2.2	Teorias a respeito do ciúme.....	39
2.2.1	A teoria evolutiva e a etiologia do ciúme em relação à infidelidade.....	41
2.2.2	O ciúme enquanto um complexo cognitivo-comportamental.....	45
2.2.3	Ciúme, possessão e a questão da profecia auto-realizadora.....	47
2.2.4	Ciúme, amor, infidelidade e gênero.....	49
2.2.5	Ciúme e a discussão Nature X Nurture.....	51
2.2.6	Cultura e patologias relacionadas ao ciúme.....	53
2.2.7	O ciúme e a infidelidade situacional e o ciúme a infidelidade disposicional.....	55
2.2.8	O ciúme e a infidelidade na cultura brasileira.....	57
3	O ciúme no âmbito dos relacionamentos interpessoais amorosos.....	59
3.1	As associações entre o amor, o ciúme e a baixa auto-estima.....	59
3.2	O ciúme preventivo e o retaliador.....	62
3.3	A lógica das pessoas ciumentas.....	64
4	A infidelidade amorosa.....	67
II	MÉTODO	75
2.1	Participantes.....	76
2.2	Local.....	76
2.3	Instrumentos.....	76
2.3.1	Escala de Ciúme Romântico (ECR).....	76
2.3.2	Instrumento para avaliar a infidelidade amorosa.....	77
2.4	Procedimento para a coleta de dados.....	81
2.4.1	Primeira etapa (Aplicação pelo pesquisador e aplicação <i>on-line</i>).....	81
2.4.2	Segunda Etapa (Aplicação pelo pesquisador e aplicação <i>on-line</i>).....	85

2.5	Procedimento para a análise dos dados.....	86
III	RESULTADOS.....	88
3.1	Definição das variáveis.....	88
3.2	Ciúme romântico e infidelidade amorosa: em busca de possíveis associações - As estatísticas inferenciais.....	90
3.2.1	O ciúme masculino e o ciúme feminino da amostra pesquisada.....	94
3.3	A infidelidade amorosa da amostra pesquisada.....	96
3.3.1	Análise descritiva das ocorrências de infidelidade na amostra pesquisada.....	100
3.3.1.1	Estatísticas descritivas das ocorrências de infidelidade dos pesquisados em relação aos ex-parceiros.....	100
3.3.1.1.1	Os homens e as mulheres relatam diferentes quantidades de infidelidade em relação aos seus ex-parceiros?.....	110
3.3.1.2	Estatísticas descritivas das ocorrências de infidelidade dos pesquisados (Atuais parceiros - Primeira etapa).....	111
3.3.1.2.1	Os homens e as mulheres relatam diferentes quantidades de infidelidades em relação aos seus atuais parceiros, por ocasião da primeira etapa da pesquisa?.....	120
3.3.1.3	Estatísticas descritivas das ocorrências de infidelidade dos pesquisados em relação aos atuais parceiros (segunda etapa da pesquisa).....	121
3.3.1.3.1	Como os pesquisados diferem em relação à infidelidade quanto ao sexo?.....	129
3.4	O ciúme enquanto um possível aspecto projetivo, ou ainda, auto-realizador para a infidelidade amorosa.....	130
3.5	Outros fatores que foram pesquisados em relação ao ciúme e a infidelidade.....	132
3.5.1	Notas físicas, Notas psicológicas, ciúme e infidelidade.....	132
3.5.2	O comprometimento amoroso em relação as variáveis deste estudo.....	135
IV	DISCUSSÃO.....	138
V	CONCLUSÃO.....	154
VI	REFERÊNCIAS.....	159
VII	ANEXOS.....	173

LISTA DE FIGURAS

Figura	Conteúdo	Página
1	Gráfico de dispersão entre as variáveis “Ciúme I” e “Ciúme II”.....	93
2	Gráfico de dispersão entre as variáveis “Ciúme I” (feminino) e “Ciúme II” (feminino).....	94
3	Gráfico de dispersão entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Ciúme II” (masculino).....	95
4	Infidelidade dos parceiros (primeira etapa) <i>versus</i> Infidelidade dos parceiros (segunda etapa), independente do sexo.....	97
5	Análise considerando as citações mais freqüentes da amostra dos comportamentos relacionados à infidelidade, separadamente e independentemente do sexo, em relação aos ex-parceiros.....	103
6	Análise considerando as citações menos freqüentes da amostra dos comportamentos relacionados à infidelidade, separadamente e independentemente do sexo, em relação aos ex-parceiros.....	105
7	Total de Ocorrências de infidelidade, independentemente do sexo, em relação à ex-parceiros.....	107
8	Total de Ocorrências de infidelidade para o sexo feminino em relação aos ex-parceiros.....	108
9	Total de ocorrências de infidelidade para o sexo masculino em relação aos ex-parceiros.....	109
10	Os três comportamentos de maior ocorrência (primeira etapa, independentemente do sexo).....	110
11	Os três comportamentos de menor ocorrência (primeira etapa, independentemente do sexo).....	115
12	Total de ocorrências de infidelidade, independentemente do sexo, em relação aos atuais parceiros (primeira etapa).....	117
13	Total de ocorrências de infidelidade para o sexo feminino em relação aos atuais parceiros (primeira etapa).....	118
14	Total de ocorrências de infidelidade para o sexo masculino em relação às atuais parceiras (primeira etapa).....	119
15	Os três comportamentos de maior ocorrência (segunda etapa, independentemente do sexo).....	123
16	Os três comportamentos de menor ocorrência (segunda etapa, independentemente do sexo).....	124
17	Total de ocorrências de infidelidade, independentemente do sexo, em relação aos atuais parceiros (segunda etapa).....	126
18	Total de ocorrências de infidelidade, para o sexo feminino, em relação aos atuais parceiros (segunda etapa).....	127

19	Total de ocorrências de infidelidade, para o sexo masculino, em relação às atuais parceiras (segunda etapa).....	128
20	Distribuição da variável “Comprometimento amoroso” para os dois sexos.....	136

LISTA DE TABELAS

Tabela	Conteúdo	Página
1	Concordância/Discordância absoluta e relativa (entre parênteses) dos participantes separadamente em relação aos itens encaminhados para a aferição do inventário de comportamentos relacionados à infidelidade.....	80
2	Médias, variâncias e desvios-padrões para as diferentes medidas de ciúme (independentemente do sexo e separadamente por sexo).....	96
3	Correlações para a variável Ciúme, considerando as etapas e o sexo.....	91
4	Correlação, para a variável Infidelidade, segundo o sexo, em dois momentos.....	98
5	Estatísticas descritivas para as variáveis “Infidelidade I” e “Infidelidade II”, independentemente do sexo.....	98
6	Tabela de freqüências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (** e *) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Ex-parceiros).....	100
7	Tabela de freqüências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (** e *) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Atuais parceiros – Primeira etapa).....	113
8	Tabela de freqüências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (** e *) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Atuais parceiros – Segunda etapa).....	122

Resumo

Almeida, T. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. São Paulo, SP, 2007. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Palavras-chave: ciúme, infidelidade, amor, relações homem-mulher.

Embora o ciúme romântico e a infidelidade amorosa sejam dois importantes temas que afetam vários relacionamentos humanos e, também, um desafio para muitos destes, seus mecanismos de gênese, ação, associação e conseqüências que podem acarretar para os desdobramentos amorosos ainda não foram totalmente esclarecidos. O presente trabalho teve por objetivo verificar possíveis associações entre estes dois fenômenos.

Participaram desta pesquisa 45 casais de namorados heterossexuais com média de idade de 24,6 anos recrutados por meio de um anúncio colocado no site da Universidade de São Paulo (USP). Para avaliar os graus de ciúme dos participantes utilizou-se a Escala de Ciúme Romântico - ECR (versões masculina e feminina) de Ramos. Para avaliar a infidelidade dos participantes foi utilizado o Inventário de Comportamentos Relacionados à Infidelidade, confeccionado especialmente para este trabalho.

Para poder analisar os resultados a seguir foram utilizadas as seguintes ferramentas estatísticas: média, desvio padrão, máximo, mínimo, o Teste t para comparação de médias e o teste não paramétrico Mann-Whitney para a comparação das medianas. Os *softwares* utilizados foram o Excel e o Minitab.

Os resultados obtidos mostram que (1) ainda que de forma fraca, o ciúme é um agente de profecia auto-realizadora para a infidelidade ($r = 0,25$; 90 *gl*; $p < 0,05$ e $r = 0,21$; 90 *gl*; $p < 0,05$), de tal forma que há uma associação entre a infidelidade em ambos os parceiros ($r = 0,36$; 45 *gl*; $p < 0,05$; $r = 0,30$; 45 *gl*; $p < 0,05$; $r = 0,36$; 45 *gl*; $p < 0,01$), (2) a partir dos dados analisados, pode-se afirmar que, para a nossa amostra, os sexos não diferem quanto à exibição do ciúme em termos de intensidade, (3) o sexo masculino tem tendência a trair mais do que o sexo feminino, provavelmente por razões ligadas à sexualidade (Teste W = 894,5; 826,0; 1496,5; $p < 0.0001$), (4) foi refutada a hipótese freudiana para a existência de um ciúme de natureza projetiva em homens e para as mulheres, (5) os comportamentos de infidelidade que mais se destacam entre os participantes são relacionados à rede *internet* (utilizar salas de bate papo, *e-mails*, mensagens *on-line*, dentre outros) e ter pensamentos relacionados aos comportamentos infiéis; ambos estão associados com o aumento das oportunidades que as pessoas têm de se engajarem em comportamentos amorosos infiéis, (6) há uma tendência, ainda que fraca, de quanto maior a auto-atribuição do escore “Nota física para si” menor será o número de comportamentos relacionados à infidelidade de seu(sua) parceiro(a) ($r = -0,261$; 90 *gl*; $p < 0,01$), (7) há uma tendência, ainda que fraca, de quanto a Nota física atribuída para o parceiro menor será o escore de ciúme, para ambas as etapas desta pesquisa ($r = -0,217$; 90 *gl*; $p < 0,05$ e $r = -0,205$; 90 *gl*; $p < 0,05$, respectivamente), (8) nada

se pode concluir com relação àqueles que se auto-atribuem notas quanto aos fatores psicológicos, em relação aos parceiros no que diz respeito ao ciúme, ou mesmo no que tange à infidelidade (9) quanto maior a idade dos participantes maior é o seu grau de comprometimento dos mesmos ($r = 0,27$; 90% ; $p < 0,01$). Assim, pode-se concluir que os presentes resultados apoiaram algumas das hipóteses estabelecidas pelo autor desta pesquisa e foram consistentes com pesquisas anteriores, embora tenha refutado outras.

Ainda pouco se conhece a respeito de quais os indivíduos são mais suscetíveis à infidelidade, mas este estudo permitiu identificar alguns fatores que promovem a infidelidade, algo que era muito pouco tratado pela literatura acadêmica até então. Dessa forma, o presente possibilitou uma melhor compreensão da dinâmica interpessoal amorosa, principalmente, referente a estes dois temas. Este estudo ainda, pode contribuir para outros estudos com o “Inventário de Comportamentos Relacionados à Infidelidade” que é útil para medir a frequência de ocorrência de comportamentos amorosos infiéis.

Abstract

Almeida, T. (2007). *Romantic jealousy and loving infidelity between people from São Paulo: incidences and relations*. São Paulo, SP, 2007. Dissertation (Mestrado). Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, SP.

Key-words: jealousy, infidelity, love, man-woman relationships.

Although the romantic jealousy and the loving infidelity are two important subjects that affect some human relationships and, also, a challenge for many of them, its origin mechanisms, action, association and consequences that can contribute to loving unfolding occur, haven't had pretty well clarified. The present work has the intention of to verify possible associations between these two phenomena.

Forty-five straight couples participated of this research with the average of 24.6 years enlisted by un announcement in the website of the University of São Paulo (USP). To evaluate the degrees of jealousy of the participants it was used *the Scale of romantic jealousy* - ECR (masculine and feminine versions) of Ramos, Yazawa & Salazar (1994). To evaluate the infidelity of the participants the "*Inventory of Behaviors Related to the Infidelity*" was especially elaborated for this work.

To be able to analyze the results the following statistical tools had been used: average, standard deviation, maximum, minimum, the "T" test for comparison of averages and the test no parametric Mann-Whitney for the comparison of the medium ones. There were used Excel and Minitab soft wares.

The results show that (1) although in a weak way, the jealousy is an agent of self-fulfilling prophecy for the infidelity ($r = 0,25$; 90 gl; $p < 0,05$ and $r = 0,21$; 90 gl; $p < 0,05$), in such a way that there is an association among the infidelity in both partners ($r = 0,36$; 45 gl; $p < 0,05$; $r = 0,30$; 45 gl; $p < 0,05$; $r = 0,36$; 45 gl; $p < 0,01$), (2) starting from the analyzed data, it can be affirmed that, for our sample, the sexes don't differ as for the exhibition of the jealousy in intensity terms, (3) men usually tend to trail much more than women, maybe because of reasons connected to sexuality ("W" test = 894,5; 826,0; 1496,5; $p < 0.0001$), (4) the Freudian hypothesis was refuted for the existence of a jealousy of projective nature in men and for the women, (5) the infidelity behaviors that more they stand out among the participants are related to the use of the net internet (to use chats-rooms, e-mails, on-line messages, among other) and to have thoughts related to the behaviors infidels; both are associated with the increase of the opportunities that the people have of if they engage in behaviors loving infidels, (6) there is a tendency, although weak, of as larger the attribution of the score physical "Evaluation for itself" minor will be the number of behaviors related to his own infidelity ($r = -0,261$; 90 gl; $p < 0,01$), (7) there is a tendency even it is not strong, of as larger the physical Note attributed for the partner, smaller will be the jealousy score, for both stages of this research ($r = -0,217$; 90 gl; $p < 0,05$ and $r = -0,205$; 90 gl; $p < 0,05$, respectively), (8) There is nothing to conclude in relation to those people who give themselves superior or inferior grades, if the adopted criteria are the psychological factors, in relation to the partners in what it says respect to the jealousy, or even in what it refers to

the infidelity (9) as the participants get older, the more they increase the level of commitment ($r = 0,27$; 90 gl; $p < 0,01$). So, it can be concluded that the results had supported some of the hypotheses established for the author of this research and had been consistent with previous research, although it has refuted others.

There is a lot to know, regarding which individuals are more susceptible to the infidelity, but this research allowed, inside of its references, to identify and to discuss a little on some factors that promote the infidelity, something that has not been a common subject for the academic literature until then. This way, it was also possible to have a better understanding of the interpersonal love dynamics, mainly, referring to these two themes. This research can still contribute to other researches related to the "*Inventory of Behaviors Related to the Infidelity*" that is useful to measure the frequency the infidel love behaviors occur.

Resumen

Almeida, T. (2007). *Celo romántico y infidelidad amorosa entre los paulistanos: incidencias e relaciones*. San Pablo, SP, 2007. Disertación (Mestrado). Instituto de Sicología, Universidad de San Pablo, San Pablo, SP.

Palabras-clave: amor, celo, infidelidad, relaciones hombre-mujer.

Aunque el celo romántico y la infidelidad amorosa sean dos importantes temas que afectan las relaciones humanas y, también un desafío para muchos de estos, sus mecanismos de génesis, acción, asociación y las secuencias que pueden traer para los desdoblamientos amorosos no fueron aún aclarados. El presente trabajo tiene como eje hacer un estudio acerca de las posibles asociaciones entre estos dos fenómenos.

Contestaron a esta investigación cuarenta y cinco parejas de novios heterosexuales con edad media de 24,6 años elegidos por medio de un anuncio puesto en el sitio de la Universidad de San Pablo (USP). Para la evaluación del grado del celo de los participantes se utilizó la Escala de Celo Romántico ECR (versión masculina y femenina) de Ramos, Yazawa & Salazar (1994). Ya para la evaluación de la infidelidad se utilizó del Inventario de Comportamiento con Relación a la Infidelidad creado en especial para este trabajo.

Las herramientas estadísticas media, desvío padrón, máximo, mínimo, el Test t para la comparación de las medias y el Test no paramétrico Mann-Whitney para la comparación de las medianas, fueron utilizadas para la análisis de los resultados. Los softwares usados eran Excel e el Minitab.

Los resultados obtenidos enseñan que: (1) aunque de relieve, el celo é un agente de profecía auto-realizadora para la infidelidad ($r = 0,25$; 90 gl; $p < 0,05$ y $r = 0,21$; 90 gl; $p < 0,05$) de una tal manera que hay una asociación entre la infidelidad en ambos los compañeros ($r = 0,36$; 45 gl; $p < 0,05$; $r = 0,30$; 45 gl; $p < 0,05$; $r = 0,36$; 45 gl; $p < 0,01$), (2) empezando de los datos analizados, puede afirmarse que, para nuestra muestra, los sexos no difieren cuanto a la exhibición del celos en las condiciones de intensidad, (3) en general el sexo masculino traiciona más que el sexo femenino, tal vez por razones ligadas a la sexualidad (Teste W = 894,5; 826,0; 1496,5; $p < 0.0001$), (4) la hipótesis Freudiana se refutó para la existencia del celo con naturaleza proyectiva en los hombres y para lãs mujeres, (5) las conductas de infidelidad que más ellos destacan entre los participantes se relaciona al uso del internet (para usar los chat, correos electrónicos, los mensajes en línea, entre otro) y para tener los pensamientos relacionado a los infieles de conductas; los dos son asociados con el aumento de las oportunidades de que las personas tienen si ellos comprometen en las conductas amorosas infieles, (6) Hay un posibilidad aunque remota, si uno se le atribuye una puntuación ("Nota física para si") menor será la cantidad de comportamientos ligados a la infidelidad de su (s) pareja(s) ($r = -0,261$, 90 gl; $p < 0,01$), (7) Aunque débil la posibilidad, cuanto más cada participante dá

una nota mayor a su pareja, menor será la puntuación de celo para cada etapa de esta investigación ($r = -0,217$; 90 gl; $p < 0,05$ e $r = -0,205$; 90 gl; $p < 0,05$ en respectivo), (8) Nada se ha concluido en respecto aquellos que se atribuyen notas mejores o peores, mientras los criterios adoptados sean los factores psicológicos relacionados a sus parejas que se refieren a celo o la infidelidad en si, (9) Cuanto mayor los participantes más grande es su grado de comprometimiento ($r = 0,27$; 90 gl; $p < 0,01$). Con esto se concluye que los resultados apoyaron algunas de las hipótesis del autor de esta investigación y hubo consistencia con investigaciones anteriores, aunque se ha rechazado otras.

Poco se conoce acerca de cuales son los individuos más susceptibles a la infidelidad, todavía este estudio ha posibilitado dentro de su contexto identificar y discutir más acerca de algunos factores que llevan a la infidelidad, asunto sin mucha énfasis hasta ahora. De hecho, el trabajo ha posibilitado una mejor comprensión dinámica interpersonal amorosa, en la que se refiere estos dos temas. Este estudio puede aun hacer una contribución para otros más con el inventario de comportamientos con relación a la infidelidad, muy útil para medir la frecuencia con la que ocurren los comportamientos amorosos infieles.

Résumé

Almeida, T. (2007). *Jalousie romantique et infidélité amoureuse à São Paulo: incidences et relations*. São Paulo, SP, 2007. Dissertation (Master). Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo, SP.

Mots-clef: jalousie; l'infidélité; l'amour; relations homme-femme.

Bien que la jalousie romantique et l'infidélité amoureuse soient deux thèmes importants qui touchent plusieurs relations humaines et, aussi, un défi pour plusieurs de ceux-ci, leurs mécanismes de genèse, action, association et conséquences qui peuvent influencer les développements amoureux n'ont pas encore été complètement éclaircis. Ce travail a eu l'objectif de vérifier des associations possibles entre ces deux phénomènes.

45 couples d'amants hétérosexuels, dont l'âge moyen était de 24,6 ans, ont participé à cette recherche. Ils ont été recrutés au moyen d'une petite annonce publié sur le site de l'Université de São Paulo (USP). Pour évaluer les degrés de jalousie des participants, l'Échelle de Jalousie Romantique ECR (versions masculine et féminine) de Ramos, Yazawa & Salazar (1994) a été utilisé. Pour évaluer l'infidélité des participants, l'Inventaire de Comportements en rapport avec l'Infidélité, préparé spécialement fait pour ce travail.

Pour pouvoir analyser les résultats qui se présenteront ensuite, ces outils statistiques ont été utilisés: la moyenne, la déviation standard, maximum, minimum, le Test t pour la comparaison de moyennes et le test non paramétrique Mann-Whitney pour la comparaison des moyennes. Les logiciels utilisés étaient l'Excel et le Minitab.

Les résultats obtenus montrent que (1) bien que d'une façon légère, la jalousie est un agent de prophétie qui se concrétise pour l'infidélité ($r = 0,25$; 90 gl; $p < 0,05$ et $r = 0,21$; 90 gl; $p < 0,05$), de cette façon qu'il y a une association parmi l'infidélité dans les deux copains ($r = 0,36$; 45 gl; $p < 0,05$; $r = 0,30$; 45 gl; $p < 0,05$; $r = 0,36$; 45 gl; $p < 0,01$), (2) des données analysées, il peut être affirmé que, pour notre échantillon, les sexes ne diffèrent pas comme pour l'exposition de la jalousie dans les termes de l'intensité, (3) le sexe masculin a tendance à tromper plus que le sexe féminin, probablement pour des raisons liées à la sexualité (Test W = 894,5; 826,0; 1496,5; $p < 0.0001$), (4) l'hypothèse Freudienne de l'existence d'une jalousie de nature projective a été réfutée et pour les femmes, (5) les comportements de l'infidélité qui s'observent le plus parmi les participants sont en rapport avec l'internet (utilisation de salles de chat, e-mail, messages en ligne, entre autres) et les pensées en rapport avec les comportements infidèles; les deux sont associés avec l'augmentation de les occasions qu'ont les gens de participer à des comportements infidèles, (6) il y a une tendance, bien que faible, qui montre que le "score" la "Note physique pour soi-même", la plus haute elle est, le plus petit le chiffre de rapports avec l'infidélité de son copain ($r = -0,261$; 90 gl; $p < 0,01$), (7) il y a une tendance, bien que faible, qui montre que le "score" la "Note physique pour le copain", la plus basse elle est, le plus petit le "score" de jalousie, et cela dans les deux étapes de la recherche ($r = 0,217$; 90 gl; $p < 0,05$ e $r = -0,205$; 90 gl; $p < 0,05$, respectivement), (8) rien ne peut être conclu de ceux qui s'attribuent des

notes pour les facteurs psychologiques, par rapport aux copains en ce qui concerne la jalousie ou l'infidélité elle-même, (9) le plus âgé des participants, le plus grand est leur degré d'engagement ($r = 0,27$; 90 g/; $p < 0,01$). Ainsi, on peut conclure que les résultats présents ont confirmé quelques-unes des hypothèses établies par l'auteur de cette recherche, et qu'ils étaient consistants avec des recherches antérieures, bien qu'ils aient réfuté d'autres.

C'est encore peu, ce qu'on connaît de quels individus sont plus susceptibles à l'infidélité, mais cette étude nous a permis d'identifier quelques facteurs qui encouragent l'infidélité, ce dont la littérature académique jusqu'à présent s'occupaient très rarement. De cette façon, ce travail nous a donné une compréhension meilleure de la dynamique interpersonnelle amoureuse, surtout concernant ces deux thèmes. Cette étude peut encore contribuer aux autres avec "l'Inventaire de Comportements en rapport avec l'Infidélité" qui est utile pour mesurer la fréquence d'occurrences des comportements amoureux infidèles.

Astratto

Almeida, T. (2007). La gelosia romantica e l'infedeltà amorosa fra individui di São Paulo: incidenza e relazioni. São Paulo, SP, 2007. Dissertazione (Master). Istituto di Psicologia, Università di São Paulo, São Paulo, SP.

Parole-chiave: gelosia, infedeltà, amore, relazioni uomo-donna.

Anche se la gelosia romantica e l'infedeltà amorosa sono due importanti temi che colpiscono molte relazioni umane e sono anche una sfida per molti di questi, i loro meccanismi di genesi, azione, associazione e conseguenze che possono portare per gli svolgimenti amorosi non sono ancora totalmente schiariti. Il presente lavoro ha per obiettivo verificare le possibili associazioni fra questi due fenomeni.

Hanno partecipato di questa ricerca 45 coppie di innamorati eterosessuali con media di 24,6 anni d'età, arruolati attraverso un annuncio messo nel *site* dell'Università di São Paulo (USP). Per valutare i gradi della gelosia dei partecipanti fu usata la Scala della Gelosia Romantica ECR (versioni maschili e femminili) di Ramos, Yazawa & Salazar (1994). Per valutare l'infedeltà dei partecipanti fu usato l'Inventario di Comportamenti Relativi all'Infedeltà che è stato specialmente costituito per questo lavoro.

Per potere analizzare i risultati furono usati i seguenti attrezzi statistici: media, deviazione normale massimo, minimo, la Prova t per paragone di medie e la prova non parametrica Mann-Whitney per il paragone delle mediane. I software usati furono l'Excel e Minitab.

I risultati ottenuti mostrano che (1) anche se di forma leggera, la gelosia é un agente di profezia auto-intraprendente per l'infedeltà ($r = 0,25$; 90 *gl*; $p < 0,05$ e $r = 0,21$; 90 *gl*; $p < 0,05$) in tale modo che c'è un'associazione fra l'infedeltà in ambo le coniugi ($r = 0,36$; 45 *gl*; $p < 0,05$; $r = 0,30$; 45 *gl*; $p < 0,05$; $r = 0,36$; 45 *gl*; $p < 0,01$), (2) dai dati analizzati, può essere affermato, che, per il nostro esemplare, i sessi non differiscono come per l'esposizione della gelosia in termini di intensità, (3) il sesso maschile ha tendenza a tradire più che il sesso femminile, probabilmente per ragioni collegate alla sessualità (Esame W = 894,5; 826,0; 1496,5; $p < 0,0001$); (4) l'ipotesi freudiana in uomini fu rifiutata per l'esistenza di una gelosia di natura proietiva e per le donne, (5) i comportamenti di infedeltà che sono di rilievo fra i partecipanti è riferito all'internet (usare stanze per chiacchierare, e-mail, chats, fra altro) e pensieri relativi a comportamenti che portano all'infedeltà; ambo sono associati con l'aumento delle opportunità che le persone hanno di entrare in comportamenti amorosi d'infedeltà, (6) c'è una tendenza, anche se debole, di quanto più grande l'auto-attribuzione del score "Nota fisica per se" che sarà minore il numero di comportamenti riferito all'infedeltà del suo(a) partner ($r = -0,261$; 90 *gl*; $p < 0,01$), (7) c'è una tendenza, anche se debole, di come la Nota fisica attribuita per il più piccolo partner sarà il risultato di gelosia, per ambedue momenti di questa ricerca ($r = -0,217$; 90 *gl*; $p < 0,05$ e $r = -0,205$; 90 *gl*; $p < 0,05$, rispettivamente), (8) non si può concludere niente riguardando quelli che si attribuiscono note come per fattori psicologici, in relazione ai partner in quello che concerne la gelosia, o anche riguardo all'infedeltà (9) quanto più grande l'età dei partecipanti più

grande è il grado di comprometimento di loro due ($r = 0,27$; 90 *gl*; $p < 0,01$). Così, si può concludere che i presenti risultati hanno sostenuto alcune delle ipotesi stabilite dall'autore in questa ricerca e sono consistenti con ricerche anteriori, anche se malgrado, abbiamo rifiutato altre.

Ancora si conosce poco a rispetto di quali individui sono più suscettibili all'infedeltà, ma questa ricerca permise identificare dei fattori che promuovono l'infedeltà, assunto che era molto poco trattato nella letteratura accademica fino d'ora. Così, la presente ricerca ha reso possibile una migliore comprensione delle dinamiche interpersonali amorose, principalmente con riguardo a questi due temi. Questo studio potrà contribuire ad altri studi col "Inventario di Comportamenti Riferiti all'Infedeltà" che è utile per misurare la frequenza di avvenimento di comportamenti amorosi d'infedeltà.

“Ciúme. *S. m.* **1.** Sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, fazem nascer em alguém; zelos. (Nesta acepção é masculino usado no plural). **4.** Receio de perder alguma coisa; cuidado; zelo.” (Ferreira, 1986, p. 333).

“Como ciumento sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovo de sê-lo, porque temo que meu ciúme machuque o outro, porque me deixo dominar por uma banalidade. Sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum” (Barthes, 1981, 47).

“O ciumento acaba sempre encontrando mais do que procura” (Mademoiselle Scudéry, citada por Ferreira-Santos, 1998, p. 18).

“Por mais que se deseje ou precise, duas pessoas jamais serão uma só” (Ferreira-Santos, 1998, p. 18).

“se a culpa e o ciúme puderem ser superados, a infidelidade deixará de ser um problema” (Pittman, 1994, p. 7).

I - INTRODUÇÃO

“Introduzir não é oferecer ao eventual leitor o mágico ‘Sésamo’ do pensamento nem, tampouco, guardar mesquinamente o ‘segredo’ que – protegido de uma vulgarização impossível --- ficaria mais bem guardado no não-dito de um discurso, generoso em outros aspectos” (Deleule, 1975, p. 19)

Pode-se dizer que mesmo quando não se trata da escolha de um(a) namorado(a) com vistas a um relacionamento a longo prazo, as pessoas são temerosas de que seus(suas) parceiros(as) encontrem parceiros(as) potencialmente mais atraentes e gratificantes do que eles(as), e dessa forma, alimentam, freqüentemente, uma insegurança afetiva (Buss, 2000; Murray & Holmes, 2000). Conseqüentemente, por se encarar os relacionamentos amorosos como empreitadas de um elevado risco e, talvez, com não tão significativos benefícios, vive-se em busca de se apossar do que é melhor em cada pessoa, a cada momento, numa dinâmica contraproducente à qualidade de qualquer relacionamento.

No caso de relacionamentos de longa duração, como matrimônios, por exemplo, acordos pré-nupciais prevendo futuras rupturas e abandonos, palavras cada vez de menor valia, e promessas cada vez mais rigorosamente supervisionadas a fim de serem cumpridas, são situações cada vez mais rotineiras, das quais ninguém mais passa incólume. Em

minha opinião, essas e muitas outras rumações mentais que levanto a respeito do amor e de seus desdobramentos distorcem e afastam mais e mais as pessoas umas das outras, ao invés de encaminhá-las para serem felizes juntas e unidas por um mesmo ideal.

Muitos pesquisadores estudam com afinco a questão dos fatores que podem contribuir para que um relacionamento amoroso se mantenha estável e tenha uma boa qualidade para ambos os parceiros. Alguma coisa se produziu, embora ainda muita coisa precise ser investigada a respeito. Duas das mais inquietantes preocupações que as pessoas têm no tocante aos relacionamentos amorosos são o ciúme romântico e a infidelidade. Estes fenômenos parecem rondar os relacionamentos amorosos. Neste trabalho discutiremos a ambos.

Primeiramente, em relação ao ciúme, pode-se dizer que ele é uma emoção extremamente comum. Para Shinyashiki e Dumêt (2002): “é inegável que todos nós, em algum momento da vida, e em graus diferentes, experimentamos a sensação de ciúme” (p. 80). O ciúme pode ser entendido como uma reação frente à ameaça de um rival (real ou não) a um relacionamento importante (Costa, 2005; Kebleris & Carvalho, 2006; Kingham & Gordon, 2004). Está presente com frequência nas relações humanas, e, quando relacionado às relações diádicas-afetivas, isto é, aos casais, é denominado de ciúme romântico (Hansen et al, 1985; Salovey, 1986;1989). Hintz (2003) ainda destaca que o ciúme faz parte da relação amorosa. A idéia de ser o(a) único(a) na vida do ser amado desaparece, quando entra um terceiro elemento na relação. A idéia de infidelidade,

muitas vezes, não é confirmada, todavia, o medo da perda origina idéias persecutórias, levando, possivelmente, à destruição da relação.

Segundo Stendhal (1999) o ciúme (leia-se: ciúme romântico), é o maior de todos os males. Seja ou não verdadeira esta afirmação, a experiência do ciúme é comum nos relacionamentos amorosos (Almeida, 2003; Amélio, 1999; Amélio & Martinez, 2005; Clanton, 1998; Melamed, 1991; Pines, 1998; Pines & Aronson, 1983).

Para os autores Hintz (2003) e Branden (1998), o ciúme é uma emoção experimentada por um indivíduo que percebe que o amor, a afeição e a atenção estão sendo dados a uma terceira parte, quando julga que estas oportunidades deveriam estar sendo oferecidas a ele.

Consoante Amélio (2001; 2005¹) e Salazar, Couto, Gonçalves e Pereira (1996), o ciúme em doses certas serviria para fortalecer, aliado a outros fatores, a estabilidade de um relacionamento amoroso. Ainda, segundo Amélio (1999) uma completa ausência de ciúme é danosa para um relacionamento amoroso, por geralmente implicar numa baixa adesão de pelo menos uma das partes envolvidas. Concorde a esta linha de raciocínio, Fischer (2006), argumentará que o ciúme pode estimular uma pessoa a acalmar o parceiro desconfiado com declarações de fidelidade e ligação, contribuindo para a durabilidade do relacionamento. Ainda segundo Fischer (2006) o ciúme é uma reação adaptativa, uma vez que homens e mulheres captam sinais genuínos de que o relacionamento está fracassando, ou ainda, quando lidam com parceiros descompromissados, de forma que, se perseverarem em tal tipo de relacionamento, terão menos oportunidades de

¹ Extraído do site <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2006/espaco63jan/atualiza/comportamento.htm>, em 30 de abril de 2006.

conseguirem parceiros mais adequados, além de diminuir as possibilidades de propagarem sua descendência.

Pittman (1994) afirma que “o ciúme pode ser uma emoção normal, adequada e, inclusive, necessária. Ele é a consciência de uma distância e interferência em um relacionamento de compromisso” (Pittman, 1994, p. 48).

O comprometimento é algo difícil de se definir. Porém, apesar da pouca uniformidade descritiva e conceitual observada nos trabalhos sobre o tema, existe um consenso de que quando alguém fala de comprometimento, está falando da estabilidade da associação (Adams & Jones, 1999; Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999). O conceito de compromisso e de comprometimento “sumariza todos os fatores que atuam estavelmente para promover e manter a interação entre indivíduos” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999, p. 363), e também, “é um propósito declarado ou inferido de uma pessoa que quer manter uma relação” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999, p. 363). Diz respeito ao propósito de adesão que as pessoas sustentam mesmo quando alguns dos fatores que o favorecem são fracos, ou ainda, aos vínculos que permanecem mesmo quando os fatores que o desabonam são muito fortes. Alguns fatores, como a idade por exemplo, podem se relacionar ao comprometimento e colaborar com o aumento da adesão dos parceiros ao relacionamento amoroso que eles estabeleceram.

Faremos uma tentativa de escrutinizar de forma sistemática os prós e os contras que devem ser levados em consideração ao se analisar o comprometimento. Suas causas devem ser consideradas quando se tenta

entender e justificar algumas das variáveis importantes, que provavelmente influenciarão um futuro relacionamento. Rodrigues, Assmar & Jablonski (1999) as categorizam em três grupos principais:

1. *causas pessoais*: características relativamente duradouras de cada um dos parceiros que compõem a relação, como os traços de personalidade, atitudes ou habilidades;
2. *causas relacionais*: quando uma regularidade na interação reflete uma combinação particular de disposições das duas pessoas. É o que ocorre, por exemplo, o namoro de uma pessoa com características de dependência afetiva e a outra superprotetora;
3. *causas ambientais*: referentes às características do ambiente físico e/ou social no qual a relação está inserida e são desenvolvidas, como por exemplo, dificuldades financeiras, normas sociais etc.

Reiterando a discussão a respeito do ciúme, podemos dizer que as suas principais definições fazem referência a um complexo de emoções provocadas pela percepção de uma ameaça a um relacionamento diádico e exclusivo (Daly & Wilson, 1983). Esta caracterização leva em conta a existência de diferentes tipos de ciúme (Bringle, 1981; 1991; Bringle & Buunk, 1986) e que eles podem surgir nos mais diversos contextos interpessoais (Bringle, Roach, Andler & Evenbeck, 1977; Pines, 1998; Shackelford, Leblanc & Drass, 2000), embora sejam comumente associados com os relacionamentos amorosos (Greenberg & Pyszczynski, 1985).

Uma das definições mais aceitas para o ciúme é a de que ele é um “complexo de pensamentos, sentimentos e ações que se seguem às ameaças para a existência ou a qualidade de um relacionamento, enquanto estas ameaças são geradas pela percepção de uma real ou potencial atração entre um parceiro e um (talvez imaginário) rival” (White, 1981c, p.129).

Subsidiados por tal definição pode-se discutir o ciúme romântico não só como comportamento, mas também enfocar os sentimentos e pensamentos que o fundamentam. Vale ressaltar que o ciúme romântico está condicionado à ameaça, ainda que virtual, ou mesmo remota, da infidelidade do parceiro. Portanto, é possível conjecturar até que ponto somos responsáveis, por meio do nosso ciúme, da aproximação ou mesmo do afastamento dos nossos parceiros amorosos dos relacionamentos que queremos preservar, muitas vezes a qualquer custo.

Pari passu, o ciúme está relacionado à infidelidade amorosa que, por sua vez, está relacionada à falta de observância do compromisso de exclusividade daqueles que deveriam estar comprometidos com um relacionamento amoroso (Lusterman, 1998; Pittman, 1994).

Goldenberg (2006) aponta que numa época como a nossa em que os casais não acreditam no amor eterno, é interessante refletirmos sobre a questão da fidelidade, que permanece como uma busca permanente, inclusive para os relacionamentos extraconjugais. Segundo esta autora “a fidelidade permanece como um valor, apesar das enormes mudanças nas relações afetivo-sexuais na atualidade” (Goldenberg, 2006, p. 18). Assim, pode-se inferir que a infidelidade não somente é condenada nos

relacionamentos amorosos oficiais, mas também nos que são paralelos ao vínculo assumido com os atuais parceiros.

As infidelidades podem abarcar muitas manifestações diferentes, além de poder prejudicar inúmeros relacionamentos amorosos. Excetuando a esterilidade, o adultério é a maior causa de separação segundo o estudo transcultural de Betzig (1989). E muito embora o adultério sempre tenha sido punido pela sociedade de diversas formas, mesmo assim, a infidelidade é uma prática corrente, em qualquer lugar, possivelmente pela constante busca de satisfação (Lins, 2006).

Para Vieira citado por Kupstas (1997), nas sociedades monogâmicas a fidelidade associava-se a honra e a moral, e dessa forma era considerada um instrumento protecionista para a estrutura familiar, talvez até mesmo um imperativo biológico, uma adaptação evolutiva à questão da incerteza da paternidade. E dessa forma, dava-se grande ênfase à fidelidade feminina enquanto a infidelidade masculina era bem aceita.

Evidencia-se, que a infidelidade, a exemplo do ciúme, não se atém somente aos relacionamentos maritais, e pode ser encontrada em outros contextos românticos como namoros, noivados e demais formas de relacionamento interpessoal amoroso (Bringle, 1995 a e b; Goldenberg, 2006; Shackelford, Leblanc & Drass, 2000; Thompson, 1983; 1984).

Por ocasião da descoberta da infidelidade, muitos pensamentos vêm à tona e estes pensamentos são acompanhados por uma gama de sentimentos: raiva, vergonha, medo, e, sobretudo, pelo ciúme. Nesse sentido, ele não é somente constituído por sentimentos, mas também, por cognições, ações e alterações fisiológicas, derivados do medo da perda do

ser amado. Daí, as pessoas podem se comportar das mais diversas formas: separando-se, negando a situação em andamento, cuidando melhor dos parceiros, de si mesmas, retaliando os parceiros, ou mesmo os rivais, dentre outras possibilidades.

1 - A IMPORTÂNCIA DO AMOR NO COTIDIANO

O amor é um tema extremamente presente em nossas vidas. E, em nosso cotidiano, quase que freneticamente, busca-se cada vez mais o amor. E o que pode ser entendido por amor? Segundo Amélio (2001) “amor é um termo utilizado para nomear um grupo de sentimentos, ações e padrões de pensamentos que, embora relacionados, são bastante diversificados” (p. 23). Adicionalmente, Almeida e Mayor (2006) concebem o amor como um aspecto inerente ao ser humano, que tende a se perdurar e possui inúmeras formas válidas de manifestação. Então, o amor possui uma extensa variedade de formas e explicações sob diversos prismas. Dessa forma, em termos cognitivo-comportamentais, o amor é visto por estes autores como um sistema dinâmico, não só por ser multideterminado, mas também pelo fato de apresentar uma pluralidade de conseqüências. E, de forma geral, pode-se dizer que as relações que estabelecemos ao longo de nossas histórias estão permeadas pelas relações amorosas. Contudo, discorrer a respeito do amor é freqüentemente um árduo trabalho, em razão de algumas dificuldades metodológicas e impropriedades conceituais intrinsecamente relacionadas a esta tarefa.

Consoante Braz (2006), o amor é a condição fundamental para o nascimento ontogenético da pessoa. Ele participou e participa ativamente da evolução e estruturação do *Self*, porque é capaz de aproximar a pessoa de sua essência, por propiciar o desenvolvimento de relações sociais, dentre outras coisas. Nesse sentido, a autora ainda coloca que o amor é

uma característica própria do ser humano, uma tendência inata da espécie e um dos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento de todos nós humanos. E, de forma geral, pode-se dizer que as relações que estabelecemos ao longo de nossa história estão permeadas pelas relações de amor.

Morton Hunt, em seu livro, *The Natural History of Love* retratou, talvez equivocadamente, o século passado como sendo a “Idade do Amor”. O autor justificou-se dizendo que nunca em nenhuma outra fase da história da civilização houve uma proporção tão vasta da humanidade que tenha dedicado tão elevada consideração ao amor, nas suas mais diversas formas para expressá-lo como naquela fase (Hunt, 1959). Contudo, ao que parece, esta é uma tendência que tende a perdurar indeterminadamente, não se restringindo a uma fase ou século.

Paradoxalmente, consolidamos em nosso cotidiano alguns pensamentos contraditórios, como o de Costa (1998), em referência aos relacionamentos amorosos: “Quando é bom não dura e quando dura já não entusiasma” (Costa, 1998, p. 11). Outros pensamentos parecidos e que bastante me consternam são pensamentos difundidos pela sociedade tais como: tudo o que é bom dura pouco. Levando-se em consideração que a cada década as pessoas vivem mais, e que, portanto, caminhamos para uma maior longevidade, haverá o dia em que a humanidade perpassará a expectativa de vida dos 100 anos, e assim, qual(is) é(são) a(s) implicação(ões) disso para os relacionamentos amorosos? Se nos fundamentarmos em pensamentos tais como “o que é bom tem um prazo de validade”, qual é o prognóstico para os relacionamentos amorosos que hão

de vir? Será mesmo verídica a necessidade de se passar a vida inteira a temermos o fim de um grande amor? Ou talvez, é realmente necessário aceitar a idéia de que o amor não é para todos? Por que será que o 'eu te amo' de ontem pode não valer para hoje?

Logo, a temática dos relacionamentos amorosos, como anteriormente dito, é uma das áreas mais importantes (e geralmente problemáticas) da vida das pessoas. Infelizmente, tal importância é mais bem percebida quando as coisas não vão bem. Quando isso acontece, tanto o nosso humor, como a nossa capacidade de concentração, a nossa energia, o nosso trabalho e a nossa saúde, dentre outras dimensões das nossas vidas, podem ser profundamente afetados (Amélio, 2001). É interessante observarmos também o que um relacionamento amoroso mal sucedido pode acarretar para o corpo humano, como nos aponta Almeida (2007) ao tematizar uma cardiopatia denominada "Síndrome do Coração Partido" relacionada ao súbito estresse e a incapacidade de elaborá-lo. O autor afirma que o fim de um romance pode fazer o coração sofrer e debilitá-lo de tal forma que pode ser confundida com um ataque cardíaco (Almeida, 2007).

O amor é considerado um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais (Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues, Oliveira & Martinez, 2005). Uma pesquisa realizada por Levine (1988), em onze países (inclusive no Brasil), apresentou evidências a respeito da importância do amor como requisito para a escolha de um cônjuge. Estes autores pediram para pessoas destes países que respondessem à seguinte questão: "Se um homem/mulher tivesse todas as qualidades que você deseja, você se

casaria com ele(a) mesmo se não o(a) amasse?” Havia três opções de resposta: sim, não e indeciso. Homens e mulheres responderam a esta questão de uma forma semelhante. De acordo com os resultados desta pesquisa, os países participantes podiam ser classificados em dois grupos: aqueles onde a resposta “*sim*” foi a mais freqüente (na Índia e no Paquistão), e aqueles onde a resposta “*não*” foi a mais freqüente (em todos os outros países pesquisados). Em nenhum dos países a resposta “*indeciso*” foi a mais freqüente. Os EUA e o Brasil foram os países que mais rejeitaram o casamento sem amor. No Brasil, apenas 4,3 % das pessoas disseram que se casariam sem amor, 10% ficaram indecisas e 85,7% disseram que não se casariam sem amor. Os países coletivistas e/ou mais atrasados economicamente são aqueles onde as percentagens de indecisos foram muito grandes. Uma grande percentagem de indecisão parece indicar que estes países estão em uma fase de transição quanto ao papel que este sentimento deve desempenhar na escolha do cônjuge: o casamento arranjado está sendo substituído pelo casamento onde os parceiros é que se escolhem e, neste caso, o amor é um dos principais critérios de escolha. Outros estudos, como o de Buss (1989), atestam a importância deste sentimento para a escolha do cônjuge. De acordo com este estudo, a maioria das pessoas (66% da amostra) não aceitava casar-se com alguém que possuísse todos os requisitos para um relacionamento romântico, com exceção de estar enamorado pelos próprios parceiros. Paralelamente, os estudos de Bystronski (1995) revelam que para a maioria das pessoas afirmar a intimidade com outros seres humanos é, isoladamente, o aspecto mais gratificante da vida.

Levando-se em consideração esta literatura de referência que nos indica alguns dos muitos motivos de porque o amor e os relacionamentos amorosos são tão valorizados em nossa sociedade, podemos agora procurar entender melhor o mecanismo do ciúme que, por definição, visa diminuir ou eliminar os riscos da perda do ser amado e, conseqüentemente, do amor, da afeição, do tempo e da atenção e de outros recursos que o parceiro pode redirecionar para o algum(a) rival real, ou ainda, imaginário(a) quando estas oportunidades deveriam estar sendo oferecidas para o(a) parceiro(a).

2 - TEORIAS GLOBAIS SOBRE O CIÚME

A literatura mundial que trata do ciúme é abundante, e as divergências de opinião acerca do assunto também o são. Embora o conceito de ciúme tenha uma dimensão pluralística, no sentido de admitir a coexistência de vários princípios na tentativa de explicá-lo, é freqüente que os autores se respaldem na definição fornecida, em 1981, pelo autor Gregory White por contemplar um número maior de fatores e por ser menos contraditória em relação a todas as outras que lhe sucederam. É por essa razão que doravante buscaremos esboçar um breve panorama histórico de como tal conceito foi compreendido, a fim de que possamos nos aproximar de uma padronização conceitual, ao menos para os nossos objetivos.

2.1. Ciúme: um breve panorama histórico.

Numa perspectiva mais ampla, que remonta há aproximadamente vinte e quatro séculos atrás, Aristóteles (2001) definia o ciúme como o desejo de ter o que outra pessoa possui, isto é, originariamente ele era concebido como uma qualidade boa e se referia ao desejo de imitar uma nobre atitude característica de uma outra pessoa. Nesta acepção, o filósofo pensava o ciúme em termos de uma nobre inveja.

Mais tarde, encontramos nas referências bíblicas ilustrações que denotavam como o ciúme já tinha sido concebido como algo belicoso à boa

vivência do amor. Salomão, em seu livro “Cântico dos Cânticos²”, acreditava que o amor era forte como a morte e o ciúme, concebido enquanto uma paixão, era cruel como um túmulo.

Treze séculos depois, o autor de epigramas, escritor clássico e moralista francês François de la Rochefoucauld³ reconhecia no ciúme uma tendência egocêntrica ao dizer: há no ciúme mais amor-próprio do que amor. Este autor ainda identificava o amor como substrato para a gênese do ciúme: O ciúme nasce sempre com o amor, mas nem sempre morre com ele. Rochefoucauld (2006) ainda associa o ciúme às grandes mazelas humanas, em suma, para ele, o maior de todos os males.

No século XIX, na Alemanha, o ciúme, era concebido por Freud como um estado emocional. Segundo Freud (1922/ 1976), “O ciúme é um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais” (p. 271). No texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*, o autor faz uma distinção entre três tipos de ciúmes, o competitivo ou normal, o projetado e o delirante. Então, Freud (1922/1976, p. 271), escreveu sobre a projeção do ciúme:

O ciúme da segunda camada, o ciúme projetado, deriva-se, tanto nos homens quanto nas mulheres, de sua própria infidelidade concreta na vida real ou de impulsos no sentido dela que sucumbiram à repressão. É fato da experiência cotidiana que a fidelidade, especialmente aquele seu grau exigido pelo matrimônio, só se mantém em face de tentações contínuas. Qualquer pessoa que negue essas tentações em si própria sentirá, não obstante, sua pressão tão fortemente que ficará contente em utilizar um

² Esta referência pode ser encontrada em qualquer versão do texto bíblico no livro Cântico dos Cânticos 8, versículo 6.

³ Extraído do site <http://www.proverbs-citations.com/larochefoucauld.htm>, em 30 de abril de 2006.

mecanismo inconsciente para mitigar sua situação. Pode obter esse alívio - e, na verdade, a absolvição de sua consciência - se projetar seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade.

Assim, para este autor, o ciúme poderia estar associado, no próprio ciumento, com as suas próprias infidelidades. Destarte, para Freud (Freud, 1922/1976) é o desejo e a possibilidade virtual de trair o parceiro que engendra em cada parceiro o próprio ciúme.

Em Paris, para Stendhal (1999), o ciúme tinha uma conotação negativa e estava atrelado à vaidade quando dizia que o que tornava a dor do ciúme tão aguda era a vaidade que não contribuía para nos ajudar a suportá-la.

Observa-se, na literatura científica, que estudos sistemáticos sobre o ciúme aumentaram significativamente a partir de 1977, quando da realização de reuniões anuais científicas que o incluíam como tema de estudo. Isto aconteceu, em especial nos eventos da *Midwestern Psychological Association* e da *American Psychological Association*. Atualmente este é uma das temáticas que mais cativa os pesquisadores em todo o mundo (Ramos & Spera, 1995).

2.2. Teorias a respeito do ciúme.

Tanto o amor como o ciúme, possuem uma extensa variedade de formas e explicações, sob diversos prismas. Focalizaremos algumas delas de acordo com os objetivos desta pesquisa.

Atualmente, alguns teóricos consideram o ciúme como sendo um sentimento (Albisetti, 1994; Cavalcante, 1997; Clanton & Smith, 1998; Gikovate, 1998; Pines, 1998; Pines & Aronson, 1983 e Shettel-Neuber, Bryson & Young, 1978) outros como uma emoção negativa (Lazarus, 1993; Mathes, 1992; Montreynaud, 1994; Savian, 2002; Shinyashiki & Dumêt, 2002), ou ainda, uma emoção aversiva (Buunk, 1991 e McIntosh & Tangri, 1989). Há os que o concebem como um complexo de pensamentos, emoções e ações (Clanton, 1998; Ferreira-Santos, 1998; Hupka, 1981; 1991; Parrot, 1991; Pfeiffer & Wong, 1989; Rydell, McConnell & Bringle, 2004; Sharpsteen, 1991, 1993; White, 1981b, 1984; White & Mullen, 1989 e Zammuner, 1995).

Para alguns autores, existem vários tipos de ciúme (Sheets & Wolfe, 2001), diversos graus de ciúme (Ramos, 1998; 2000; Shinyashiki & Dumêt, 2002), manifestações de ciúme distintas para homens e mulheres (Bringle & Buunk, 1986; Buss, 2000; Pines & Friedman, 1998; White & Mullen, 1989) e mais de um tipo de ciúme em relação a uma mesma pessoa amada (Gikovate, 1998). As pessoas também podem ficar mais ciumentas durante períodos de fracasso ou perda (Pittman, 1994). E ainda, podem-se ter ciúmes de objetos, coisas, animais e pessoas, em diferentes intensidades e com relação ao mesmo objeto valorizado de múltiplas maneiras (Almeida, 2005).

2.2.1 A teoria evolutiva e a etiologia do ciúme em relação à infidelidade.

Abstraindo-se nossas aspirações mais românticas, o amor seria uma espécie de contrato biológico entre um homem e uma mulher. Para a etologia, ciência que estuda as origens dos comportamentos dos seres humanos e animais, esse contrato determinaria que, em troca de recursos trazidos por um homem para garantir a alimentação, o abrigo e a proteção da mulher e dos filhos dele, esta, em contrapartida, disponibilizaria o seu útero, com exclusividade, à disposição do mesmo.

Contudo, a infidelidade parece que sempre rondou o amor entre as pessoas em todas as épocas, pois, segundo o que nos mostram as pesquisas (e.g. Daly, Wilson & Weghorst, 1982) a infidelidade é comum em todas as sociedades humanas conhecidas. Consoante Fisher (2006): “fomos constituídos para amar e amar novamente” (Fisher, 2006, p.193). Viscott (1996) aponta que existem tantos motivos que levam as pessoas a traírem seus parceiros quantos relacionamentos amorosos. Para este mesmo autor “trair é investir em outra pessoa aquela energia emocional e sexual [e demais recursos como tempo, dinheiro, etc] que deveria ser direcionada para seu parceiro” (Viscott, 1996, p. 193). Em uma de suas pesquisas Goldenberg (2006) indica que 60% dos homens e 47% das mulheres confessaram ter traído seus(suas) parceiros(as). Nesta mesma pesquisa, ao responderem se foram traídos, 41% das mulheres e 32% dos homens afirmaram que sim. As razões apontadas para a infidelidade feminina foram: falta de amor, insatisfação, e ainda crise ou problemas no casamento. Entretanto, os homens apontaram, além dos mesmos motivos,

outros como: natureza masculina, instinto, “aconteceu”, oportunidade, atração, desejo, vontade, tesão, testículocefalia, não conseguir resistir, para não se arrepender das oportunidades que perdi.

Alberoni (1986) afirma que a princípio, ao escolher, ainda que inconscientemente, um parceiro afetivo, mesmo para aventuras breves, o que se procura é o prazer. Assim, segundo este autor pode-se dizer que o que se pede então ao objeto da escolha é que este seja essencialmente um fator de satisfação que reforce nosso comportamento de renovar a sua procura e nossos sentimentos e pensamentos amorosos por sua pessoa. Isto também pode explicar em partes o comprometimento dos parceiros numa relação amorosa e suas vicissitudes. Caso este mecanismo falhe, a relação cessa imediatamente ou com o passar do tempo. Assim, segundo Buss, Larsen, Westen e Semmelroth (1992), o ciúme então, pode ser compreendido como resultado de uma adaptação evolutiva a obstáculos experienciados por homens e mulheres em relação aos relacionamentos amorosos que constituíram ao longo do tempo. Desta forma, o ciúme estaria relacionado aos fatores de reprodução e à necessidade de garantia de paternidade (Ramos, 2000).

Para prolongar os efeitos do amor e maximizar a permanência do parceiro e dos seus recursos para o relacionamento, segundo a teoria evolutiva, homens e mulheres desenvolveram diferentes estratégias adaptativas para lidarem com a questão da infidelidade. Quanto às origens do ciúme, Buss (2000) explica que apesar de suas manifestações potencialmente perigosas, ele teve um imprescindível valor adaptativo. Em épocas remotas, onde homens e mulheres dependiam exclusivamente uns

dos outros para a sobrevivência, o ciúme atendia esta função de manutenção do relacionamento estabelecido. Por meio dele, homens ciumentos preservariam com uma maior probabilidade seus valiosos engajamentos tentando se assegurar que os filhos daquela relação eram de fato seus, garantindo assim a sua linhagem genética. No que diz respeito às mulheres, o ciúme seria um importante fator diferencial que lhes poderia assegurar um mantenedor para si e para sua prole. Segundo este raciocínio, a infidelidade representa com isso o desvio parcial de valiosos recursos. Naturalmente, estes mecanismos eram, e ainda o são, inconscientes para ambos os sexos. E diferentemente do que se pensa, homens e mulheres são eqüitativamente ciumentos, apenas diferindo, como dito anteriormente, na forma como ele se manifesta para os dois gêneros⁴ (Buss, 2000; White & Mullen, 1989).

Atualmente, as condições de vida são bastante diferentes, principalmente quando comparadas com épocas ancestrais, e assim, as mulheres teoricamente não dependem dos recursos trazidos pelos homens, e conseqüentemente, uma mulher quando na condição de mãe solteira, não necessariamente está mais desamparada. Porém, como nossos cérebros são muito semelhantes aos dos nossos ancestrais, para os quais o ciúme foi uma característica evolutivamente adaptada, dentre outros mecanismos para assegurarem sua sobrevivência, nós ainda de certa forma,

⁴ Contudo, para as relações românticas de natureza homossexual os resultados apresentam-se de forma inversa comparados aos achados em relacionamentos heterossexuais ainda que experimentem níveis de ciúme similares aos dos heterossexuais. Lésbicas sentem como mais aflitiva a infidelidade sexual, ao passo que os homossexuais masculinos padecem emocionalmente mais quando imaginam que o parceiro pode estar comprometido afetivamente com outra pessoa (Bailey, Gaulin, Agyei & Gladue, 1994; Bringle, 1995 b; Sheets & Wolfe, 2001).

responderíamos como que instintivamente a alguns mesmos controles biológicos.

Consoante Ramos e Calegaro (2001), os seres humanos, homens e mulheres, desenvolveram diferentes estratégias para lidar com o problema da sobrevivência e da reprodução. Os homens, para se certificarem de que os filhos gerados em um relacionamento são verdadeiramente seus (o que tem conseqüências substanciais para sua auto-estima), têm o seu ciúme motivado pela suspeita de infidelidade sexual de sua mulher (Mullen & Martin, 1994). Ainda segundo Ramos e Calegaro (2001), as mulheres, diante do temor de que o companheiro possa se envolver emocionalmente com uma rival a ponto de dirigir seus investimentos materiais, afetivos e financeiros para esta pessoa, desenvolveram o ciúme como uma resposta apropriada para a manutenção deste relacionamento. Em outras palavras, em relação aos homens, a mulher ao longo do tempo aprendeu a desenvolver um ciúme mais emocional do que sexual.

Para entender melhor tudo isso, deve-se levar em consideração que os homens são capazes de inseminar inúmeras parceiras em curtos períodos. Entretanto, as mulheres são capazes de ter apenas poucos descendentes e assim, a maternidade pode ser considerada um dom, uma coisa rara do ponto de vista evolutivo, algo muito mais valioso que uma poupança dada a sua relação custo-benefício, sobretudo, para aquelas épocas ancestrais (Desteno, Bartlett, Braverman & Salovey, 2002). A idéia implicada aqui é a de *fitness*. *Fitness* refere-se à probabilidade de transmissão bem sucedida de material genético para gerações bem

sucedidas e é conseqüentemente definida como fazer surgir descendência em idade sexual maturativa (Daly & Wilson, 1983; Dawkins, 1976).

2.2.2. O ciúme enquanto um complexo cognitivo-comportamental.

Ao falar do ciúme, Barthes (1981) discorre sobre as ambigüidades vivenciadas pelas pessoas que por ele são afetadas. Por sua linha de raciocínio, percebe-se que o ciumento é ridicularizado e que, portanto, não é desejável. Pode-se inferir que o ciúme provoca sofrimento ao outro parceiro e mesmo assim, o ciúme corrói cada pessoa que o sente interiormente, ou seja, "sabe-se" uma coisa e "sente-se" outra, e muitas vezes não há uma correspondência do dizer-fazer. O racional duela com o emocional, de tal forma que ninguém pode saber ao certo quem ganhará e nem se pode torcer, *a priori*, por um deles.

Vamos agora partir para caracterizar tal complexo enquanto um fenômeno comportamental e cognitivo-sentimental. Como vimos com relação às definições dadas pela diversidade de teóricos estudados, as concepções de ciúme são diversas, porém uma mesma tríade conceitual as une:

- 1) ser uma reação frente a uma ameaça percebida;
- 2) haver um rival real ou imaginário e;
- 3) a reação visa diminuir, ou ainda, eliminar os riscos da perda do *objeto* amado.

Ramos (2000) aponta que há diferentes posições quanto a conceber o ciúme como uma combinação de outras emoções básicas, ou mesmo como uma categoria própria. Ferreira-Santos (1998) também ressalta que devido às múltiplas manifestações de ciúme por pessoas, e mesmo por objetos, fica muito difícil compreender a origem destas situações. Além disso, cada pessoa pode exprimir o seu ciúme de uma forma peculiar, ou seja, o vivencia do seu próprio jeito, dado que os evocadores, as reações, os sentimentos e as conseqüências são muito semelhantes para as pessoas ou grupos de pessoas.

De qualquer forma, uma reação somente é rotulada como ciúme se quem a experimenta possuir um relacionamento valorizado e, em seu entendimento, perceber que este vínculo está sendo ameaçado pela interferência de uma terceira pessoa, esta identificada como rival, independentemente do fato desta percepção ser baseada em fatos reais ou imaginários. “É, portanto, necessária a identificação da ameaça” (Ramos, 2000, p. 63). Berscheid e Fei (1998) complementam a discussão sobre a essência do ciúme ao concebê-lo enquanto relacionado a uma alta dependência do parceiro, todavia com uma alta insegurança a respeito de si mesmo, do parceiro e do próprio relacionamento.

Alguns autores como Clanton & Smith (1998) Tooby & Cosmides (1990) e White (1980; 1981a) citam possíveis preditores para o ciúme, tal como as diferenças na desejabilidade entre os parceiros (podem deixar em estado de alerta para uma possível infidelidade do(a) parceiro(a). Isto é, se alguém se sente inferior ao parceiro num relacionamento amoroso isto pode ser responsável pela hipervigilância em relação ao parceiro considerado

mais desejável. Buss (2000), Waster, Traupmann e Walster (1978) e Walster, Walster e Berscheid (1978) argumentam que o parceiro mais desejável do casal é na verdade o mais propenso a se desgarrar, o que em partes justificaria o ciúme do outro parceiro. Esta hipótese também será testada pelo presente estudo.

2.2.3 Ciúme, possessão e a questão da profecia auto-realizadora.

No que tange a avaliação do ciúme pela literatura científica (e.g. Albisetti, 1994; Botura, 1996; Buunk, 1991; Cavalcante, 1997; Clanton & Smith, 1977; Gikovate, 1998; Ferreira-Santos, 1998; Lazarus, 1993; Mathes, 1992; McIntosh & Tangri, 1989; dentre outros) e pelo senso comum, percebe-se que na análise da literatura acadêmica, há a predominância da conceituação do ciúme enquanto uma relação afetiva negativa frente a uma ameaça ao relacionamento amoroso valorizado. De modo especial, Montreynaud é enfático ao dizer: “o ciúmes não é prova de amor, mas sinal de imaturidade” (Montreynaud, 1994, p. 40).

Em contrapartida, para as pessoas comuns, como atestam os estudos de Mullen & Martin (1994), há uma relação estreita entre o amor verdadeiro e o ciúme. Mesmo para outros teóricos tais como Ferreira-Santos (1998), Leonel (1993), Mathes (1991), Pittman (1994), Salazar, Couto, Gonçalves e Pereira (1996) e White e Mullen (1989), há a possibilidade de haver algum aspecto neutro, ou ainda positivo no ciúme, no sentido dele acarretar a aproximação do casal, como uma profícua estratégia de se lidar com uma situação ameaçadora. Entretanto, tal visão

carece de uma maior fundamentação empírica. Para o senso comum, e, sobretudo, para a cultura brasileira, percebe-se a manutenção de um ambiente favorável às atitudes ciumentas. Isto é, os parceiros se vêem na obrigação de demonstrar ciúme como prova de amor (Ferreira-Santos, 1998). Os discursos apologéticos que são feitos para justificar as atitudes ciumentas no Brasil, segundo Goldenberg (2006), ainda podem estar relacionados de algumas mulheres perceberem como humilhante conviver com a solidão, ou ainda, estarem desprotegidas economicamente. Ainda, para Ferreira-Santos (1998), existe uma grande confusão entre ciúme e zelo, este sim, um sentimento que comprovaria o amor. Na verdade, pouco se sabe sobre experiências e comportamentos associados ao ciúme na população geral, mas num estudo populacional, todos os entrevistados (100%) responderam positivamente quando perguntados se já sentiram ciúme, embora menos de 10% reconheceu que este sentimento acarretava problemas no relacionamento (Mullen & Martin, 1994).

Na vida real, é sabido que muitos dos nossos comportamentos são largamente influenciados, e até mesmo governados por normas e/ou expectativas que funcionam como diretrizes para que as pessoas se comportem de determinada maneira em certa situação. Ao se refletir sobre expectativas que conduzem ao comportamento pensam-se logo em profecias auto-realizadoras. Estas profecias são, em resumo, definidas como crenças capazes de exercer influência sobre aqueles que nelas crêem: as pessoas mudam de atitude e se engajam em comportamentos que aumentam as chances de ocorrer aquilo que crê ou teme (Allport, 1950; Brophy, 1983; Copeland, 1994; Murray, Holmes & Griffin, 1996 a e b;

Snyder, 1984). Então, seria possível considerar o ciúme como uma profecia auto-realizadora aos moldes do que Rosenthal & Jacobson (1968; 1982), ou mesmo que Merton (1948) conceberam? Será, então, que se é possível sugerir que o ciúme funciona como uma profecia auto-realizadora que produz a perda da qualidade nas relações amorosas, ou mesmo responsável, em fases ulteriores, pela ruptura das mesmas, induzindo os parceiros a se engajarem em comportamentos infiéis? Infelizmente, até o presente momento não há qualquer estudo que tenha se ocupado em tematizar tal associação. Tendo como base esta linha de argumentação, este estudo, também, procurará verificar tal associação entre o ciúme romântico e a infidelidade amorosa.

2.2.4. Ciúme, amor, infidelidade e gênero.

Os resultados das pesquisas acerca do ciúme não evidenciam claramente que haja diferenças entre homens e mulheres (Desteno & Salovey, 1996; Harris, 2002, 2003; 2005; Hawkins, 1987; Sagarin, 2005; Shackelford, Buss & Bennett, 2002), e há pouco consenso entre os autores, que evidenciam que a mulher, freqüentemente, apresenta mais intensamente ciúme em comparação ao homem.

Todavia Buss (2000) nos sugere que homens e mulheres são igualmente ciumentos, mas os eventos desencadeadores de ciúme para cada um é que são diferentes: os homens ancestrais tinham um custo elevado com a paternidade, isso porque caso houvesse infidelidade por parte da mulher, eles se arriscariam a desperdiçar tempo, energia e outros

investimentos enquanto a cortejavam. Também teriam perdido oportunidades com outras mulheres enquanto se dedicavam a apenas uma, além do esforço materno que teria sido desviado para a prole de um rival, e, principalmente, se arriscariam a dedicar cuidados paternos a essa prole, julgando erroneamente ser sua.

E se o homem ancestral fazia um grande investimento ao aderir a um relacionamento amoroso, a mulher fazia um investimento ainda maior com a maternidade, uma vez que cada gravidez durava nove meses. Além disso, se arriscar a perder o investimento ou uma parte do investimento do parceiro que desviasse seus “recursos” à outra mulher (com quem ele tivesse um caso). Isto poderia ser extremamente danoso, pois esse desvio ocorreria à custa da sobrevivência dela e de seus filhos. Isso era muito mais grave, se forem consideradas as épocas ancestrais de frio, estiagem, escassez de alimentos, onde as possibilidades de sobrevivência eram baixas. Para a mulher o indicador mais confiável do desvio de investimento não seria o homem ter sexo com outra mulher, mas ele ter envolvimento emocional com ela. O envolvimento emocional poderia servir para avaliar a qualidade do compromisso. Para as mulheres a posse dos seus homens é ameaçada por rivais que corporificam o que os homens querem.

Ainda, ao se discorrer sobre a temática do ciúme é necessário lembrar que para alguns teóricos, como DeSteno & Salovey, 1996 e Harris & Christenfeld, 1996(a e b), pelo menos na cultura ocidental, a infidelidade sexual tem diferentes conotações para homens e mulheres. Como o amor geralmente é um pré-requisito para o envolvimento de uma mulher em um relacionamento sexual, isto faz com que se imagine que a infidelidade

sexual feminina esteja associada com o envolvimento emocional com outro parceiro (DeSteno & Salovey, 1996). Todavia, consoante Sheets e Wolfe (2001), a infidelidade masculina não tem tal implicação porque os homens têm mais condições de praticar sexo sem amor.

De todas as características que são pesquisadas no que diz respeito à infidelidade, o gênero parece ser o mais consistente dos fatores que predizem: os homens como os que traem mais (Buss & Shackelford, 1997). E mesmo entre homens que têm casos, em relação às mulheres que também os têm, os homens as superam em termos de quantidade (Lawson, 1988).

2.2.5. Ciúme e a discussão Nature X Nurture.

Outra dúvida suscitada pela temática abordada é a de que se o ciúme é inato ou aprendido. Buunk, Angleitner, Oubaid e Buss (1996), Geary, Rumsey, Bow-Thomas e Hoard (1995) e Wiederman e Kendall (1999) acreditam que seja inato, embora as suas manifestações específicas sejam aprendidas. A cultura aqui desempenharia um papel fundamental por modelar as diversas representações do ciúme.

A etologia afirma que o ciúme é um sentimento universal, e sua existência pode ser constatada nos mais diferentes povos e raças (Buss, 2000). Apesar das diferenças na sua forma de manifestação, essa universalidade sugere um componente genético. Dessa forma, alguns autores abordam o ciúme do ponto de vista evolutivo e dizem que ele é uma manifestação biológica inata, que tem a função de garantir a propagação

dos genes e, conseqüentemente, a perpetuação da espécie, um provedor para a prole, no caso do gênero feminino, e, sobretudo, a garantia da paternidade para o gênero masculino (Buss, 1988, 2000; Buss, Angleitner, Oubaid & Buss, 1996; Buss, Larsen & Westen, 1996; Buss, Larsen, Westen & Semmelroth, 1992; Buss & Shackelford, 1997; Fisher, 1995; 2006).

Apesar de suas formas de manifestação serem até certo ponto idiossincráticas, não existe uma cultura na qual os indivíduos são desprovidos dos mais diversos tipos e graus de ciúme. Por exemplo, até mesmo entre os esquimós Ammassalik, da Groenlândia, considerada uma cultura sem ciúme, não é incomum que o marido mate o intruso que dorme com sua mulher (Buss, 2000). Um outro caso interessante a ser analisado é o da cultura islamita. No Islamismo, a poligamia é permitida. O homem pode se casar com até quatro mulheres, com a condição de que dê atenção igual a cada uma delas, o que sugere que há ciúme manifestado entre as parceiras. Contudo, é fato que, mesmo com a possibilidade de ter várias esposas, os homens não deixam de ter relações extraconjugais.

Algumas teorias de cunho sociológico e antropológico têm tentado desvendar uma origem cultural para o ciúme (Achté & Schakir, 1985; Bers & Rodin, 1984; Hupka, 1981; 1991; Hupka & Bank, 1996; Salovey & Rodin, 1984; Shweder & Haidt, 2000). Os argumentos mais comuns colocam as raízes do ciúme no capitalismo e na cobiça, afirmando que a busca por possuir bens materiais se estende a possuir outras pessoas. Se assim fosse, segundo Buss (2000), sociedades que vivenciam ou vivenciaram uma tentativa de socialismo experimentariam um declínio exponencial no ciúme, o que não ocorreu. Ainda segundo Buss (2000), também existe a tentativa

de se interpretar o ciúme como uma falha de caráter, ou ainda, uma patologia produzida pela baixa auto-estima e imaturidade. Se os traços de personalidade originassem o ciúme, então, a simples mudança desses, deveria eliminá-lo. Conclui-se, portanto, que a universalidade do ciúme se explica por ele ser um produto evolutivo na interação entre os gêneros (filogenético), e não somente por ser um produto cultural (ontogenético), ou seja, para a sua configuração somam-se os componentes biológicos e culturais.

Uma visão que se quer apontar ao discutir se é o ciúme inato ou aprendido, benéfico ou danoso aos relacionamentos amorosos, é a de que ele é fundamentalmente egoísta à medida que leva o(a) seu(sua) possuidor(a) a agir visando com isso tolher os direitos da pessoa a ela vinculada. Isto é, quando o ciúme se manifesta, não visa proteger o outro, como erroneamente costuma se pensar, e sim se preservar a si mesmo de futuras preocupações que lhe sejam custosas no investimento amoroso realizado. O que mascara esta constatação é o fato de pensar que o ciúme é exercido em nome do amor e de uma “altruística” preocupação com o bem estar do outro de forma que *per* se parece autorizar a interferir sobre o destino do(a) parceiro(a).

2.2.6. Cultura e patologias relacionadas ao ciúme.

E dado o seu polimorfismo, percebe-se que o ciúme exhibe as características de cada época, de cada cultura, o que torna difícil diagnosticá-lo como uma doença, por não ter um padrão fixo para se

revelar. E um dos pontos mais notáveis no que diz respeito ao ciúme, e mesmo no que diz respeito à infidelidade é que eles estão presentes em todas as culturas e em todas as épocas. Todavia, consoante Ferreira-Santos (1998), o sofrimento é o que fundamenta e anuncia quando o ciúme deixa de estar no limite da normalidade e avança causando mal-estar, repetindo-se obsessivamente e compulsivamente, até que provavelmente, arruíne a vida das partes envolvidas. Muitos dos que se relacionam amorosamente não pensam nos desdobramentos do amor como um possível aparecimento do ciúme. Muitas vezes, a dor, acompanhada de um inerente sofrimento para ambas, ou ao menos uma das partes envolvidas poderiam pensar os etólogos, não invalida suas funções positivas para a sobrevivência. Principalmente, no contexto brasileiro, muitos dos que são objeto de um ciúme, dependendo do grau e de acordo com seus históricos de vida, sentem-se lisonjeados em granjear este tipo de atenção para elas mesmas (Ferreira-Santos, 1998). Contudo, não devemos deixar escamotear a nossa percepção e deixar passar despercebido o número de caso de violência doméstica, crimes passionais, dentre outros fatos comentados pelos noticiários diários, ou mesmo citados e estudados pela literatura científica (Daly & Wilson, 1988; Hannawa, Spitzberg, Wiering & Teranishi, 2006; Mullen, 1996). O Ciúme Patológico pode até motivar homicídios, e muitas dessas pessoas sequer chegam aos serviços médicos (Shepherd, 1961). Para Palermo et al (1997), a maioria dos homicídios seguidos de suicídio são crimes de paixão, ou seja, relacionados a idéias delirantes de ciúme intenso ou excessivo (Palermo et al, 1997). São, geralmente, crimes cometidos por homens (mas, isso não exclui as mulheres do problema) com

algum problema psicológico, desde transtornos de personalidade, alcoolismo, drogas, depressão, obsessão, até a franca esquizofrenia. Desta forma, pode-se inferir que são os excessos e estes, desequilíbrios, por exemplo, aliados ao ciúme é que causam as nefastas conseqüências para os relacionamentos amorosos e não o ciúme em si.

2.2.7 O ciúme e a infidelidade situacional e o ciúme a infidelidade disposicional.

O ciúme e a infidelidade amorosa, assim como outros traços da personalidade, tal como a timidez, dentre outros, podem ser influenciados por forças situacionais e/ou disposicionais. Dependendo das forças relativas destes fatores, pode-se falar em “ciumentos situacionais”, “ciumentos disposicionais”, “perpetradores da infidelidade situacionais” e “perpetradores da infidelidade disposicionais”.

Para lembrar as distinções entre estes dois tipos de ciúmes, fornecida anteriormente, o ciumento disposicional é aquele que apresenta mais, ou até mesmo, menos ciúme do que outras pessoas invariavelmente em relação às diferentes situações que possam existir (Bringle, 1981; Greenberg & Pyszczynski, 1985). Então, dessa forma, se fizermos um experimento hipotético e colocar um parceiro em contato (a) com ex-parceiros da atual namorada, (b) com muitas pessoas do sexo oposto e realmente atraentes para os parceiros, supondo que o namorado seja heterossexual, ou do mesmo sexo, no caso do parceiro ser homossexual, (c) verificar como o parceiro reage quando o parceiro deste está sendo

flertado por uma outra pessoa que não seja ele. Provavelmente, esta pessoa exibirá o mesmo grau de ciúme em todas essas situações, seja este grau alto, médio ou mesmo baixo.

Em contraposição, os ciumentos situacionais são aqueles em que o grau de ciúme varia, para a mesma pessoa, quando exposta a situações diferentes (Bryson, 1977; Shackelford, Leblanc & Drass, 2000). Para ilustrar, em relação aos mesmos exemplos citados anteriormente, algumas pessoas poderiam reagir com mais ciúme a uma abordagem de uma pessoa que flertasse com o parceiro dela, dependendo de quem a mesma fosse. Supondo que ela fosse mais bonita e mais rica - isso poderia causar maior inquietação no parceiro que está visualizando/percebendo esta cena. Contudo, a pessoa pode reagir de uma forma mais amena em relação à aproximação de ex-parceiros do parceiro atual porque confia muito no próprio relacionamento. Outras pessoas ainda, podem se sentir indiferente ao fato que o parceiro por motivos laborais está compelido a trabalhar em um local nas condições anteriormente citadas. Em geral, podemos dizer que enquanto os homens ciumentos são mais provavelmente ameaçados por ameaças de infidelidade sexual, as mulheres são mais ameaçadas pela infidelidade afetivas (Buss, Larsen, Westen & Semmelroth, 1992; Buunk et al, 1996; Wiederman & Allgeier, 1993; Wiederman & Kendall, 1999).

Em relação à infidelidade, e embora não exista uma a teoria que discorra a este respeito, podemos pensar que a infidelidade também pode se influenciar por forças situacionais ou disposicionais de modo análogo ao que ocorre com questão da infidelidade.

2.2.8 O ciúme e a infidelidade na cultura brasileira.

Em relação ao ciúme, como dito anteriormente, *en passant*, para o contexto brasileiro, muitos dos que são objeto de ciúme, dependendo do grau e de acordo com seus históricos de vida, sentem-se lisonjeados em granjear este tipo de atenção para elas.

Em relação à infidelidade, existe em nosso país uma frase que sintetiza o nosso repúdio à infidelidade: “*Lavar a honra com sangue*”, isto é, dar vazão aos comportamentos mais violentos quando vítimas da infidelidade, inclusive nos achando no direito de subtrairmos a vida de um outro ser humano. E, até recentemente esta atitude era legitimada perante os tribunais brasileiros (Hatfield & Rapson, 1996; Page, 1995).

Ao realizar uma pesquisa com 80 pessoas, Dela Coleta, SantaMarina e Castro (1986, citado por Dela Coleta, 1991) procuraram investigar atribuições de causas a eventos naturais e acidentais. Para as causas relacionadas ao fracasso no casamento foram apontados em primeiro lugar o desamor, a desunião e a irresponsabilidade, seguindo-se as brigas, os ciúmes, várias características negativas atribuídas à mulher e a incompatibilidade de gênios.

Ades (2003), investigando o ciúme de brasileiros, descobriu, dentre outras coisas, que o país com maiores diferenças entre os ciúmes de homens e mulheres é o Brasil, sendo os homens brasileiros muito mais ciumentos. Talvez em países com altas taxas de fertilidade, como o Brasil, os homens sejam mais propensos a manifestarem graus elevados de ciúme frente à infidelidade sexual das mulheres. Neste mesmo estudo, o autor

chegou à conclusão de que os homens expressavam mais perturbação que as mulheres em relação ao ciúme sexual, em oposição ao ciúme emocional, o que confirma os estudos de Buss (2000). O estudo de Ades (2003) também observa que os homens são os que têm uma maior probabilidade de retaliarem os seus rivais especialmente em se tratando de uma infidelidade sexual.

De acordo com Guerra (2004), em um levantamento bibliográfico realizado na Universidade Federal de Uberlândia, o qual abordava os temas de violência conjugal e violência intrafamiliar, no Brasil o ciúme desponta como a principal causa aparente da violência. Ainda neste estudo, dos 115.000 processos criminais analisados (todos referentes ao ano de 1995), do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, 15% destes eram crimes contra a mulher e, na maioria dos casos, o réu era o marido ou um parceiro amoroso.

Segundo a literatura científica o ciúme é expresso de modo diferente por homens e mulheres (Desteno & Salovey, 1996; Harris, 2005; Sagarin, 2005; Shackelford, Buss & Bennett, 2002). O estudo de Kebleris e Carvalho (2006) sugere que as mulheres reagem ao ciúme de uma maneira mais intensa do que o homem, ou, ao menos, percebe suas reações como mais intensas do que o homem percebe suas próprias reações, ao ciúme (Kebleris & Carvalho, 2006). Ressalta-se que este estudo contou com a participação de 577 sujeitos embora não descreva quantos deles eram homens e mulheres.

3 - O CIÚME NO ÂMBITO DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS AMOROSOS.

O ciúme romântico não somente é um dos mais importantes temas que envolvem os relacionamentos humanos, bem como um desafio para muitos destes. Dentro de certos limites, o ciúme pode constituir uma demonstração de preocupação e de interesse pelo outro, e sinalizar um reflexo do seu amor. Grande parte das pessoas, quando questionadas a respeito do ciúme, afirma que ele faz parte do relacionamento, servindo para apontar a necessidade de despender um cuidado maior ao outro.

Evidentemente, o ciúme implica em certo cerceamento do outro, porque o parceiro ciumento, de algum modo, interfere no comportamento do outro e em sua liberdade, tornando-se possessivo e controlador. Contudo, quando não há nenhum sinal de ciúme, deve-se ficar igualmente em alerta, e examinar se a relação não está se desgastando, e, portanto, tornando-se sem amor, o que pode transformar este relacionamento amoroso em uma relação com características fraternas (Ferreira-Santos, 1998).

3.1 As associações entre o amor, o ciúme e a baixa auto-estima.

Pines & Aronson (1993) observaram que as crenças que as pessoas carregam a respeito do ciúme influenciam suas experiências em relação a ele. E é por isso que alguns vão identificá-lo como uma reação que sinaliza o amor, enquanto outros o reconhecerão como um monitoramento invasivo

para suas privacidades. Hintz (2003) coloca que por mais inerente que seja ao ser humano, o ciúme traz ao indivíduo experiências de sofrimento e dor, tanto para si como para o objeto de seu ciúme, podendo ser entendido como a expressão de dependência, insegurança, medo de perda. Dessa forma, quanto mais baixa for a auto-estima, mais drasticamente o indivíduo sofre e, conseqüentemente, pode chegar a duvidar de si mesmo como sendo alguém que merece respeito.

Como foi afirmado anteriormente, muitas pessoas não conseguem dissociar o ciúme do amor, por talvez encará-lo como uma manifestação de zelo ou mesmo de preservação da relação valorizada. Existem evidências sobre esta associação: a quantidade de pessoas que sente ciúme quando ama é elevada (Greenberg & Pyszczynski, 1985). Todavia, podem existir diversos relacionamentos amorosos, com diversificadas manifestações para o ciúme diferindo em seus graus de apresentação para os mesmos. Assim, o que se pode dizer é que há diferentes formas de se amar e diferentes formas de se sentir ciúme, e todas elas são legítimas (Almeida, 2005). Mas, a primeira vista, para tais pessoas sentir ciúme é uma contingência quase inevitável do sentir amor (Ferreira-Santos, 1998).

Também, ao se tratar de ciúme, vê-se que há uma tênue linha divisória entre o que vem a ser imaginação, fantasia, crença e certeza. Dessa forma, no ciúme as dúvidas podem se transformar em preocupações hiperdimensionadas, ou ainda, francamente delirantes. Depois das idéias provocadas pelo ciúme, a pessoa é compelida à verificação compulsória de suas dúvidas. As dúvidas pairam em torno de um mesmo eixo: o medo do parceiro(a) ser infiel. Dessa forma, as pessoas ciumentas estão em

constante busca de evidências e confissões que confirmem suas suspeitas da infidelidade do(a) parceiro(a), mas ainda que a honestidade seja confirmada cabalmente pelo(a) companheiro(a), essa inquisição permanente se retro-alimenta e ainda traz mais dúvidas ao invés de lhes dar paz. Depois da capitulação, a confissão do companheiro(a) nunca é suficientemente detalhada ou fidedigna, e tudo volta à torturante inquisição anterior. De acordo com o autor Ferreira-Santos (1998), consequentemente, a vivência da angústia, característica notadamente presente no ciumento, deriva da seguinte ambigüidade: sou ou não traído? É ou não é verdade o que esta pessoa me diz?

As crenças que dão margem ao ciúme que as pessoas carregam provavelmente se devem ao fato de haver intensas dúvidas, inseguranças e uma baixa auto-estima que povoam seus mais íntimos pensamentos e fazem com que vivam constantemente prevendo a rejeição e o abandono (Rosa e Ramos, 1999, citado por Ramos, 2000). Para uma pessoa com auto-estima baixa, as dificuldades transitórias podem ameaçar a sensação de segurança na relação, levando a repulsa do parceiro antes que possa ser rejeitada (Murray, Holmes & Griffin, 2000). Desta forma, segundo Murray, Holmes e Griffin (2000), pessoas com baixa auto-estima podem procurar evidências de que seus parceiros estão infelizes com o relacionamento e, quando as encontram, podem criticar os companheiros como resposta de seu estado emocional.

Em contrapartida, outros autores como White e Mullen (1989) comentarão a respeito da relação entre ciúme e auto-estima elevada, ou ainda, como Ramos (1998) com o conceito intrinsecamente relacionado de

auto-estima moral apontando-nos que não existe uma associação perfeita entre pessoas com auto-estima rebaixada e a gênese do ciúme. Em outras palavras, pessoas com auto-estima elevada também podem ser tão ou mais ciumentas que outras pessoas que não têm esta característica.

O ciúme também pode ser engendrado por pistas reais da infidelidade de um parceiro identificadas e recolhidas pelo outro (Shackelford & Buss, 1997). Outras vezes, as pessoas sentem ciúmes porque se sentem negligenciadas pelo parceiro(a) e vêem que a outra pessoa recebe a consideração que tanto queriam (Branden, 1998).

3.2. O ciúme preventivo e o retaliador.

O ciúme pode ter funções protecionistas para o relacionamento, preventivas e retaliadoras, e quando suas manifestações são desproporcionais ao estímulo gerador pode ser disfuncional e considerado como uma psicopatologia, nomeada, assim, de ciúme patológico. É interessante observarmos que, ao mesmo tempo em que visa proteger o amor, o ciúme é um mecanismo capaz de destruir o relacionamento, dependendo de sua intensidade, frequência e de alguns comportamentos a ele relacionados (Ramos & Calegaro, 2001; Kebleris & Carvalho, 2006). São freqüentes as relações citadas na literatura entre o ciúme, violência, homicídios e agressões de modo geral. Ele também é um dos fatores mais comuns em terapias de casal e em psicoterapias individuais.

Segundo Sayão (1998), os ciumentos quase sempre caminham para a ruptura com o ser amado e para a solidão. Desta forma, sentimentos de

posse e medo (da perda da exclusividade, da ameaça da entrada de uma terceira pessoa na relação), mesclam-se para forjar o ciúme. Mas, em geral, as atitudes dos ciumentos acabam por afastar, cada vez mais, o ser amado. Afinal, quem gosta de ser vigiado e submetido ao ridículo, pelos mais infundados pensamentos encobertos a manifestações públicas e desmedidas de tal sentimento?

Entretanto, o ciúme não teria somente funções negativas, ou seja, o ciúme se prestaria também como um mecanismo instalado a serviço da manutenção dos relacionamentos amorosos ao invés de apenas separar os casais. Contudo, se um dos parceiros se engaja em comportamentos de infidelidade, o ciúme pode ter uma outra função, a retaliadora. Dessa forma, o ciúme retaliador é aquele que impõe conseqüências negativas ao parceiro infiel após a infidelidade deste. Conseqüentemente, ao hostilizar o parceiro que o ciumento acredita ser infiel, este acredita evitar o desgaste da relação, ou mesmo inibir infidelidades futuras ou em andamento. O ciúme pode ter também, uma característica preventiva, embora os dois tipos de ciúme teriam uma função protecionista para o relacionamento amoroso. Nas palavras de Almeida⁵ (2005): “O ciúme preventivo faz com que a pessoa, ao perceber que pode estar perdendo o parceiro, passe a investir mais em si e no relacionamento”. Dessa forma, quando ativada a função protecionista do ciúme os parceiros podem passar a ser mais gentis uns com os outros, cuidar mais de si mesmos e demonstrarem o amor que sentem de inúmeras formas, indiretamente, pretendendo afastar possíveis rivais que possam

5

Link:

<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2006/espaco63jan/atualiza/comportamento.htm>

oferecer recursos iguais ou melhores que os que estão sendo disponibilizados por eles (Salazar, Couto, Gonçalves & Pereira, 1996).

3.3. A lógica das pessoas ciumentas.

No momento em que a pessoa tenta expressar as razões de seu ciúme, ela começa a selecionar argumentos que o fundamentariam, em detrimento de outros dados que, porventura, venham a se opor sobre o raciocínio confeccionado por ele(a) próprio(a), a ponto de comprovar para si mesmo(a), segundo Botura (1996), que está sendo preterido no relacionamento. Então, como o ciumento teme, a qualquer momento, vir a receber a dolorosa notícia de que será deixado pelo ser amado, o que faz com que ele constantemente sinta-se ameaçado. Assim, passará a selecionar e colecionar dados que fortifiquem a sua hipótese de que iminentemente sofrerá uma infidelidade. Na literatura machadiana, especialmente no clássico *Dom Casmurro*, fica bem ilustrado um comportamento desta fase: o ruminar (Assis, 1987). Cavalcante (1997) aponta que o ciumento morbidamente ruma detalhadamente na conflituosa tentativa de encontrar evidências para suas angustiantes expectativas.

Em concordância com esta idéia, Dunker (1995) afirma que a pessoa ciumenta é, em princípio, uma meticulosa pensadora, no sentido de ruminar pequenos detalhes, de reparar nas menores inflexões no tom da voz, ou mesmo, de atentar a palavras que indiquem atos falhos para o(a)

parceiro(a) e, desta maneira, fica armada e pronta a conjecturas. Nas palavras de Ramos: “assim, quanto mais ciúme, mais método, mais rigor, mais engenhosa a reflexão” (Ramos, 2000, p. 76).

Muito do que se disse até agora foi para ressaltar o ciúme irrealístico, ou seja, aquele fundamentado em vestígios de algo que se acredita ser uma infidelidade concreta por parte do ciumento. Contudo, há ainda a possibilidade de se haver uma infidelidade em andamento, e haver realmente a detecção de tais indícios por meio do mecanismo do ciúme. Neste caso, imbuído de sua função protecionista, o ciúme tentaria assegurar ao ciumento o(a) parceiro(a) do relacionamento que se quer preservar ou a não investir mais seu tempo e recursos em uma relação desvantajosa para ele. Os rivais neste caso podem ser ex-namorados(as) ou mesmo pessoas neutras como amigos(as) de trabalho que passam a ser amorosamente ou sexualmente significativas na vida das pessoas em quem investimos nosso tempo e sentimentos.

Bringle (1991) afirma que a percepção se constitui num processo, no qual as expectativas perceptuais da pessoa se combinam com as informações sensoriais do ambiente social para constituir a configuração da percepção final. Em outras palavras, a pessoa injustamente acusada de estar traindo o parceiro pode começar a se comportar como se o estivesse mesmo fazendo, experienciando sensações e percepções anteriormente inexistentes e se aproximando amiúde dos comportamentos das quais fora acusada. Em contrapartida, Ramos (2000) indica que se as circunstâncias ideais de observação, inerentes ao estímulo e às condições mediadoras,

forem restabelecidas e a suspeita da infidelidade do(a) parceiro(a) for considerada infundada, logo, o ciúme tende a se extinguir.

Muitos autores, dentre os quais Amélio (2001; 2005), Hintz (2003), Salazar, Couto, Gonçalves e Pereira (1996) e Shackelford e Buss (1997), argumentam que o ciúme pode ser como um sinal apontando para algo que não está bem na relação, podendo ser a intromissão de um terceiro, interferindo indiretamente ou diretamente na estabilidade da díade constituída, ratificando o desejo do indivíduo de que seu(sua) parceiro(a) não tenha outro envolvimento emocional ou sexual. Pode-se entender, dessa forma, o ciúme como sendo um mecanismo protetor da relação, alertando a parte afetada sobre o perigo que a relação amorosa valorizada está passando.

4 – A INFIDELIDADE AMOROSA.

O estudo de Treas & Giesen (2000) verificou que noventa e nove por cento das pessoas casadas esperavam a exclusividade sexual do parceiro depois da consumação do matrimônio. Apesar dessas expectativas, a ocorrência atual de infidelidade, sobretudo matrimonial, é muito alta (e.g. Feldman & Cauffman, 1999). A infidelidade que pode ser definida como “um segredo sexual, romântico, ou envolvimento emocional que viola o compromisso de um relacionamento exclusivo” (Glass, 2002, p. 489) que ocorre em 20 a 25% de todos os casamentos (Greeley, 1994; Laumann, Gagnon, Michael & Michaels, 1994; Wiederman, 1997), e pode ter um número significativo de efeitos deletérios em ambos os parceiros de um relacionamento amoroso, seja este, caracterizado por vínculos mais estáveis ou não (Amato & Previti, 2003; Beitzig, 1989; Kitson, Babri & Roach, 1985).

As infidelidades podem ser classificadas em dois tipos: a infidelidade sexual e emocional. Segundo Ahrndt (2005)⁶ a infidelidade sexual é qualquer comportamento que envolve um contato sexual, como beijar, toques íntimos, sexo oral, ou quaisquer outros tipos de relações sexuais. Esta mesma autora concebe a infidelidade emocional como a formação de um vínculo emocional para com o afeto para outra pessoa, e pode envolver comportamentos tais como paquerar, marcar encontros, estabelecer

⁶ A concepção desta autora será adotada para este trabalho para distinguirmos os dois tipos de infidelidade e será retomada na seção dos resultados.

conversações íntimas, enamorar-se, ou ainda, apaixonar-se por uma outra pessoa que não o(a) atual parceiro(a).

Muitos estudos mostram uma conexão entre oportunidade e infidelidade (Greeley, 1994; Traeen & Stigum, 1998; Treas & Giesen, 2000). Parceiros que têm mais chances para enganar mais provavelmente o farão, especialmente se é improvável que o outro parceiro descubra tal infidelidade. Estudiosos ainda identificam o lugar de trabalho e a *Internet* como as duas principais zonas de perigo para os relacionamentos amorosos serem lesados por uma possível infidelidade (Atkins, Baucom & Jacobson, 2001; Barnes, 2006; Broderick, 1979).

Qualquer que seja o tipo de infidelidade ela, freqüentemente, resulta em raiva, rebaixamento na auto-estima, surpresa, desapontamento, dúvidas a respeito de si mesmo e depressão (Cano & O'Leary, 2000; Carrera & García, 1996; Mathes, Adams & Davies, 1985; Radecki, Farrell & Bush, 1993; Sharpsteen, 1995) entre os traídos. Com um espectro de elementos assim tão abrangentes e subjetivos a infidelidade é um fenômeno complexo, que desafia uma investigação científica. Não é necessário estar envolvido em um casamento para se experimentar a infidelidade. Todos os tipos de relacionamento estão sujeitos a sua nefasta influência. Ainda pouco se sabe a respeito de quais os indivíduos são mais suscetíveis a infidelidade, ou ainda, sobre os contextos que a promovem. Provavelmente, o futuro de um relacionamento não é totalmente regido pelos ditames de um contrato que se deposita sobre a mão dos parceiros, mas pode estar, dentre outros fatores, na ênfase do compromisso de exclusividade que se vivencia no dia-a-dia entre eles, e esta pode ser uma escolha mútua, ou não. Devemos

também nos lembrar que existem instituições que contribuem para a fidelidade e infidelidade entre os parceiros. Lusterman (1998) faz uma alusão bastante interessante que ajuda a entender o que se concebe por compromisso de exclusividade entre os parceiros: “é como se existisse uma cerca em volta do relacionamento com uma placa fora dela dizendo: ‘Mantenha-se afastado- propriedade privada’”(Lusterman, 1998, p. 4).

Existem evidências a respeito do papel que alguns fenômenos exercem na indução da infidelidade, como a insatisfação no vínculo com o parceiro (Glass & Wright, 1985; Treas & Geisen, 2000). Os estudos ainda apontam que quanto mais baixos os níveis de satisfação que os parceiros têm em um relacionamento amoroso, maior a probabilidade dos mesmos em se engajarem em comportamentos de infidelidade. Os autores ainda apontam que esta relação é um pouco mais forte em mulheres do que em homens, isto é, mulheres mais insatisfeitas com seus parceiros tendem a trair mais (Glass & Wright, 1985). Em contrapartida, outros estudos mostram que as causas da infidelidade são bem mais complexas e variadas. Nos estudos apontados por Lusterman (1998), Maheu & Subotnik (2001), Pittman (1994) e Spring (1996), casos extraconjugais podem ocorrer tanto em casamentos felizes bem como nos considerados problemáticos, sendo que em muitos casos podem sinalizar uma busca intrínseca por sexo, amor, romance, ou todos estes fatores concomitantemente. Estudos como os de Glass & Wright (1985) e de Thompson (1984) ainda apontam que as mulheres são mais propensas que os homens a se envolverem em aventuras emocionais relacionadas à infidelidade, enquanto que os homens,

em média, são mais propensos a se envolverem em aventuras sexuais explícitas.

Então, a manutenção de um relacionamento pré-marital ou pós-marital não acontece somente pela presença de elementos como amor e satisfação. Existem ainda situações em que o amor, a paixão e a satisfação com o parceiro são indiscutíveis e, no entanto, a estabilidade da relação é inapelavelmente precária.

Embora seja mais fácil que quem trai não ama seu parceiro, este pensamento está muito longe da realidade. Para algumas pessoas a infidelidade é a resposta possível a uma situação de insatisfação que encontram dentro do relacionamento. Ainda que represente uma saída condenável (de acordo com os referenciais dos parceiros), o início de uma relação infiel está mais próximo da incapacidade para resolver os problemas do casamento do que da falta de amor. Contudo, nem todas as pessoas que se engajam em infidelidade são caracterizadas por terem uma paixão avassaladora pela terceira pessoa. A saturação e o desgaste no relacionamento podem abrir espaço para a entrada de uma nova pessoa. A novidade da relação, baseada na sobrevalorização das qualidades e na subvalorização dos defeitos, confere o revigoramento que anteriormente parecia perdido, mas que pode, também, dar lugar a sentimentos de culpa fortíssimos. Assim, conforme dito anteriormente, e na acepção empregada neste trabalho, não existem evidências de que somente o amor e a satisfação entre os parceiros sejam suficientes para predizer a estabilidade nos relacionamentos amorosos (Buss & Shackelford, 1997; Cate, Levin & Richmond, 2002; Conger & Bryant, 1999; Gerhard & Schneewind, 2002;

Meeks, Hendrick & Hendrick, 1998), muito embora se acredite que eles sejam também importantes para que aconteça comprometimento. Segundo Gottman e Silver (1998), os fatores que podem fazer com que um relacionamento seja preservado, ou não, estão longe de serem suficientemente identificados.

Assim, muitos são os fatores envolvidos tanto na permanência dos parceiros numa relação, bem como no rompimento da mesma (Branden, 1998; Lemos, 1994; Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999; Viscott, 1996).

Muitas pessoas entram em contato com a infidelidade das mais diversas formas: ora são, foram, ou serão afligidos pela infidelidade de seus parceiros, ou ainda, poderão abalar a estrutura dos relacionamentos valorizados, sendo infiéis aos compromissos assumidos. Algumas pessoas ainda afirmam que, uma vez descoberta a infidelidade, o relacionamento amoroso pode reestruturar-se de tal forma que fica ainda mais forte do que antes dela acontecer. Em se tratando de infidelidade matrimonial, consoante Larrañaga (2000), a infidelidade é sintoma de que algo não vai bem ao matrimônio. Devido a isso, os cônjuges buscam aventuras amorosas porque procuram aquilo de que lhes falta em seu próprio relacionamento. Pela falta de afetividade ou sexo, partem em busca do novo. Assim, quando os cônjuges não se dispõem a abordar os problemas que se arrastam há anos, tendem a buscar experiências extraconjugais, ainda que passageiras, porque acreditam que elas podem constituir-se em meio eficaz para aliviar tensões e angústias e que, por esse caminho, poderiam até encontrar soluções para os problemas não resolvidos da intimidade (Menezes, 2005).

Para outros casais a infidelidade é o prelúdio de um divórcio, ou mesmo, de uma ruptura do casal constituído, qualquer que seja este. Etimologicamente, a palavra infidelidade remete à quebra da verdade (Lusterman, 1998). As pessoas quando se casam prometem para seus amigos, parentes, para o Estado e, em muitos casos, diante de Deus, que elas permanecerão fiéis ao outro cônjuge até que a morte os separe, através de votos implícitos e explícitos. Os cuidados declarados na fórmula matrimonial civil ou religiosa espelham os votos explícitos para com os parceiros. Para ilustrar um voto não explícito verbalmente, cada membro do casal de fato promete que permanecerá sexualmente exclusivo um ao outro, até que se faça futuramente um outro acordo mais conveniente para ambas as partes. Então, Lusterman (1998) diz que a infidelidade ocorre quando um parceiro continua a acreditar que o acordo para ser fiel ainda vigora, enquanto o outro parceiro o está secretamente violando. Percebe-se, assim, que se instala uma assimetria entre traídos e traidores, que poder perdurar indefinidamente.

Quaisquer que sejam as situações, podemos perceber que, em algum ponto, a infidelidade e o ciúme se entrecruzam, e o ciúme, mesmo por definição, é uma reação que também sinaliza a infidelidade amorosa. Embora isso aconteça, vemos que poucas pesquisas se ocupam, em seu escopo, em tematizar e estudar tal relação. Dessa maneira, neste estudo, vamos verificar como estes conceitos estão relacionados e como eles repercutem na dinâmica dos relacionamentos interpessoais amorosos.

Até o momento, não foi encontrado pelo autor desta pesquisa nenhum estudo que procurasse descrever, de uma maneira ampla e

objetiva, quais seriam as relações e incidências da “infidelidade amorosa” e “ciúme romântico”. Diante do exposto, este estudo procurou preencher esta lacuna ao tentar identificar e ordenar, por meio de um conjunto de análises correlacionais, algumas relações funcionais entre o ciúme romântico e a infidelidade amorosa.

O presente estudo pretende examinar evidências de que as relações entre os comportamentos relacionados à infidelidade e o ciúme romântico apresentam características diferentes daquelas geralmente preconizadas pelo senso comum. Por meio de um levantamento da literatura científica existente a respeito do ciúme e da infidelidade pôde-se confeccionar um inventário de comportamentos relacionados à infidelidade que permitiu investigar, de forma sistemática, as relações existentes entre estes dois fenômenos em casais de namorados.

Posto isso, este trabalho tem como objetivos:

- Realizar um levantamento dos comportamentos de infidelidade por meio: (1) da revisão da literatura científica sobre o assunto; (2) a partir da citação de exemplos apresentados por parte da amostra dos voluntários participantes da pesquisa para a construção e validação do instrumento; (3) de comportamentos ouvidos por este autor, em atendimentos clínicos como relacionados à infidelidade;
- A partir disso, catalogar estes comportamentos, e transformá-los em um inventário útil, que permita diagnosticar a frequência de ocorrência de comportamentos de infidelidade entre os participantes da amostra, e que possa ser usado em outras pesquisas;

- Identificar, por meio das análises a ser realizadas, quais são os comportamentos relacionados à infidelidade que mais aparecem para os homens e mulheres dos participantes da amostra;
- Identificar, por meio das análises a ser realizadas, quais são as possíveis relações existentes entre os comportamentos relacionados à infidelidade e os escores de ciúme para os participantes da amostra;
- Identificar se o ciúme de cada um dos parceiros está relacionado ao ciúme do outro parceiro, ambos participantes deste estudo;
- Identificar se a infidelidade de cada um dos parceiros está relacionada à infidelidade do outro parceiro, ambos participantes deste estudo;
- Identificar outras possíveis variáveis que possam interagir com o ciúme romântico e com a infidelidade amorosa.

A fim de se verificar a influência de todos os fatores mencionados, elaborou-se um método para tentar arrolá-los. Passaremos, na seqüência, a ele.

II - MÉTODO

2.1 Participantes

A amostra foi constituída por 45 casais paulistanos heterossexuais recrutados, com média de idade de 24,6 anos ($s.d.=4,89$; média masculina: 24,3; $s.d.= 3,22$; média feminina: 24,9, $s.d.= 6,24$), por meio do seguinte anúncio colocado no *site* da Universidade de São Paulo (USP):

A fim de confeccionar e aferir o inventário para este estudo também participaram desta pesquisa 232 pessoas, no qual a metade da amostra foi composta por homens e a outra metade por mulheres.

O Centro de Estudos da Timidez e do Amor (CETA) do Instituto de Psicologia no Departamento de Psicologia Experimental está realizando uma pesquisa a respeito do ciúme. Para isso, o laboratório está selecionando casais de namorados. As pessoas selecionadas participarão de testes psicológicos a fim de saberem um pouco mais a respeito de si mesmas em relação aos seus relacionamentos amorosos. É necessário o consentimento de ambos para a realização dos testes. Os interessados deverão entrar em contato com o psicólogo Thiago de Almeida pelo e-mail: queroparticipardesseteste@yahoo.com.br

2.2 Local

Foram utilizadas salas do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) para os participantes paulistanos que poderiam vir a responder os questionários.

Os participantes que não puderam vir pessoalmente até a Universidade de São Paulo receberam os questionários e os devolveram por meio de correio eletrônico (e-mail).

2.3 Instrumentos

2.3.1 *Escala de Ciúme Romântico (ECR).*

Este instrumento (anexos 5 e 6) elaborado por Ramos, Yazawa & Salazar (1994), é constituído por 52 itens, em duas versões: um questionário com afirmações adequadas para o gênero masculino e o outro para o feminino. A ECR foi formulada para indicar graus de ciúme e considera que o ciúme, em indivíduos normais, varia interpessoalmente e intrapessoalmente em termos de grau (Ramos, 2000). Tais afirmações são classificadas em quatro categorias, a saber: Aceitação (25 itens); Dor (19 itens); Raiva (14 itens); Não ameaça versus ameaça (40 itens). Cada afirmativa é acompanhada de uma escala do tipo Likert, com cinco opções de resposta, variando de “discordo totalmente” (alternativa 1) a “concordo totalmente” (alternativa 5).

Nesta pesquisa, a avaliação do ciúme somente levou em conta na ECR as questões que compõem o fator geral de ciúme Não-ameaça versus ameaça⁷. Este fator foi responsável, no estudo original do autor, por 13,7% da variância total das respostas, com *eigenvalue* de 8,07, e um *alfa* de 0,89 (Ramos, 2000). Este mesmo conjunto de questões foi utilizado com sucesso em outras pesquisas (e.g. Salazar, Couto, Gonçalves & Pereira, 1996) e, por isto, foi adotado aqui. Logo, as outras questões do questionário completo não foram utilizadas.

As respostas a estas questões foram classificadas pelo autor em cinco graus crescentes de ciúme, a saber: ínfimo, leve, moderado, intenso e excessivo.

2.3.2 Instrumento para avaliar a infidelidade amorosa.

O conceito de infidelidade amorosa pode abarcar muitas ações e situações distintas, todos relacionados a um mesmo denominador comum: uma relação amorosa e o rompimento de compromisso de exclusividade, explícito ou não. Tendo em vista esta multiplicidade de ações, foi elaborado, especialmente para este trabalho, um instrumento com a finalidade de captar o que as pessoas concebem como comportamentos relacionados à infidelidade. A confecção do mesmo se deu por meio de três etapas.

Inicialmente, foi elaborada uma lista de trinta comportamentos aparentemente relacionados à infidelidade em relacionamentos amorosos

⁷ Os quarenta itens selecionados que compõe o fator “Não-ameaça versus ameaça” e que foram analisados para esta pesquisa foram: 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 50, 51 e 52.

(Anexo 7). Esta lista foi construída a partir de citações (1) ouvidas em atendimentos clínicos realizados pelo autor, (2) presentes na literatura acadêmica e (3) com exemplos citados por uma amostra de 30 voluntários (15 homens e 15 mulheres). A tarefa desta amostra de participantes era descrever relações amorosas triangulares que envolvessem o(a) parceiro(a) emitindo comportamentos considerados pelos respondentes como uma infidelidade de fato ou em potencial. Estas situações descritas poderiam ter sido vividas pelos próprios respondentes, ou ainda, vivenciadas por outras pessoas que eles conheciam. Cada voluntário foi convidado, de forma anônima, a citar de forma livre tais situações por meio da seguinte instrução: *“Cite algumas situações, sentimentos e comportamentos que você acha que estariam relacionados a uma infidelidade entre dois namorados. Estas situações descritas podem ter sido vividas por você mesmo, ou ainda, vivenciadas por outras pessoas conhecidas”*.

Este rol de comportamentos resultou em 30 dos itens que foram submetidos a uma análise semântica: foram apresentados a 172 adolescentes⁸ (86 homens e 86 mulheres), de uma escola da mesma cidade daqueles que forneceram os trinta itens. A tarefa destes participantes era confirmar ou discordar, anonimamente, com a hipótese de cada um dos itens apontados estarem relacionados à infidelidade, e também citar outros itens que achassem relacionados à infidelidade. Este procedimento permitiu aferir o instrumento, possibilitando ajustes e correções na lista inicial de comportamentos de infidelidade. O critério definido pelo autor para eliminar

⁸ Originalmente este trabalho pretendia estudar o ciúme romântico entre os adolescentes, contudo, devido à baixa adesão desta amostra ao estudo, houve a substituição da mesma, porém, foram aproveitadas as contribuições dadas por esta amostra dado o fato que foram consideradas úteis pelo investigador da presente pesquisa.

itens foi o de *pelo menos 50% das pessoas, de pelo menos um dos sexos, discordarem que ele estaria relacionado a uma infidelidade, então, este item seria retirado*. Caso contrário, este item permaneceria no inventário. Um novo item foi incluído quando pelo menos duas pessoas citaram um dado tipo de comportamento relacionado à infidelidade que inicialmente não constava na lista, ao menos semanticamente de forma similar. Consultados estes participantes foram retirados seis itens das trinta afirmações e foram acrescentadas, ou ainda reformuladas outras 11 afirmações, que ao total, compuseram a versão de 35 afirmações.

Na Tabela 1 a seguir podemos observar a concordância/discordância dos 172 adolescentes para os quais foram encaminhadas as 30 afirmações primeiras que poderiam estar relacionadas à infidelidade:

Tabela 1 - Concordância/Discordância absoluta e relativa (entre parênteses) dos participantes separadamente em relação aos itens encaminhados para a aferição do inventário de comportamentos relacionados à infidelidade.

Afirmção	HOMENS		MULHERES	
	Concordam	Discordam	Concordam	Discordam
1	68 (79%)	18 (21%)	65 (76%)	21 (24%)
2	46 (53%)	40 (47%)	45 (52%)	41 (48%)
3	65 (76%)	21 (24%)	67 (78%)	19 (22%)
4	64 (74%)	22 (26%)	67 (78%)	19 (22%)
5	58 (67%)	28 (33%)	61 (71%)	25 (29%)
6	52 (60%)	34 (40%)	61 (71%)	25 (29%)
7	59 (69%)	27 (31%)	59 (69%)	27 (31%)
8	61 (71%)	25 (29%)	46 (53%)	40 (47%)
9	70 (81%)	16 (19%)	59 (69%)	27 (31%)
10	55 (64%)	31 (36%)	76 (88%)	10 (12%)
11	29 (34%)	57 (66%)*	59 (69%)	27 (31%)
12	41 (48%)	45 (52%)*	38 (44%)	48 (56%)*
13	63 (73%)	23 (27%)	25 (29%)	61 (71%)*
14	60 (70%)	26 (30%)	71 (83%)	15 (17%)
15	38 (44%)	48 (56%)*	52 (60%)	34 (40%)
16	59 (69%)	27 (31%)	43 (50%)	43 (50%)*
17	62 (72%)	24 (28%)	40 (47%)	46 (53%)*
18	57 (66%)	29 (34%)	50 (58%)	36 (42%)
19	50 (58%)	36 (42%)	72 (84%)	14 (16%)
20	60 (70%)	26 (30%)	67 (78%)	19 (22%)
21	66 (77%)	20 (23%)	71 (83%)	15 (17%)
22	52 (60%)	34 (40%)	61 (71%)	25 (29%)
23	58 (67%)	28 (33%)	65 (76%)	21 (24%)
24	71 (83%)	15 (17%)	54 (63%)	32 (37%)
25	56 (65%)	30 (35%)	66 (77%)	20 (23%)
26	66 (77%)	20 (23%)	75 (87%)	12 (13%)
27	50 (58%)	36 (42%)	60 (70%)	26 (30%)
28	68 (79%)	17 (21%)	63 (73%)	23 (27%)
29	76 (88%)	10 (12%)	68 (79%)	17 (21%)
30	49 (57%)	37 (43%)	59 (69%)	27 (31%)

Legenda: *Item(ns) excluído(s) porque não alcançaram 50% de acordo.

Posteriormente, o questionário resultante do procedimento anterior foi submetido a outros 30 voluntários para testar se o mesmo estaria adequado, no que diz respeito à inteligibilidade dos itens e das instruções, para a aplicação. Realizados os devidos ajustes e correções, o instrumento final ficou constituído de 35 descrições de comportamentos relacionados à

infidelidade, em uma versão masculina e feminina, cujas linguagens foram adaptadas para ter em mente ex-parceiros e atuais parceiros (primeira e segunda etapa). Estas versões foram utilizadas nas duas coletas desta pesquisa (anexos 8, 9 10, 11, 12 e 13). Tal instrumento, é um recurso útil para captar os principais comportamentos relacionados à infidelidade amorosa, ao menos na concepção daqueles que participaram da pesquisa e assemelhados.

2.4 Procedimento para a coleta de dados

A coleta de dados foi organizada em duas etapas:

2.4.1 Primeira etapa (Aplicação pelo pesquisador e aplicação *on-line*):

- Aplicação pelo pesquisador

Os casais participantes, conforme entravam em contato com o experimentador, eram agendadas entrevistas para a coleta de dados. Os que vinham até o local designado no Instituto de Psicologia da USP foram separados em salas para fazerem suas coletas individualmente. Este procedimento proporcionava a cada participante a privacidade, a fim de que se aumentasse a confiabilidade de suas respostas e não os sujeitassem às possíveis conseqüências negativas, caso revelassem para o outro determinadas respostas. Neste local, foi distribuída uma carta de apresentação (Anexo1) a cada membro do casal e lhes foi pedido que

assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2), caso concordassem com os termos assinalados, dessa forma efetivando sua adesão. Então, para cada participante era destinado um conjunto de testes (ECR, *Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade em relação aos ex-parceiros* e o *Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade em relação aos atuais parceiros*). Nem o próprio experimentador permanecia no local da coleta, permitindo assim uma maior privacidade na hora de responderem aos questionários. Era informado aos participantes que tivessem alguma dúvida que fossem ao encontro do pesquisador que se encontrava disponível em uma sala contígua.

Ao final do preenchimento dos questionários, o experimentador ainda coletou algumas informações adicionais (Anexo 14). Ao findar da coleta os participantes receberam uma devolutiva indicando o respectivo grau de ciúme apontado pelo teste ECR. A distribuição dos dois questionários para cada participante foi realizada de modo alternado, isto é, metade dos participantes respondeu primeiramente a ECR, e a outra metade respondeu primeiramente os inventários de comportamentos caracterizados como relacionados à infidelidade. Tal ordem de apresentação, de acordo com Cozby (2003) é uma técnica de contrabalanceamento útil para mitigar possíveis vieses de respostas provocados pela ordem de aplicação das tarefas e efeitos *carry over*.

- Aplicação on-line

Aos participantes que não puderam comparecer pessoalmente, foi pedido que, antes que recebessem os testes, enviassem, por escrito ao pesquisador deste estudo, o termo de consentimento livre e esclarecido assinado (Anexo 2), o qual lhes foi enviado por *e-mail*. Recebidos tais termos de consentimento assinados, foi-lhes enviado, por *e-mail*, o mesmo conjunto de testes aplicados nos participantes que puderam comparecer pessoalmente, com as instruções em anexo (Anexo 3). O pesquisador teve o mesmo cuidado em alternar a ordem de encaminhamento dos questionários para mitigar, pela técnica do contrabalançamento, possíveis vieses de respostas provocados pela ordem de aplicação das tarefas e efeitos *carry over*.

Recebido os questionários preenchidos, as informações adicionais (anexo 14) eram obtidas quando o experimentador do estudo ligava para cada uma das pessoas que estavam participando dessa forma. Neste momento, também foi feita a devolutiva para estes participantes da pesquisa, revelando os seus graus de ciúme indicado pelo teste ECR.

Com o fito de garantir o sigilo das informações e das comunicações entre o pesquisador e os participantes deste estudo, cada participante se atribuiu um código (anexo 3). Este código era um anagrama confeccionado com as 3 últimas letras do nome da rua de cada participante, sendo que cada anagrama foi sempre formado pelas letras que compunham o nome da rua onde habitava o participante do sexo masculino. Esta codificação

permitiria uma rápida recuperação do conjunto dos dados de cada participante.

Foi dito a todos os participantes deste teste que seria esta era a primeira etapa da pesquisa e que seria desejável, para os objetivos do estudo, que houvesse também a adesão dos mesmos à segunda etapa que seria realizada em aproximadamente três meses.

Dessa forma, a aplicação do inventário de comportamentos relacionados à infidelidade em relação aos parceiros anteriores gerou uma linha de base para que se pudesse analisar as influências disposicionais ou situacionais na infidelidade dos parceiros. O autor pressupõe que os relacionamentos amorosos são sistemas dinâmicos e que determinados fatores na personalidade de um parceiro, como o ciúme e as incidências de comportamentos relacionados à infidelidade citados pelos participantes possam interagir com as características do outro parceiro. Para verificar isso, foi coletado o número de engajamentos em situações relacionadas à infidelidade tanto em relação aos ex-parceiros bem como em relação aos atuais parceiros dos participantes.

Assim, poder-se-ia avaliar estatisticamente se havia uma propensão a trair, independentemente das características de cada relacionamento com os parceiros (influência disposicional), ou se as características dos relacionamentos amorosos, com os atuais parceiros, poderiam influenciar (influência situacional), de alguma forma, interferindo no número de comportamentos de infidelidade com relação ao parceiro em questão. Como se poderia pensar que namoros mais longos pudessem cumulativamente agregar um maior número de comportamentos relacionados à infidelidade,

ao se fazer o devido tratamento estatístico tal dado será considerado, tanto em relação aos ex-parceiros, como em relação aos atuais parceiros.

2.4.2 Segunda Etapa (Aplicação pelo pesquisador e aplicação *on-line*):

- Aplicação pelo pesquisador

Alguns meses depois que os casais participantes responderam pela primeira vez os testes da primeira etapa⁹, aqueles que podiam vir até o local designado no Instituto de Psicologia da USP compareceram novamente e foram separados em salas para participarem da segunda coleta, individualmente. Então, eram submetidos a dois testes: A “Escala de Ciúme Romântico” e o “Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade” (Anexos 12 e 13). Desta vez, a tarefa consistia em responder aos questionários tendo em vista os parceiros com os quais estavam juntos por ocasião da primeira aplicação e que indicassem o número de infidelidades que tinham perpetrado nos meses consequentes desde a primeira coleta. O mesmo procedimento utilizado na coleta anterior de intercalação dos questionários foi utilizado nessa etapa. Esta etapa também pôde proporcionar uma avaliação da variação da infidelidade dos participantes em relação aos parceiros por ocasião da primeira aplicação dos testes.

- Aplicação *on-line*

⁹ Na medida do possível, tentamos padronizar o tempo para a ocorrência da segunda coleta em 3 meses a partir da primeira coleta.

Aos participantes que não puderam comparecer pessoalmente à entrevista com o pesquisador, foi enviado, por *e-mail*, o mesmo conjunto de testes a que os participantes que puderam apresentar-se pessoalmente tiveram acesso (anexos 12 e 13). Recebidos os questionários preenchidos, o pesquisador telefonava para cada participante e fazia a devolutiva revelando o grau de ciúme indicado pelo teste ECR e se o mesmo havia sido alterado ao longo do tempo desde a primeira participação no estudo.

O objetivo desta etapa foi verificar se com a reaplicação do teste ECR havia alguma alteração no grau de ciúme, em relação ao grau verificado na coleta da primeira etapa e rastrear se havia alterações nos comportamentos relacionados à infidelidade. Esta etapa também pôde proporcionar uma avaliação da variação da infidelidade dos participantes em relação aos parceiros por ocasião da primeira aplicação dos testes.

2.5 Procedimento para a análise dos dados.

Primeiramente, após a coleta, tais dados foram registrados, tabulados e separados para a primeira e para a segunda etapas da coleta. Em seguida, os dados foram encaminhados para o Laboratório de Estatística Aplicada (LAE) do Departamento de Estatística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde receberam o devido tratamento estatístico.

Para poder se chegar aos resultados a seguir foram utilizadas as seguintes ferramentas estatísticas: média, desvio padrão, máximo, mínimo e o Teste t para comparação de médias e o Teste não paramétrico Mann-

Whitney para a comparação das medianas. Os *softwares* utilizados foram o Excel e o Minitab.

III- RESULTADOS

Como a presente pesquisa foi realizada em duas etapas, os resultados foram obtidos gradativamente, de acordo com a ocorrência de cada uma dessas etapas. Dessa forma, neste capítulo optou-se pela descrição dos resultados de forma progressiva para se mostrar como se chegou a eles e, conseqüentemente, à conclusão final.

3.1 Definição das variáveis.

Os dados foram analisados para se verificar a existência de possíveis relações entre as variáveis, sobretudo, para as variáveis ciúme e infidelidade.

Para analisar os dados referentes ao ciúme dos participantes da amostra, definimos como “Ciúme I” o escore bruto de cada participante dividido pelo número de itens respondidos, e que foram aplicados, por ocasião da primeira etapa. Em outras palavras, ele é o escore correspondente ao fator Não ameaça *versus* Ameaça, pesquisado por Ramos, Yazawa & Salazar (1994), para cada participante deste estudo, para o teste de ciúme, respondido por ocasião do primeiro contato que cada participante teve com este estudo. “Ciúme II” foi definido como o escore bruto de cada participante dividido pelo número de itens respondidos, e que foram aplicados, por ocasião da segunda etapa. Em outras palavras, ele é o

escore correspondente ao fator Não ameaça *Versus* ameaça, confeccionado por Ramos, Yazawa & Salazar (1994), para cada participante deste estudo em cada uma destas duas ocasiões.

Para analisar os dados referentes à infidelidade amorosa dos participantes da amostra, foi definido como “Infidelidade I” (infidelidade dos participantes por ocasião da primeira etapa desta pesquisa), o escore bruto de comportamentos relacionados à infidelidade de cada um dos participantes (anexos 10 e 11) dividido pelo tempo de namoro (em meses) declarado por este, por ocasião da primeira etapa.

Foi definido como “Infidelidade II” (infidelidade dos participantes por ocasião da segunda etapa desta pesquisa), o escore bruto de comportamentos relacionados à infidelidade de cada um dos participantes (anexos 12 e 13) dividido pelo tempo de namoro (em meses) declarado por ele, por ocasião da segunda etapa.

Foi definido como “Infidelidade III” (infidelidade pelos parceiros por ocasião da primeira etapa desta pesquisa), o escore bruto de comportamentos relacionados à infidelidade dos(as) parceiros(as) de cada um dos participantes (anexos 10 e 11) dividido pelo tempo de namoro (em meses) declarado por ocasião da primeira etapa.

Foi definido como “Infidelidade IV” (infidelidade pelos parceiros por ocasião da segunda etapa desta pesquisa), o escore bruto de comportamentos relacionados à infidelidade dos(as) parceiros(as) de cada um dos participantes (anexos 12 e 13) dividido pelo tempo de namoro (em meses) declarado por ocasião da segunda etapa.

3.2. *Ciúme romântico e infidelidade amorosa: em busca de possíveis associações - As estatísticas inferenciais.*

Foi utilizada a correlação de Pearson para verificar se havia relação entre as duas medidas do “Ciúme” (I e II); entre os tipos de “Infidelidade” (I, II, III e IV). A seguir, serão apresentadas algumas destas correlações:

- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” e “Ciúme II”, independentemente do sexo, foi $r = 0.875$, $p < 0.0001$, 90 gl;
- A correlação para o sexo feminino entre as variáveis “Ciúme I” e “Ciúme II” foi $r = 0.911$; $p < 0.001$; 45 gl;
- A correlação para o sexo masculino entre as variáveis: “Ciúme I” e “Ciúme II” foi $r = 0.824$; $p < 0.001$; 45 gl;
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Ciúme I” (feminino), foi $r = 0,501$; $p < 0,0001$; 45 gl;
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (masculino) e “Ciúme I” (feminino), foi $r = 0,462$; $p < 0,001$; 45 gl;
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Ciúme II” (feminino), foi $r = 0,530$; $p < 0,001$; 45 gl;
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (masculino) e “Ciúme II” (feminino), foi $r = 0,522$; $p < 0,001$; 45 gl.

Considerando agora os cruzamentos entre etapa e sexo, apresentamos na Tabela 3, as correlações e seus respectivos *p-values*.

Tabela 3 - Correlações para a variável Ciúme, considerando as etapas e o sexo.

Variáveis Correlacionadas	Valor da correlação	<i>p-value</i>
Ciúme I (masculino) x Ciúme I (feminino)	0,501	<0,0001
Ciúme II (masculino) x Ciúme I (feminino)	0,462	0,001
Ciúme I (masculino) x Ciúme II (feminino)	0,530	<0,001
Ciúme II (masculino) x Ciúme II (feminino)	0,522	<0,001

Observe na Tabela 3, que para as duas etapas, temos correlações significativas, considerando o sexo dos participantes.

Considerando os cruzamentos entre as etapas da pesquisa e também o cruzamento independentemente do sexo, podemos observar que para as duas etapas temos correlações significativas. Então, com o objetivo de verificar se existe diferença significativa entre as duas etapas para a variável ciúme, independente do sexo, aplicamos o Teste *t* pareado. O Teste *t* pareado, também conhecido como Teste *t* relacionado é empregado quando os mesmos participantes tomam parte de ambas as condições, como neste caso. Assim, por meio do Teste *t* pareado, podemos dizer que não existe diferença significativa entre as duas etapas. O valor da estatística Teste *t* (89) é igual a -0,13 ($p=0,898$).

Considerando o sexo masculino, aplicamos o Teste *t* pareado para verificar diferença significativa (ou não) entre as duas etapas, para a variável ciúme. A estatística do teste $t(44)$ é igual a -1,10 ($p= 0,279$); logo, podemos afirmar que não existe diferença significativa, para a variável ciúme entre a primeira e a segunda etapa considerando o sexo masculino.

Para o sexo feminino, temos também que não existe diferença significativa entre as duas etapas. O valor da estatística $t(44)$ é 1,15 ($p = 0,258$).

As correlações encontradas entre as duas medidas de ciúme (primeira e segunda etapas) e os quatro tipos de infidelidade (dos participantes e pelos parceiros, na primeira e na segunda etapa) foram:

- Correlação entre as variáveis “Ciúme I” e “Infidelidade I”, independente do sexo foi $r = -0,03$ ($p = 0,762$; 90 gl);
- Correlação entre as variáveis “Ciúme I” e “Infidelidade II”, independente do sexo foi $r = 0,04$ ($p = 0,733$; 90 gl);
- Correlação entre as variáveis “Ciúme II” e “Infidelidade I”, independente do sexo foi $r = -0,01$ ($p = 0,939$; 90 gl);
- Correlação entre as variáveis “Ciúme II” e “Infidelidade II”, independente do sexo foi $r = 0,04$ ($p = 0,730$; 90 gl);
- Correlação entre as variáveis “Infidelidade I” e “Infidelidade II”, independentemente do sexo foi $r = 0,19$ ($p = 0,080$; 90 gl);
- Especificamente a correlação para o sexo feminino para as variáveis “Infidelidade I” e “Infidelidade II” foi $r = 0,14$ ($p = 0,346$; 45 gl);
- Especificamente a correlação para o sexo masculino para as variáveis “Infidelidade I” e “Infidelidade II” foi $r = 0,36$ ($p = 0,015$; 45 gl);
- Correlação entre as variáveis “Infidelidade III” e “Infidelidade IV”, independentemente do sexo foi $r = 0,19$ ($p = 0,080$; 90 gl);

- Especificamente a correlação para o sexo feminino para as variáveis “Infidelidade III” e “Infidelidade IV” foi $r = 0,14$ ($p = 0,346$; 45 gl);
- Especificamente a correlação para o sexo masculino para as variáveis “Infidelidade III” e “Infidelidade IV” foi $r = 0,36$ ($p = 0,015$, 45 gl);

As correlações estatisticamente significativas, apresentadas acima, serão agora analisadas e discutidas mais detalhadamente. Nas figuras a seguir, o eixo das ordenadas representa os escores de ciúme de cada participante por ocasião da primeira etapa, e o eixo das abscissas representa os escores de ciúme de cada participante por ocasião da segunda etapa, respectivamente para este estudo.

Os seguintes gráficos ilustram as relações estatisticamente significativas apresentadas acima:

Figura 1: Gráfico de dispersão entre as variáveis “Ciúme I” e “Ciúme II”, independente do sexo dos participantes.

A Figura 1 evidencia uma associação linear positiva entre as variáveis “Ciúme I” que representa os escores mensurados de ciúme de cada um dos participantes, por ocasião da primeira coleta, e entre “Ciúme II” que representa os escores mensurados de ciúme dos mesmos participantes, por ocasião da segunda coleta. Dessa forma, pode-se dizer que há uma tendência para cada participante ter o mesmo escore de ciúmes nestas duas ocasiões (fidedignidade teste-reteste: $r = 0.88$; $p < 0,0001$).

3.2.1 O ciúme masculino e o ciúme feminino da amostra pesquisada.

Analisando mais detalhadamente os escores de ciúme para os diferentes sexos obtemos os seguintes gráficos e as seguintes inferências:

Figura 2: Gráfico de dispersão entre as variáveis “Ciúme I” (feminino) e “Ciúme II” (feminino).

Sendo que a correlação encontrada entre as variáveis “Ciúme I” (feminino) e “Ciúme II” (feminino) foi $r = 0.91$ ($p = 0.000$, 45 gl), verifica-se por meio da Figura 2 que, há uma forte associação entre os escores individuais femininos.

Para os escores de ciúmes masculinos, observa-se uma associação ligeiramente mais fraca $r = 0.85$ ($p = 0.000$, 45 gl), do que aquela observada para o ciúme feminino, como podemos observar pela Figura 3. Observe que em ambos os casos à medida que o grau de “Ciúme I” (masculino ou feminino), para cada participante, crescem os escores de “Ciúme II” (masculino ou feminino), para cada participante, também crescem.

Figura 3 - Gráfico de dispersão entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Ciúme II” (masculino).

A Tabela 2, a seguir, mostra as médias, variâncias e desvios padrões para todos os tipos de ciúme mensurados.

Tabela 2 - Médias, variâncias e desvios-padrões para as diferentes medidas de ciúme (independentemente do sexo e separadamente por sexo).

Variável	μ	$(\sigma)_2$	σ
Ciúme I	2,70	0,43	0,66
Ciúme II	2,69	0,46	0,68
Ciúme I (feminino)	2,57	0,40	0,69
Ciúme II (feminino)	2,63	0,49	0,75
Ciúme I (masculino)	2,82	0,44	0,66
Ciúme II (masculino)	2,76	0,43	0,65

Em relação aos dados da Tabela 2, verificamos que as médias para os escores de ciúmes femininos são menores do que as médias para os escores de ciúmes masculinos.

3.3 A infidelidade amorosa da amostra pesquisada.

Exceto pela correlação encontrada entre a Infidelidade I e II, para o sexo masculino ($r = 0,36$; $p = 0,015$) e para as Infidelidades III e IV, para o sexo masculino ($r = 0,36$; $p = 0,015$), as correlações entre as Infidelidades I e II e entre as Infidelidades III e IV não foram estatisticamente significantes (respectivamente, 0,19; 90 gl; $p < 0,08$ e 0,19; 45 gl; $p < 0,08$). Isto significa que não há qualquer relação detectada entre os vários tipos de infidelidades pesquisadas neste estudo quando analisadas independentemente do sexo.

Assim, os escores de infidelidade I, II, III e IV não estão associados de forma independente do sexo.

A Figura 4, a seguir, mostra graficamente as ausências de relações entre as Infidelidades I e II e, também, mostra a grande incidência de infidelidade para os participantes, sobretudo, na segunda fase da pesquisa.

Tabela 4 - Correlação, para a variável Infidelidade, segundo o sexo, em dois momentos.

<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	
	Infidelidade I	Infidelidade II
Infidelidade I	-0.096 $p= 0,529$	-0.113 $p= 0,460$
Infidelidade II	-0.070 $p= 0,646$	0,364 $p= 0,014$

Podemos verificar, pela Tabela 4, que existe correlação entre as variáveis “Infidelidade dos parceiros” apenas entre o sexo masculino e o sexo feminino, apenas para a segunda etapa da pesquisa. O valor do teste é igual a $r= 0,364$ ($p= 0,014$). Isso significa que há uma relação linear positiva entre os valores de infidelidade dos parceiros, por ocasião da segunda aplicação, de modo que homens que traem mais teriam parceiras também mais traidoras.

Tabela 5 - Estatísticas descritivas para as variáveis “Infidelidade I” e “Infidelidade II”, independentemente do sexo.

<i>Variáveis</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-padrão</i>
Infidelidade I	90	3,55	9,38
Infidelidade II	90	49,6	212

Pela Tabela 5 e, também, pela Figura 4 podemos verificar nitidamente que da primeira para a segunda aplicação nesta pesquisa, a incidência de infidelidades dos participantes aumentou mais de 13 vezes. Um dos fatores responsáveis por este aumento acentuado da primeira para a segunda fase como podemos observar pela Figura 4 é a citação dos comportamentos de infidelidade de três dos noventa participantes deste estudo que podem mascarar os verdadeiros resultados e desviar consideravelmente a média. Com o objetivo de verificar se existia diferença significativa entre “Infidelidade I” e “Infidelidade II”, é, trair o parceiro e ser

traído pelo parceiro na ocasião da primeira coleta dos dados (independentemente do sexo), aplicamos o teste t pareado. As hipóteses consideradas foram:

H_0 : não existia diferença significativa entre “Infidelidade I” e “Infidelidade II”;

H_1 : existia diferença significativa entre “Infidelidade I” e “Infidelidade II”.

Pelo teste t pareado, podemos dizer que existe diferença significativa entre as duas etapas. O valor da estatística teste $t(89)$ é igual a 2,08 ($p=0,041$). Isso implica que os resultados apresentados na “Infidelidade II” são maiores, portanto, podemos dizer que, no segundo momento, a infidelidade dos atuais parceiros é maior do que no primeiro momento (“Infidelidade I”).

Para o sexo masculino, existe diferença significativa entre a Infidelidade I e II, pois o valor de do teste foi $t(44)= 4,04$ ($p<0,0001$). Isto significa que os valores obtidos para a variável infidelidade masculina, em relação às mulheres, na segunda etapa são em média maiores do que na primeira etapa (e esta diferença é significativa). Entretanto, para o sexo feminino, podemos dizer que não existe diferença significativa entre as etapas I e II, pois $t(44)= 1,96$ ($p<0,056$). Logo, os valores obtidos para a variável infidelidade na segunda etapa, para os homens são superiores quando contrastados aos de suas suas parceiras, e são, em média, maiores do que os valores anteriormente citados por ocasião da primeira etapa.

3.3.1 *Análise descritiva das ocorrências de infidelidade na amostra pesquisada.*

A coleta ainda propiciou os dados necessários para se analisar a amostra pesquisada em três eixos: os pesquisados em relação aos ex-parceiros deles, os pesquisados em relação aos seus atuais parceiros, por ocasião da primeira etapa e pesquisados em relação aos seus atuais parceiros, por ocasião da segunda etapa. A seguir passaremos para cada uma destas análises descritivas.

3.3.1.1 *Estatísticas descritivas das ocorrências de infidelidade dos pesquisados em relação aos ex-parceiros.*

As percentagens de infidelidades para cada um dos trinta e cinco tipos de infidelidades que constam do Inventário de Comportamentos relacionados à infidelidade, tanto independentemente do sexo, bem como separados por sexo podem ser vistas na Tabela 6, em ordem decrescente de incidência independente do sexo.

Tabela 6 - Tabela de freqüências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (**) e (*) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Ex-parceiros).

Afirmações ¹⁰	% (total)	% (sexo feminino)	% (sexo masculino)
2 - Ter pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não sejam(m) os próprios parceiros	15,40**	17,32**	14,73**
1 - Bater papo em <i>chats</i> , receber <i>e-mails</i> por meio de sites de namoros, mensagens <i>on-line</i> etc.	12,48**	22,46**	8,99**
26 - Permitir-se ser paquerado(a) por outra pessoa, que lhe atraísse fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não fosse o(a) atual parceiro(a), e mesmo assim, não deixar com que o(a) teu(tua) próprio(a) parceiro(a) tome	5,57**	4,11	6,08**

¹⁰ As afirmações colocadas, não são as originais e foram resumidas apenas para evidenciar melhor ao leitor a que se refere cada um dos comportamentos.

conhecimento de que isso aconteceu.

22 - Deixar o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com o(a) meu(minha) parceiro(a) porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.¹¹

34 - Continuar a receber ligações de ex-namorados(as) sem o conhecimento do(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a) com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

14 - Ter relações sexuais com o(a) meu(minha) parceiro(a) enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa, que não fosse o(a) atual parceiro(a).

35 - Beijar na boca uma outra pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a).

21 - Ir para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento do(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a), independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.

7 - Ligar para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, não fosse o(a) atual parceiro(a).

3 - Sair para procurar uma outra pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a).

8 - Flertar simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o próprio relacionamento amoroso com seu(sua) atual parceiro(a).

6 - Beijar na boca uma outra pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a).

9 - Convidar para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não seja seu(sua) atual parceiro(a).

10 - Ligar para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto seu(sua) atual parceiro(a) não estava por perto.

4 - Ir para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa.

5 - Ir para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a).

15 - Ligar para o(a) meu(minha) parceiro(a), antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

12 - Dar o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não fosse o(a) atual parceiro(a).

18 - Mentir para o(a) meu(minha) próprio(a) que teria um compromisso que me impediria de vê-lo(a), para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

13 - Manter uma aventura amorosa (independentemente da duração), com uma ou mais pessoas que não fosse o(a) atual parceiro(a).

23 - Falar que não poderia sair com o(a) meu(minha)

5,04	2,24	6,02
4,67	5,46	4,40
4,56	8,12**	3,32
4,27	3,31	4,61
4,25	3,59	4,48
4,14	2,61	4,68
3,63	2,19	4,14
3,39	1,59	4,02
3,33	2,19	3,73
2,92	3,27	2,80
2,92	3,50	2,71
2,72	3,08	2,60
2,43	1,45	2,78
2,28	1,96	2,39
1,73	0,93	2,01
1,70	0,61	2,08
1,39	0,75	1,62
1,37	1,49	1,32

¹¹ Continuação da Tabela 6, na qual constam as freqüências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (**) e (*) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Ex-parceiros).

próprio(a) parceiro(a), somente para sair com uma outra pessoa que não seja o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a).			
19 - Não ter como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não seja o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a), durante o decurso do nosso relacionamento amoroso. ¹²	1,32	1,26	1,34
29 - Manter relações sexuais com outras pessoas que não fosse o(a) atual parceiro(a).	1,22	0,93	1,32
32 - Mentir que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a) e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.	1,16	0,93	1,24
16 - Colocar preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não fosse o(a) atual parceiro(a).	1,15	0,19	1,49
20 - Combinar de sair com uma outra pessoa atraente enquanto o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a) estava viajando.	1,05	0,65	1,19
30 - Faltar ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a) e que tenha me interessado fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.	1,02	0,84	1,08
17 - Atender o telefonema de alguma paquera, diante do(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a) e dissimulei para este(a), pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.	0,75	0,89	0,70
25 - Enquanto estive com meu(minha) parceiro(a), e esta estava conversando com uma amiga dela, começar a dar mais atenção à amiga dela do que o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a) porque a amiga dela me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.	0,71	0,70	0,72
28 - Falar para o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a) que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a).	0,44	0,42	0,44
27 - Simular uma briga com o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a), ou ainda, pedir um tempo para somente para você poder ficar com uma outra pessoa que não o(a) meu(minha) parceiro(a).	0,44	0,61	0,38
11 - Ficar com uma outra pessoa, numa mesma noite, enquanto esta e meu(minha) atual parceiro(a), estávamos junto em um barzinho ou danceteria.	0,25	0,14*	0,29
33 - Mentir que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a) e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.	0,12*	0,05	0,15*
24- Apresentar um(a) amigo(a) que beijava como se fosse um(a) primo(a) para que o(a) meu(minha) parceiro(a) não pudesse desconfiar disso.	0,08*	0,14*	0,07*
31- Falar que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não fosse o(a) atual parceiro(a) e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.	0,07*	0,00*	0,10*

Legenda: * 3 comportamentos menos citados;

** 3 comportamentos mais citados.

¹² Continuação da Tabela 6, na qual constam as frequências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (**) e *) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Ex-parceiros).

Para termos uma melhor visualização dos comportamentos mais citados, também, podemos recorrer à Figura 5:

Figura 5 - Análise considerando as citações mais freqüentes da amostra dos comportamentos relacionados à infidelidade, separadamente e independentemente do sexo, em relação aos ex-parceiros.

Tanto pela Figura 5, bem como pela Tabela 6, pode-se observar que duas das três infidelidades que aconteceram com maior freqüência, em relação à ex-parceiros, são as mesmas para homens e mulheres, ainda que haja algumas variações na incidência destes comportamentos. Dessa forma, para grupo masculino, ocorreu um número maior de citações para as afirmações 1 e 2, com 550 e 901 comportamentos registrados, respectivamente, para os homens e com 481 e 371 comportamentos registrados, respectivamente, para as mulheres. A afirmação 26 aparece no grupo masculino e feminino entre as três maiores freqüências (e no grupo feminino aparece com freqüência 88). A afirmação 22 aparece no grupo masculino como tendo a terceira maior ocorrência (368 comportamentos registrados e não parece no grupo feminino com a mesma importância (48

comportamentos registrados). Dessa forma pode-se dizer que as infidelidades mais freqüentes exibidas pelos participantes da primeira etapa em relação aos ex-parceiros, independentemente do sexo, respectivamente, foram em ordem decrescente:

- 2- Ter pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o(a) próprio(a) parceiro(a), tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo, de natureza sexual;
- 1- Manter contatos virtuais como: bater papo em *chats*, receber e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a);
- 26 - Permitir-se ser paquerado(a) por outra pessoa, que lhe atraísse fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não fosse o(a) atual parceiro(a), e mesmo assim, não deixar com que o(a) teu(tua) próprio(a) parceiro(a) tomasse conhecimento de que isso houvesse acontecido.

Em relação aos comportamentos de infidelidade menos relatados, além dos comportamentos 31 (A participante falar que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma outra pessoa que não fosse o próprio parceiro e que a havia interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente) que teve zero citações pelas parceiras dos participantes, por esta amostra, podem ser vistos na Figura 6:

Figura 6- Análise considerando as citações menos freqüentes da amostra dos comportamentos relacionados à infidelidade, separadamente e independentemente do sexo, em relação aos ex-parceiros.

Pode-se observar, tanto na Figura 6 como na Tabela 6, que duas das três infidelidades que aconteceram com menor freqüência, em relação à ex-parceiros, são as mesmas para homens e mulheres, além do comportamento 31 não citado nenhuma vez pelas participantes, ainda que haja algumas variações na incidência entre os dois sexos. Dessa forma, para o grupo masculino ocorreu um número menor de citações para as afirmações 33 e 24, com 9 e 4 comportamentos registrados, respectivamente, e com 1 e 3 comportamentos registrados, respectivamente, para as mulheres. A afirmação 31 não aparece citada para o grupo feminino. Como pode ser observado nas três colunas da direita da Figura 6 e na Tabela 6, os comportamentos de infidelidade menos freqüentemente citados pelos participantes em relação aos ex-parceiros, independentemente do sexo, respectivamente, foram em ordem decrescente:

- 33 – Mentir que estava com a família, somente para ficar com uma outra pessoa que não era os parceiros, pelos quais os participantes tenham se interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente.
- 24 – Apresentar um(a) amigo(a) que o(a) participante beijou como um(a) primo(a) para que o(a) parceiro(a) deste(desta) não pudessem desconfiar desta farsa.
- 31 – O(a) participante falar que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma outra pessoa que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a) e que o(a) havia interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente.

Para termos uma melhor visualização das ocorrências de infidelidade na nossa amostra em relação aos ex-parceiros tanto independentemente do sexo, bem como separadamente por sexo, podemos recorrer às figuras 7, 8 e 9. Essas figuras mostram as percentagens de ocorrência de cada um dos 35 tipos de infidelidade descritos no questionário.

Figura 7 - Total de Ocorrências de infidelidade, independentemente do sexo, em relação à ex-parceiros.

Analisando a Figura 7, pode-se dizer que as afirmações que mais ocorrem são as 2 e 1 com mais de 1000 ocorrências. As afirmações que ocorrem com frequência menor do que 10 são 32, 16, 20, 30, 17, 25, 27, 28, 11 e 33. As afirmações 24 e 31 tiveram apenas 7 e 6 ocorrências respectivamente. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos Anexos 8, 9, 10 e 11, ou na Tabela 6].

A Figura 8 apresenta as frequências de ocorrências destes comportamentos para as mulheres.

Figura 8 - Total de Ocorrências de infidelidade para o sexo feminino em relação aos ex-parceiros.

Analisando a Figura 8, para as afirmações segundo o sexo feminino, pode-se dizer que as afirmações que mais ocorrem são as 1, 2, 14 e 34 com ocorrências entre 117 a 481 vezes. As afirmações que ocorrem com frequência menor do que 10 são as 28, 16, 11, 24 e 33. A afirmação 31 teve

freqüência igual à zero. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos Anexos 8, 9, 10 e 11 e Tabela 6].

A Figura 9 apresenta as freqüências de ocorrências destes comportamentos para os homens.

Figura 9 - Total de ocorrências de infidelidade para o sexo masculino em relação aos ex-parceiros.

A Figura 9 mostra as incidências de infidelidades para o sexo masculino. As infidelidades mais citadas (com ocorrência superior a 500

vezes) são a 2 e a 1. Com ocorrências entre 18 e 99 vezes, temos os seguintes tipos de infidelidades: 13, 16, 19, 29, 23, 32, 20, 30, 25, 17, 28, 27 e 11. Com menos de 10 ocorrências, temos os seguintes tipos de infidelidades: 33, 31 e 24. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 8, 9, 10 e 11 e Tabela 6].

3.3.1.1.1 Os homens e as mulheres relatam diferentes quantidades de infidelidade em relação aos seus ex-parceiros?

Para verificar se existe associação entre os comportamentos de infidelidade e o sexo, foi utilizado o teste não paramétrico Mann-Whitney (utilizamos o *software* MINITAB). Como a variável em questão é uma variável quantitativa discreta, este teste é apropriado. Este teste compara medianas de duas populações. Este conjunto de dados apresenta muitas respostas com valor zero, o que inviabiliza a aplicação do Teste paramétrico Qui-quadrado.

As hipóteses testadas foram:

H_0 : não existe associação entre sexo e as frequências de ocorrência dos comportamentos de infidelidade;

H_1 : existe associação entre sexo e as frequências de ocorrência dos comportamentos de infidelidade;

Este teste estatístico indicou que existe relação entre as quantidades de ocorrências e o sexo (aqui, a estatística do teste $W = 894,5$ e tem $p < 0.0001$, isto é, pode-se rejeitar a hipótese H_0 , ao nível de 5% de

significância). Dessa forma, estes dados sugerem que os homens tendem a ter mais ocorrências de infidelidade do que as mulheres em relação as suas ex-parceiras.

3.3.1.2 Estatísticas descritivas das ocorrências de infidelidade dos pesquisados (Atuais parceiros - Primeira etapa).

A Tabela 7 apresenta as percentagens de ocorrência dos comportamentos de infidelidade dos atuais parceiros: percentagens totais e percentuais para homens e mulheres. Estes comportamentos são apresentados em ordem decrescente de percentagens totais de ocorrência.

Tabela 7 - Tabela de frequências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (**) e (*) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Atuais parceiros – Primeira etapa).

Afirmarões ¹³	% (total)	% (sexo feminino)	% (sexo masculino)
2	37,43**	12,39**	39,70**
1	24,08**	23,41**	24,14**
14	7,03**	1,96	7,49**
26	2,69	5,74	2,41
6	2,67	6,65	2,30
34	2,29	10,42**	1,55
8	2,05	2,42	2,02
10	1,97	3,93	1,80
35	1,87	3,78	1,70
3	1,81	1,66	1,82
7	1,58	5,29	1,25
5	1,56	1,36	1,58
4	1,42	2,57	1,32
21	1,42	3,63	1,22
12	0,98	1,96	0,89
9	0,92	1,36	0,88
22	0,82	0,91	0,81
19	0,78	0,91	0,77
29	0,75	1,06	0,73
17	0,75	1,36	0,70
16	0,68	0,15	0,73
15	0,68	1,36	0,62
18	0,59	0,30	0,62
20	0,50	0,60	0,49
32	0,49	0,91	0,45
25	0,44	1,06	0,38
23	0,40	0,45	0,40
13	0,38	1,21	0,30
27	0,26	0,15	0,27
28	0,25	0,60	0,22
30	0,18	0,30	0,16
11	0,16	0,15	0,16
24	0,06*	0,00*	0,07*
31	0,05*	0,00*	0,05*
33	0,00*	0,00*	0,00*

Legenda: * 3 comportamentos menos citados;
 ** 3 comportamentos mais citados.

¹³ Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 8, 9, 10 e 11.

Para termos uma melhor visualização dos comportamentos mais citados podemos recorrer à Figura 10:

Figura 10 - Os três comportamentos de maior ocorrência (Primeira etapa, independentemente do sexo).

Podemos observar na Figura 10 e na Tabela 7 que os dois comportamentos relacionados à infidelidade mais freqüentemente citados são o 2 e o 1, com 2895 e 1760 comportamentos registrados, respectivamente, para o grupo masculino, enquanto para o grupo feminino foram registrados, respectivamente, 82 e 155 comportamentos relacionados à infidelidade. O comportamento 14 é o terceiro mais citado para o grupo masculino, com 546 comportamentos registrados. No grupo feminino, o terceiro mais citado é o 34, com 69 comportamentos registrados. Dessa forma, ao analisarmos a Figura 10 e a Tabela 7, pode-se dizer que os

comportamentos mais freqüentemente exibidos pelos participantes da primeira etapa em relação aos(as) seus (suas) parceiros, independentemente do sexo foram, em ordem decrescente:

:

- 2- Ter pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o(a) próprio(a) parceiro(a), tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo, de natureza sexual;
- 1- Manter contatos virtuais como: bater papo em *chats*, receber e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a);
- 14- Ter tido relações sexuais com um(a) parceiro(a) enquanto, neste mesmo momento, imaginava como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa que atraísse fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente o(a) participante.

Em relação aos comportamentos menos citados, estes são mostrados na Figura 11.

**Os três comportamentos com o menor número de
ocorrências - Primeira Etapa (independentemente do
sexo)**

Figura 11 - Os três comportamentos de menor ocorrência (primeira etapa, independentemente do sexo).

Por meio da Figura 11 e da Tabela 7 podemos observar que os comportamentos menos citados pelos participantes que estariam relacionados à infidelidade, por ocasião da primeira etapa deste estudo, são os mesmos para os grupos masculino e feminino (afirmações 24, 33 e 31). Podemos, então, observar na Figura 11 que as afirmações que acontecem com menor frequência no total são as mesmas afirmações que aparecem no grupo masculino (afirmações 33 e 31), com 4 e 0 comportamentos registrados para as mulheres, respectivamente, e com 0 e 0 comportamentos registrados para os homens, respectivamente. Note que a afirmação 31 ocorre com a menor frequência em ambos os grupos (frequência zero - e por isso, aparece na legenda e não aparece no gráfico de barras). A afirmação 24 só tem ocorrência para o grupo masculino (entre

as três menores ocorrências), enquanto a afirmação 33 só tem ocorrência para o grupo feminino (entre as três menores ocorrências). Dessa forma, ao analisarmos a Figura 11 e a Tabela 7 podemos dizer que os comportamentos menos freqüentemente exibidos pelos participantes da primeira etapa em relação aos(as) seus (suas) parceiros, independentemente do sexo foram em ordem decrescente:

- 24- Apresentar um(a) amigo(a) que o(a) participante beijou como um(a) primo(a) para que o(a) parceiro(a) deste(desta) não pudessem desconfiar desta farsa;
- 33- Mentir que estava com a família, somente para ficar com uma outra pessoa que não era o parceiro, pelo qual o participante tenha se interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente;
- 31- O(a) participante falar que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma outra pessoa que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a) e que o(a) havia interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente);

Para termos uma melhor visualização das ocorrências de infidelidade da nossa amostra em relação aos seus atuais parceiros, tanto independentemente do sexo bem como separadamente por sexo, podemos recorrer às Figuras 12, 13 e 14.

Figura 12 - Total de ocorrências de infidelidade, independentemente do sexo, em relação aos atuais parceiros (primeira etapa).

Podemos observar na Figura 12, que as afirmações que acontecem com maior frequência são 2, 1 e 14 (no mínimo, 500 vezes). As afirmações 28, 30 e 11 ocorrem com frequência menor do que 20 e as afirmações 24 e 31 ocorrem com frequência menor do que 5. A afirmação 33 ocorre com frequência zero. Estes tipos de infidelidades com ocorrência zero podem ser retirados do inventário em um futuro estudo devido ao fato de que não aconteceram. É interessante observar a grande variabilidade no número de respostas (de nenhuma até 2977 ocorrências). O que demonstra que pessoas diferentes se engajam em diferentes comportamentos relacionados à infidelidade. Isso pode ser consequência do acesso diferencial de oportunidades a essas pessoas. Também, tal como o autor pressupôs para este trabalho, os relacionamentos amorosos são sistemas dinâmicos e por interagirem com as características do outro parceiro podemos pensar que

determinados fatores na personalidade de um parceiro podem modificar as incidências de comportamentos relacionados à infidelidade citados pelos participantes e explicariam esta variabilidade obtida nos resultados. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 8, 9, 10 e 11].

Figura 13 - Total de ocorrências de infidelidade para o sexo feminino em relação aos atuais parceiros (primeira etapa).

A Figura 13 mostra o número de ocorrências somente para os participantes do sexo feminino. Vemos que os tipos de infidelidade que mais ocorrem são referentes às afirmações 1, 2, 34 (apresentando número de ocorrências superior a 50). As afirmações que apresentam entre 24 a 44 ocorrências são as 6, 26, 7, 10, 35 e 21. As afirmações com menos de 10 ocorrências são 5, 9, 15, 17, 13, 25, 29, 19, 22, 32, 20, 11, 16, 27. As

afirmações que não apresentam ocorrências são 24, 31 e 33. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 8, 9, 10 e 11].

Figura 14 - Total de ocorrências de infidelidade para o sexo masculino em relação às atuais parceiras (primeira etapa).

A Figura 14 mostra o número de ocorrências segundo o sexo masculino. Notamos que as três maiores ocorrências (com valores superiores a 500) correspondem às afirmações 2, 1 e 14 (como na Figura 13). As afirmações 26, 6, 8, 3, 10, 35, 5 e 34 também ocorreram com um número alto de vezes (valores entre 113 e 176). As afirmações com frequência baixa (menores do que 10) são 24 e a 31, e a afirmação 33 não apresentou ocorrência. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 8, 9, 10 e 11].

3.3.1.2.1 Os homens e as mulheres relatam diferentes quantidades de infidelidades em relação aos seus atuais parceiros, por ocasião da primeira etapa da pesquisa?

Para verificar se existe associação entre as frequências de infidelidades dos participantes da pesquisa em relação aos seus atuais parceiros e o sexo dos participantes. Como estamos trabalhando com uma variável quantitativa discreta, este teste foi apropriado. Este conjunto de dados apresenta muitas respostas com valor zero, o que inviabiliza a aplicação do teste paramétrico Qui-quadrado. Este teste compara medianas de duas populações.

Consideramos as hipóteses:

H_0 : não existe associação entre sexo e as frequências de ocorrência dos comportamentos de infidelidade;

H_1 : existe associação entre sexo e as frequências de ocorrência dos comportamentos de infidelidade;

Este teste mostrou que havia diferença significativa nas medianas de homens e mulheres (aqui, a estatística do teste $W = 826,0$; $p < 0.0001$) e também, podemos dizer que existe uma indicação de maiores podemos dizer que existe uma indicação de maiores ocorrências para os homens. Portanto, houve uma maior ocorrência de infidelidade para os homens na primeira etapa deste estudo, que se ocupou em propiciar uma linha de base para as incidências dos comportamentos de infidelidade a ser contrastados com os da segunda etapa para os dois sexos.

3.3.1.3 Estatísticas descritivas das ocorrências de infidelidade dos pesquisados em relação aos atuais parceiros (segunda etapa da pesquisa).

As percentagens de ocorrência de cada um dos comportamentos de infidelidade em ordem decrescente tanto independentemente do sexo (em ordem decrescente na Tabela 8), bem como separados por sexo, podem ser vistas na Tabela 8.

Tabela 8 - Tabela de frequências relativas, ordenadas segundo o total, para as afirmações por classe, com destaque (**) e (*) para as 3 maiores e menores ocorrências respectivamente (Atuais parceiros – Segunda etapa).

Afirmações ¹⁴	% (total)	% (sexo feminino)	% (sexo masculino)
1	38,26%**	13,05%**	41,55%**
2	21,03%**	22,80%**	20,80%**
26	4,37%**	5,66%	4,21%**
8	3,48%	2,52%	3,61%
10	3,47%	5,50%	3,20%
16	2,94%	0,16%	3,30%
7	2,90%	5,82%	2,52%
3	2,21%	2,67%	2,15%
35	1,92%	3,77%	1,68%
34	1,89%	6,29%**	1,31%
14	1,87%	4,72%	1,50%
6	1,65%	3,62%	1,40%
22	1,51%	0,47%	1,64%
4	1,45%	4,25%	1,09%
21	1,45%	3,14%	1,23%
12	1,13%	2,36%	0,96%
20	1,13%	1,57%	1,07%
9	1,00%	1,10%	0,98%
5	0,93%	1,57%	0,84%
13	0,74%	1,57%	0,64%
17	0,76%	0,79%	0,76%
19	0,69%	0,94%	0,66%
29	0,62%	0,94%	0,57%
15	0,54%	1,73%	0,39%
25	0,44%	0,79%	0,39%
18	0,42%	0,63%	0,39%
32	0,25%	0,47%	0,23%
23	0,25%	0,79%	0,18%

¹⁴ Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 12 e 13.

11	0,20%	0,00%	0,23%
27	0,11%	0,00%	0,12%
30	0,09%	0,16%	0,08%
28	0,07%*	0,16%	0,12%
24	0,07%*	0,00%*	0,08%
31	0,07%*	0,00%*	0,08%*
33	0,02%*	0,00%*	0,02%*

Legenda: * comportamentos menos citados;
 ** comportamentos mais citados.

Para termos uma melhor visualização dos comportamentos mais citados, também podemos recorrer à Figura 15:

Figura 15 - Os três comportamentos de maior ocorrência (segunda etapa, independentemente do sexo).

Podemos observar na Figura 15 e na Tabela 8, que as afirmações que acontecem com maior frequência no total (2 e 1), são as mesmas que também têm as maiores frequências para os homens. A afirmação 1 também é a que tem maior frequência para as mulheres. Por exemplo, podemos notar que as afirmações 1 e 2 ocorrem nos dois grupos, com destaque para o grupo masculino (com 1014 e 2025 citações, respectivamente, enquanto para as mulheres têm 145 e 83 citações, respectivamente). A afirmação 26 está entre as três maiores somente para o grupo masculino (com 205 citações, enquanto que para as mulheres têm somente 36 citações), o mesmo ocorrendo para a afirmação 34 no grupo feminino, com 40 citações e para o grupo masculino com 64 citações. Dessa forma, pode-se dizer que, ao analisarmos a Figura 15 e a Tabela 8, os comportamentos mais frequentes exibidos pelos participantes da segunda etapa em relação aos(as) seus (suas) parceiros, independentemente do sexo foram em ordem decrescente:

- 2 - Ter pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o(a) próprio(a) parceiro(a), tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo, de natureza sexual;
- 1 - Manter contatos virtuais como: bater papo em *chats*, receber e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a)).
- 26 - Permitir-se ser paquerado por uma outra pessoa, que lhe atraísse fisicamente, amorosamente, ou mesmo,

sentimentalmente e que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a), e mesmo assim, não deixar com que o(a) parceiro(a) tomasse conhecimento de que isso aconteceu.

A Figura 16 mostra os comportamentos de infidelidade menos citados pelos participantes.

Figura 16 - Os três comportamentos de menor ocorrência (segunda etapa, independentemente do sexo).

Podemos observar pela Figura 16, que as afirmações com menor ocorrência para ambos os sexos são, respectivamente, em ordem decrescente 24, 31 e 33. Como podemos também observar através da Figura 16 e da Tabela 8 desta mesma figura estes mesmos comportamentos sequer aparecem citados pelas mulheres por ocasião da segunda etapa e, por isso, aparecem na legenda mas não aparecem no

gráfico de barras. Dessa forma pode-se dizer ao analisarmos a Figura 16 e a Tabela 8 que os comportamentos menos freqüentemente exibidos pelos participantes da segunda etapa em relação aos(as) seus (suas) parceiros, independentemente do sexo foram em ordem decrescente:

- 24 - Apresentar um(a) amigo(a) que o(a) participante beijou como um(a) primo(a) para que o(a) parceiro(a) deste(desta) não pudessem desconfiar desta farsa;
- 31 - O(a) participante falar que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma outra pessoa que não fosse o(a) próprio(a) parceiro(a) e que o(a) havia interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente;
- 33- Mentir que estava com a família, somente para ficar com uma outra pessoa que não era os parceiros, pelos quais os participantes tenham se interessado fisicamente, amorosamente, ou ainda, sentimentalmente.

Para termos uma melhor visualização das ocorrências de infidelidade da nossa amostra em relação aos seus atuais parceiros, por ocasião da segunda etapa, tanto independentemente do sexo, bem como separadamente por sexo, podemos recorrer às Figuras 17, 18 e 19.

Figura 17 - Total de ocorrências de infidelidade, independentemente do sexo, em relação aos atuais parceiros (segunda etapa).

Como pode ser observado na Figura 17, os comportamentos de infidelidade que mais ocorrem são os 1 e 2 com mais de 500 ocorrências. Os comportamentos de infidelidade ocorrem com frequência entre 241 e 7 são: 26, 8, 10, 16, 7, 3, 35, 34, 14, 6, 22, 4, 21, 12, 20, 9, 5, 17, 13, 19, 29, 15, 25 e 18. Os comportamentos de infidelidade 24, 27, 31, 33 e 11 não foram mencionados por nenhum dos participantes. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos Anexos 12 e 13].

Figura 18 - Total de ocorrências de infidelidade, para o sexo feminino, em relação aos atuais parceiros (segunda etapa).

Analisando a Figura 18, podemos dizer que as afirmações que mais ocorrem são as 1 e 2 com mais de 50 ocorrências. As afirmações que ocorrem com frequência menor do que 10 são 5, 13, 20, 9, 19, 29, 23, 17, 25, 18, 22, 32, 28, 30 e 16. Os comportamentos de infidelidade 24, 27, 31, 33 e 11 tiveram frequência zero. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 12 e 13].

Figura 19 - Total de ocorrências de infidelidade, para o sexo masculino, em relação às atuais parceiras (segunda etapa).

Como pode ser observado na Figura 19, os comportamentos de infidelidade que mais ocorrem são os 2 e 1 com mais de 1000 ocorrências. Os comportamentos de infidelidade que ocorrem com frequência entre 205 e 31 são 26, 8, 16, 10, 7, 3, 35, 22, 14, 3, 6, 34, 21, 4, 20, 9, 12, 5, 17, 19 e 13. [Ver as descrições de cada um destes tipos de infidelidade nos anexos 12 e 13].

3.3.1.3.1 *Como os pesquisados diferem em relação à infidelidade quanto ao sexo?*

Para verificar se existe associação entre as afirmações e o sexo, aplicou-se novamente o teste não paramétrico Mann-Whitney (utilizou-se o *software* MINITAB). Como se trabalhou com uma variável quantitativa discreta, este teste foi apropriado. Este teste compara medianas de duas populações.

Este conjunto de dados apresenta muitas respostas com valor zero, o que inviabiliza a aplicação do teste paramétrico Qui-quadrado.

Considerando as hipóteses:

H_0 : não existe associação entre sexo e as frequências de ocorrência dos comportamentos de infidelidade;

H_1 : existe associação entre sexo e as frequências de ocorrência dos comportamentos de infidelidade;

Pode-se dizer com 95% de confiança que existe associação entre o número de infidelidades e o sexo dos participantes, ou seja, o número de ocorrências depende do sexo (aqui, a estatística do teste é $W = 1496,5$; $p = 0.0001$, isto é, pode-se rejeitar a hipótese H_0 , ao nível de 5% de significância). Portanto, a hipótese H_0 foi rejeitada. Os homens tiveram um número maior de infidelidades do que as mulheres que estavam namorando atualmente, por ocasião da segunda etapa deste estudo.

3.4. *O ciúme enquanto um possível aspecto projetivo, ou ainda, auto-realizador para a infidelidade amorosa.*

Muitas são as pessoas se questionam se os parceiros mais ciumentos geralmente tendem a ser os mais traidores. Este estudo, também procurou verificar a relação que existe entre o ciúme e a infidelidade e se o ciúme estaria relacionado a um mecanismo mais projetivo de enfrentamento do cotidiano do que a outros fatores, aos moldes do que a psicanálise freudiana predizia.

Cotidianamente encontramos pessoas que projetam nos parceiros o desejo inconsciente de trair. Procuram indícios de infidelidade no outro, ruminando fantasias que eles mesmos constroem como possibilidades de infidelidade. Transformam a vida de seu cônjuge em uma constante instabilidade e insatisfação, levando-o a buscar alguém que lhe proporcione mais satisfação amorosa.

Ao que parece, segundo os dados deste estudo, dado que:

- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” e “Infidelidade III”, independente do sexo foi $r = 0,166$; ($p = 0,118$; 90 gl, onde, somente para lembrar, “Infidelidade III” é a frequência de infidelidade pelos parceiros de cada participante, por ocasião da primeira etapa da coleta);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” e “Infidelidade IV”, independente do sexo foi $r = 0,248$ ($p = 0,018$; 90 gl onde, somente para lembrar, “Infidelidade IV” é a frequência de

infidelidade pelos parceiros de cada participante, por ocasião da segunda etapa da coleta);

- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” e “Infidelidade III”, independente do sexo foi $r = 0,192$ ($p = 0,070$; 90 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” e “Infidelidade IV”, independente do sexo foi $r = 0,207$ ($p = 0,050$; 90 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Infidelidade I” (masculina), foi $r = -0,35$ ($p = 0,020$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Infidelidade I” (feminina), foi $r = 0,213$ ($p = 0,160$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Infidelidade II” (feminina), foi $r = 0,299$ ($p = 0,046$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (masculino) e “Infidelidade II” (feminina), foi $r = 0,280$ ($p = 0,063$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (feminino) e “Infidelidade II” (masculina), foi $r = 0,112$ ($p = 0,462$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (masculino) e “Infidelidade II” (masculina), foi $r = -0,005$ ($p = 0,975$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (feminino) e “Infidelidade I” (feminino), foi $r = 0,09$ ($p = 0,53$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme I” (feminino) e “Infidelidade II” (feminino), foi $r = 0,112$ ($p = 0,464$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (masculino) e “Infidelidade II” (masculina), foi $r = -0,006$ ($p = 0,098$; 45 gl);

- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (feminino) e “Infidelidade II” (feminino), foi $r = 0,081$ ($p = 0,599$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (masculino) e “Infidelidade II” (feminina), foi $r = 0,28$ ($p = 0,063$; 45 gl);
- A correlação entre as variáveis “Ciúme II” (feminino) e “Infidelidade II” (masculina), foi $r = 0,030$ ($p = 0,845$; 45 gl).

3.5 Outros fatores que foram pesquisados em relação ao ciúme e a infidelidade.

3.5.1 Notas físicas, Notas psicológicas, ciúme e infidelidade.

As pesquisas até o presente momento concentraram-se em questionar os seus participantes sobre as percepções que os mesmos têm de si mesmos e em relação aos seus parceiros, em relação aos seus atributos físicos. Contudo, uma pessoa possui uma grande quantidade de atributos físicos e psicológicos, por assim dizer. Dessa forma, um desdobramento deste estudo também coletou dados sobre o que eu denominei de “Notas Psicológicas (para si ou para o outro)” para vários atributos da personalidade do parceiro e do próprio participante tal como temperamento, que não estivesse relacionado a algum aspecto físico propriamente dito. Pensando sobre uma possível associação entre as notas (físicas¹⁵ e psicológicas¹⁶) que as pessoas se atribuem e como avaliam seus

¹⁵ Portanto, “nota física” foi a notação empregada para caracterizar os participantes e seus respectivos parceiros(as) de acordo com os atributos físicos (tais como altura, peso, entre outros). A tarefa dos participantes para este item (itens 5 e 6 do Anexo 14) era opinarem sobre si mesmos e sobre como percebiam os(as) próprios parceiros(as), atribuindo nota de 0 a 10, onde 0 era a nota mínima e 10 era a nota máxima.

parceiros, e os índices de ciúme e de infidelidade que expressam, obtivemos as seguintes correlações:

- Correlação entre as variáveis “Nota física para si” e “Infidelidade dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = 0,129$; $p = 0,23$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para si” e “Infidelidade dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = -0,261$; $p = 0,01$;
- Correlação entre as variáveis “Nota psicológica para si” e “Infidelidade dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = 0,113$; $p = 0,29$;
- Correlação entre as variáveis “Nota psicológica para si” e “Infidelidade dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = 0,002$; $p = 0,99$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para o outro” e “Infidelidade dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = 0,141$; $p = 0,19$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para o outro” e “Infidelidade dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = -0,077$; $p = 0,47$;

¹⁶ Portanto, “Nota psicológica” foi uma notação empregada para caracterizar os participantes e seus respectivos parceiros(as) de acordo com os atributos psicológicos (tais como personalidade, temperamento, dentre outros). A tarefa dos participantes para este item (itens 5 e 6 do Anexo 14) era opinarem sobre si mesmos e sobre como percebiam os(as) próprios parceiros(as), atribuindo nota de 0 a 10, onde 0 era a nota mínima e 10 era a nota máxima.

- Correlação entre as variáveis “Nota psicológica para o outro” e “Infidelidade dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = 0,084$; $p = 0,43$;
- Correlação entre as variáveis “Nota psicológica para o outro” e “Infidelidade dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = -0,125$; $p = 0,24$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para si” e “Ciúme dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = -0,034$; $p = 0,75$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para si” e “Ciúme dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = -0,037$; $p = 0,72$;
- Correlação entre as variáveis “Nota Psicológica para si” e “Ciúme dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = 0,111$; $p = 0,30$;
- Correlação entre as variáveis “Nota Psicológica para si” e “Ciúme dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = 0,073$; $p = 0,50$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para o outro” e “Ciúme dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = -0,217$; $p = 0,04$;
- Correlação entre as variáveis “Nota física para o outro” e “Ciúme dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = -0,205$; $p = 0,05$;
- Correlação entre as variáveis “Nota Psicológica para o outro” e “Ciúme dos atuais parceiros na primeira etapa” foi $r = -0,140$; $p = 0,19$;

- Correlação entre as variáveis “Nota Psicológica para o outro” e “Ciúme dos atuais parceiros na segunda etapa” foi $r = -0,149$; $p = 0,16$.

3.5.2 O comprometimento amoroso em relação as variáveis deste estudo.

Vários pesquisadores concentram seus esforços para saber por que algumas relações duram e outras não. Uma das respostas a esta questão pode estar associada ao comprometimento, pois somente o amor não é preditor de estabilidade para relacionamentos amorosos. Para Gottman & Silver (1998) e Rusbult & Buunk (1993), os fatores que podem fazer um relacionamento dar certo ou desintegrar-se estão longe de serem óbvios.

Este estudo também procurou verificar como o fator comprometimento interagia com as demais variáveis testadas. Através da entrevista com o pesquisador deste estudo (Anexo 14), as pessoas poderiam reportar 3 graus diferentes de comprometimento afetivo segundo seus próprios critérios.

Vejamos os resultados encontrados.

Figura 20 - Distribuição da variável “Comprometimento amoroso” para os dois sexos.

Legenda: 1 – representa o nível baixo de comprometimento declarado pelos respondentes.

2 – representa o nível médio de comprometimento declarado pelos respondentes.

3 – representa o nível alto de comprometimento declarado pelos respondentes

Através da entrevista com o pesquisador deste estudo (Anexo 14), as pessoas poderiam reportar 3 graus diferentes de comprometimento afetivo segundo seus próprios critérios. Analisando a Figura 21, temos que aproximadamente 52% (29% das mulheres e 23% dos homens) dos casais pertencem à classe 3, ou seja, ao comprometimento 3 (alto). Pela mesma figura podemos observar que 27% (13% das mulheres e 14% dos homens) pertencem à classe 2, ou seja, ao comprometimento 2 (médio), e ainda, podemos verificar também pela Figura 21 que 20% (8% das mulheres e 12% dos homens) pertencem à classe 1, ou seja, ao comprometimento 1 (baixo).

Então, procedeu-se a aplicação do teste correlacional de Pearson, para verificar possíveis associações entre os graus de comprometimento e os graus de ciúmes e graus de comprometimento e freqüências de infidelidade. Então, obtiveram-se os seguintes dados:

- Correlação entre “Comprometimento” e “Ciúme I” foi $r = 0,06$; $p = 0,56$;
- Correlação entre “Comprometimento” e “Ciúme II” foi $r = 0,15$; $p = 0,17$;
- Correlação entre “Comprometimento” e “Idade” foi $r = 0,27$; $p = 0,01$;
- Correlação entre “Comprometimento” e “Infidelidade I” foi $r = 0,11$; $p = 0,29$;
- Correlação entre “Comprometimento” e “Infidelidade II” foi $r = 0,06$; $p = 0,56$;
- Correlação entre “Comprometimento” e “Infidelidade III” foi $r = 0,05$; $p = 0,66$;
- Correlação entre “Comprometimento” e “Infidelidade IV” foi $r = -0,03$; $p = 0,79$.

IV- DISCUSSÃO

Neste terceiro milênio, muitas questões antigas estão cada vez mais sendo discutidas e reavaliadas pela sociedade de forma dinâmica e suas respostas exigem mudanças urgentes nos comportamentos da sociedade em relação a alguns fenômenos com os quais as pessoas se deparam desde a mais tenra infância. Um destes pontos a ser tematizados é o ciúme em seus diversos graus e formas de expressão.

Um outro ponto questionado e constantemente reformulado é a temática da infidelidade para os relacionamentos amorosos. Entre a fidelidade e a liberdade, como questiona Beauvoir (1995) citada por Goldenberg (2006), haveria uma conciliação possível? Percebemos que também, a exemplo do ciúme, na infidelidade também há uma distância entre discursos e comportamentos evidenciada por Goldenberg (2006). Este estudo avaliou as associações entre ciúme e infidelidade, dentre outros fatores que podem acarretar consequências positivas e negativas para os relacionamentos amorosos.

Em relação ao ciúme pode-se verificar nesta pesquisa que se obteve uma alta fidedignidade teste-reteste ($r = 0.88$). Em relação a nossa amostra, a metodologia aplicada não permitiu discriminar se os ciúmes exibidos pelos participantes estariam mais influenciados por forças situacionais ou disposicionais. O que se pode inferir é que, algumas pessoas, segundo o que aponta a literatura, é que o ciúme sofre a influência destes dois fatores

está a serviço da preservação dos relacionamentos amorosos (Bringle, 1981).

O ciúme na mulher apresenta-se como o medo de ser abandonada, trocada por outra mulher. Seu maior desejo é ser amada e ser a única para seu parceiro. Esta tendência estaria relacionada a padrões evolutivos do comportamento (Buss, 2000; Fisher, 1995). Ela expressa seu ciúme de forma mais clara e aberta. Quando é preterida, sente-se isolada, insegura, com sentimentos de baixa auto-estima. Muitas vezes, ela, ao expressar ciúme, deseja demonstrar quanto o seu amor é verdadeiro. O homem manifesta seu ciúme pelo medo de perder o poder, o domínio. Quando preterido, sente-se humilhado e fracassado em manter a posse. Ele receia que o vejam como alguém inferior, desacreditado (Echeburúa & Fernández-Montalvo, 2001; Ferreira-Santos, 1998). A partir dos dados analisados, pode-se afirmar que, para a nossa amostra, os sexos não diferem quanto à exibição do ciúme em termos de intensidade. Este resultado se apóia em outros como, por exemplo, em Ramos e Saraiva (2000) que evidenciam a inexistência da diferença de ciúme entre os sexos. Contudo, o resultado do presente estudo diverge da literatura encontrada como em García, Gómez & Cantó (2001), Kebleris & Carvalho (2006), Sagarin & Guadagno (2004) e Mullen & Martin (1994), somente para citar alguns estudos, que nos apontam o sexo feminino como tendo mais ciúme do que o sexo masculino.

Porém, não há um consenso entre os autores acerca desta questão, levando-se em consideração que diversos experimentos realizados por diferentes autores obtiveram diferentes resultados. Há que se ressaltar que o mito social pode nos encaminhar para o pensamento de que as mulheres

seriam mais ciumentas que os homens. Todavia, este julgamento talvez resulte de uma falsa interpretação dos fatos. Somente para ilustrar, crimes passionais cometidos por mulheres ciumentas atraem muita atenção da sociedade. Isso pode sugerir que as mulheres estariam mais sujeitas aos desatinos do ciúme. Contudo, na realidade, se verificarmos a verdadeira incidência de homicídios cometidos por ciúme, observaremos que a minoria são cometidos por mulheres. Também, um outro pensamento a favor de que as mulheres têm mais razões reais de ciúme é a idéia de que os homens são notoriamente infiéis. Em um outro estudo, André e Lelord (2002) apontam que os homens são mais ciumentos, sobretudo, da segurança e da determinação dos adversários, mais do que o aspecto físico, enquanto que as mulheres olham e competem contra o aspecto físico e suas rivais.

Especificamente em relação à infidelidade, pode-se observar que para as três análises estatísticas realizadas (infidelidade com ex-parceiros em função do sexo, infidelidade com atuais parceiros em sua primeira etapa em função do sexo, e infidelidade com atuais parceiros em sua segunda etapa em função do sexo), os homens traem mais do que as mulheres (teste $W = 894,5$, $p < 0.0001$; teste $W = 826,0$, $p < 0.0001$; teste $W = 1496,5$; $p = 0.0001$). Estes resultados são consistentes com a literatura que aponta que o maior fator preditor para a infidelidade ainda é o gênero, e mais especificamente para os autores Abdo, Moreira Jr. & Fittipaldi, (2000) e Goldenberg (2006). Contudo, é provável que em um futuro próximo esta preponderância masculina se altere devido à transformação do papel feminino. Antigamente, somente aos homens era conferido o direito de ser infiel, de tal forma que eles poderiam ter amantes e concubinas e as

mulheres tinham que fingir que nada estava acontecendo. Atualmente, com uma maior independência feminina, estas incidências de infidelidade podem se equiparar ou mesmo superar as taxas de infidelidades masculinas.

Quando se considera as infidelidades independentemente dos sexos dos participantes da pesquisa, verifica-se que alguns comportamentos de infidelidade têm o mesmo “grau” de ocorrências nas três etapas da pesquisa. Por exemplo, as afirmações 1¹⁷, 2¹⁸ e 26¹⁹ estão entre as 4 de maior ocorrência em todos estes casos.

Como vimos anteriormente, muitos são os motivos e as conseqüências para aqueles que decidem engajar-se em comportamentos infiéis. Assim, pode-se observar pela presente pesquisa que, ao menos por ocasião da segunda etapa, a infidelidade masculina está correlacionada com a infidelidade feminina, ainda que de forma leve ($r= 0,364$; 45 gl; $p= 0,014$). Dessa forma, podemos pensar que alguns daqueles que se engajam em comportamentos de infidelidade estão associados a parceiros(as) que também têm motivações próprias para se engajarem em comportamentos infiéis. Ou ainda há a possibilidade de parceiros que têm tendência a trair, selecionar outros com esta mesma tendência. Outras possíveis causas para isso seriam a diminuição da veracidade entre os próprios parceiros, e a tendência que as pessoas têm de retaliarem o parceiro quando

¹⁷ Manter contatos virtuais como, por exemplo: bater papo em *chats*, receber *e-mails* por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não seja o(a) atual parceiro(a).

¹⁸ Ter pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não sejam(m) o(a) atual parceiro(a), tais como estar beijando tal pessoa, ouvir/dizer frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.

¹⁹ Permitir-se ser paquerado por outra pessoa, que lhe atraísse fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a), e mesmo assim, não deixar com que o(a) próprio(a) parceiro(a) tome conhecimento de que isso aconteceu.

descobrem a infidelidade, e daí conseqüentemente praticarem a infidelidade.

Pode-se verificar pela presente pesquisa que os escores de ciúme da primeira etapa estão correlacionados aos escores da infidelidade pelos parceiros por ocasião da segunda etapa ($r = 0,248$; 90 gl ; $p = 0,018$). Assim, pode-se pensar que quanto maior o ciúme de cada um(a) dos(as) participantes, maior a chance deste(a) ser traída por seus(suas) parceiros(as). Inicialmente, foi hipotetizado nesta pesquisa que o ciúme, em graus elevados, de um parceiro estivesse relacionado ao aumento do engajamento do número de infidelidades do outro parceiro, conforme preconizado pela teoria da profecia de auto-realização em relação à infidelidade do outro parceiro. Então, as pessoas não seriam inertes aos encontros amorosos interpessoais e também não estariam ilesas as expectativas ciumentas dos próprios parceiros. O outro teria a propriedade de modelar o nosso comportamento em uma situação amorosa interpessoal. Caso fosse confirmada a hipótese da profecia auto-realizadora, na segunda etapa, esperar-se-ia encontrar uma quantidade significativamente mais elevada de infidelidades por parte dos parceiros dos participantes mais ciumentos, ou ainda, que este casal prejudicado pelo ciúme excessivo tivesse se separado. Por meio de um raciocínio análogo, o autor deste trabalho pressupôs que se o ciúme, em graus diminutos, de um parceiro estivesse relacionado a uma redução no número dos comportamentos relacionados à infidelidade emitidos pelo outro, por ocasião da segunda etapa, ou ainda, o casal se mantivesse unido.

Desta forma, os resultados desta pesquisa sugerem que o ciúme, está associado à infidelidade amorosa tal como seria predito pela profecia auto-realizadora (Rosenthal & Jacobson, 1966; 1968; 1982). Outra hipótese é que aqueles que têm mais ciúmes leram antecipadamente os indícios de que o parceiro tinha propensões para a infidelidade. Algumas pessoas ainda podem questionar estes achados, alegando de que o instrumento empregado para esta pesquisa poderia ter um efeito reativo (ou de interação) entre a testagem e a variável experimental como nos colocam Campbell & Stanley (1979). Segundo este raciocínio, o pré-teste poderia ter influenciado a sensibilidade, ou ainda, a capacidade de induzir vigilância dos parceiros dos participantes em relação à variável experimental, o que tornaria cada um dos participantes mais atentos às infidelidades que estavam em andamento e isso, comprometeria a validade interna do instrumento. Contudo, colocamos alguns argumentos que rebatam este questionamento. Primeiramente, se por um lado, o instrumento empregado nesta pesquisa tivesse induzido o comportamento de vigilância em cada participante, por outro lado, ele provavelmente deveria ter tido o mesmo efeito para que cada parceiro que estivesse engajado ou pensando em trair os parceiros escondesse ainda mais a própria infidelidade, ou mesmo traísse menos. Um outro fator muito importante é que a infidelidade do parceiro, embora possa sofrer algumas distorções, em termos numéricos, foi relatada pelos próprios perpetradores da infidelidade. Dessa forma, ela não é fruto da percepção dos parceiros, e sim, provavelmente, induzida por estes. Evidencia-se ainda, que certamente acreditamos que todos os instrumentos, em algum grau influenciam o comportamento dos

pesquisandos de forma que não há um teste perfeito que não interfira com os resultados da pesquisa. Todavia, todos os cuidados possíveis foram tomados com vistas a possibilitar a redução deste viés experimental, tal como o sigilo das informações obtidas, o anonimato dos participantes, a coleta em salas, ou ainda, em momentos separados, dentre outras medidas.

Contudo, se o ciúme é um agente da profecia auto-realizadora da infidelidade, ainda que de forma fraca, e independentemente do sexo, alguns questionamentos permanecem em aberto tais como: podemos dizer que os homens têm sido mais infiéis ao longo do tempo (ou pelo menos os da nossa amostra), porque eles tiveram o seu comportamento infiel induzido por suas parceiras? Supondo que se as mulheres, da presente pesquisa, fossem menos ciumentas que os homens, esperar-se-ia que os homens fossem mais traidores? O ciúme ao longo da história foi apontado como um dos melhores mecanismos a serviço da preservação e da manutenção para os relacionamentos amorosos. Com os dados da presente pesquisa o ciúme adquire uma nova perspectiva onde ele, dependendo de sua dosagem, pode acarretar conseqüências negativas para os relacionamentos amorosos. Logo, qual é a dosagem ideal de ciúme para que este possa se ocupar de zelar pelos relacionamentos amorosos sem, no entanto, prejudicá-los? A etologia prediz que os homens são mais propensos a se engajar em comportamentos infiéis.

Esta pesquisa também se ocupou de procurar possíveis associações entre o ciúme e a própria infidelidade como predizia a teoria freudiana de um ciúme de natureza projetiva. Dessa forma, pudemos observar que, ao menos para o sexo masculino, os escores de ciúme (na primeira etapa)

estão correlacionados de forma fraca e negativamente com os escores da infidelidade de cada um dos participantes (para a etapa inicial) ($r = -0,35$; $p < 0,05$). Entretanto, não observamos qualquer associação entre os escores de ciúme feminino (primeira e segunda etapa) e os escores de infidelidade das próprias participantes, em ambas as etapas desta pesquisa. Logo, estes dados refutam o que postulava a teoria freudiana acerca da natureza do ciúme projetivo para os homens e para as mulheres de nossa amostra (Freud, 1922/ 1976). Em outras palavras, o ciúme das mulheres está positivamente associado às infidelidades dos próprios parceiros, contudo não está com suas próprias infidelidades. Entretanto, o ciúme dos homens está positivamente associado com infidelidade das mulheres, e inversamente associado com suas próprias infidelidades.

Ainda, em relação à infidelidade, muitas pesquisas têm sido conduzidas com o fito de tentar descobrir por que as pessoas traem umas as outras nos relacionamentos amorosos (por exemplo, Brown, 1991; Glass & Wright, 1992; Lawson, 1998; Lusterman, 1998). A concepção de Viscott (1996) de infidelidade não se restringe somente a comportamentos sexuais realizados, mas é um conceito muito mais abrangente e se relaciona com o desejo, com o propósito e começa quando uma simples idéia foi posta em ação, por mais simples que esta seja. Dessa forma, o conceito de infidelidade amorosa pode representar muitas ações e situações distintas, sempre relacionadas ao fato de que a relação amorosa foi lesada pelo rompimento do compromisso de exclusividade. Esta concepção se aplica à infidelidade através da *internet* onde as pessoas podem se comunicar virtualmente com rapidez, e também podem se envolver com outra pessoa

com tanta intimidade como se estivessem ao vivo. Então, as pessoas que podem se engajar em infidelidades através da rede *internet* (*por exemplo*, através dos *chats* ou *e-mail*), através de mensagens acionadas pelo celular, pelo *pager*, etc. A literatura nesta área relata que o item 2 do questionário sobre infidelidade usado na presente pesquisa: “Manter contatos virtuais como, por exemplo: bater papo em *chats*, receber *e-mails* por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não seja seu(sua) atual parceiro(a)” indica que a rede *internet* é um importante meio que propicia a infidelidade (Atkins, Baucom & Jacobson, 2001; Barnes, 2006). Pode-se inferir que a rede *internet* aumenta as oportunidades que as pessoas têm de se engajarem em comportamentos amorosos infiéis e dependendo da força da motivação de cada um e de outros fatores como, por exemplo, o andamento do relacionamento amoroso atual, que as pessoas consomem, de fato, suas infidelidades.

Em relação ao primeiro item do questionário sobre infidelidade utilizado nesta pesquisa, o qual apresentou uma das maiores ocorrências da amostra, alguns poderão argumentar que se tratam de meros pensamentos e não atos consumados, mas ao partirmos da concepção de Viscott (1996), e de outros autores (por exemplo, Broderick, 1979, percebemos que um dos pontos críticos para a infidelidade é que os perpetradores da infidelidade, ainda quando estão em um estágio simplesmente cognitivo, como por exemplo, ao nível do pensamento, algumas vezes dão seqüência aos seus pensamentos e têm uma disposição de assim, seguir adiante. É bastante comum surgir outras dúvidas pertinentes: qual é o limite para nossos pensamentos infiéis? Até onde se pode fantasiar? Embora seja, muito

coerente tal questionamento, não existe uma única resposta que contemple todos os casos. Quando falamos sobre limites, é fundamental que cada casal converse sobre os seus, pois esta é uma medida muito pessoal. O desejável em um relacionamento amoroso seria que ambas as partes tivessem um entrosamento adequado que lhes permitisse discutir sobre seus pensamentos e fantasias, e assim, promover mutuamente uma maior liberdade de expressão e não provocar a insegurança no outro e transpor a barreira de uma desnecessária infidelidade.

Os resultados da presente pesquisa confirmam a concepção de Ahrndt (2005) que as mulheres cometem mais infidelidades emocionais do que os homens tais como aquelas relatadas nos itens “1”, “2” o questionário que foi utilizado. Ainda segundo a concepção de Ahrndt (2005), em relação ao universo masculino desta amostra, percebemos que alguns itens como os “6”, “11”, “15”, “19”, “29” e “35”, embora não tenham sido muito citados pelos participantes, são itens cujos conteúdos semânticos estão diretamente relacionado com uma infidelidade sexual em potencial e tenham sido mais citados pelos participantes do sexo feminino. A partir disso se evidencia que, tal como aponta a literatura desta área, as mulheres estão mais propensas a se engajarem em comportamentos relacionados à infidelidade, sobretudo, quando são de natureza emocional, enquanto que os homens estão mais propensos a se engajarem em comportamentos relacionados à infidelidade, sobretudo, quando são de natureza sexual (Buss, 2000; Glass & Wright, 1985 e Thompson 1984, dentre outros).

Os comportamentos não mencionados pelos participantes, como por ocasião da segunda etapa, como as afirmações 11²⁰, 24²¹, 27²², 31²³ e 33²⁴ não necessitam ser incluídos em um futuro estudo devido a sua ocorrência nula. Somando-se todas as infidelidades mencionadas pelos participantes, aquelas descritas nas questões 24, 31 e 33 estão entre aquelas de menor ocorrência.

Um dos resultados mais robustos na literatura desta área é que os homens são muito mais propensos que as mulheres para se engajarem em comportamento relacionados à infidelidade (Hansen, 1987; Wiederman & Hurd, 1999; dentre outros). Os presentes resultados também apoiam este achado geral: neste estudo os homens informaram um maior e mais significativo número de comportamentos relativos à infidelidade do que as mulheres.

Como verificado na presente pesquisa, o ciúme e a infidelidade têm diferentes manifestações. Observa-se isso por meio da grande quantidade de comportamentos de ciúmes e de infidelidade admitidos pelos participantes que responderam os questionários sobre o ciúme e sobre a infidelidade. As incidências dos tipos e manifestações do ciúme e da infidelidade também variaram bastantes indo de zero até 2108 ocorrências.

²⁰ Ficar com uma outra pessoa, numa mesma noite, enquanto esta é o(a) atual parceiro(a), estavam junto em um barzinho ou danceteria.

²¹ Apresentar um(a) amigo(a) que beijava como se fosse um(a) primo(a) para que o(a) meu(minha) parceiro(a) não pudesse desconfiar disso.

²² Simular uma briga com o(a) próprio(a) parceiro(a), ou ainda, pedir um tempo para somente para poder ficar com uma outra pessoa que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a).

²³ Falar que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não seja o(a) meu(minha) próprio(a) parceiro(a) e que despertasse interesse físico, amoroso, ou ainda, sentimental.

²⁴ Mentir que estava com a própria família, e não fazer isso, somente para ficar com uma pessoa que não era o(a) próprio(a) parceiro(a) e que despertasse interesse físico, amoroso, ou ainda, sentimental.

Também podemos observar que encontramos uma grande variação nos graus de ciúme para as duas etapas da pesquisa. Isso confirma a literatura como a de Breit, Im e Wilner (1983) que afirmam que cada pessoa apresenta uma suscetibilidade própria para o ciúme, fundamentada em fatos de sua experiência anterior que geraram a autoconfiança e sentimentos e valores. Estes resultados também sugerem que as pessoas idiossincraticamente apresentam suscetibilidades características para se engajarem em comportamentos relacionados à infidelidade.

A literatura científica tenta explicar como fatores relacionados à desejabilidade afetam os graus de ciúmes dos parceiros, isto é, quando pessoas são mais atrativas que seus parceiros, elas têm mais chances de evocarem ciúmes. Muitos autores descobriram que o parceiro mais desejável do casal seria o mais propenso a se desgarrar (Buss, 2000; Hill, Rubin & Peplau, 1976; Hatfield, Traupmann & Walster, 1979; Kenrick & Keefe, 1992; Thiessen & Gregg, 1980; Walster, Traupmann & Walster, 1978; Walster, Walster & Berscheid, 1978). Além disso, quanto mais semelhantes as diversas características de cada membro do casal, menores a chance de que os mesmos se separassem, e conseqüentemente, experimentassem as seqüelas decorrentes causados pelo processo da separação (Fischer, 2006; Vincent, 2005).

As pesquisas até o presente momento concentraram-se em questionar os seus participantes sobre as percepções que eles têm dos seus próprios atributos físicos. Na presente pesquisa só foram encontradas as seguintes relações estatisticamente significativas envolvendo a atração física: entre a Nota física para si” e “Infidelidade dos atuais parceiros” na

segunda etapa da pesquisa ($r = -0,261$; $p = 0,01$), “Nota física para o outro” e “Ciúme dos atuais parceiros na primeira etapa” ($r = -0,217$; $p = 0,04$) e “Nota física para o outro” e “Ciúme dos atuais parceiros na segunda etapa” ($r = -0,205$; $p = 0,05$). Todas estas correlações fracas e negativas, com isso, pode se sugerir que:

- (1) A auto-atribuição das notas de atração física está inversamente correlacionada com os escores de infidelidade dos parceiros, isto é, há uma tendência, ainda que fraca, de quanto maior cada participante se auto-atribuir um escore “Boa nota física para si” menor será o número de comportamentos relacionados à infidelidade de seu(sua) parceiro(a), ao menos, por ocasião da segunda coleta de dados desta pesquisa. Estes dados corroboram o que é citado na literatura desta área (Buss, 2000). Talvez, podemos inferir que o(a) parceiro(a) que se auto-atribui notas mais altas, é também percebido pelo(a) próprio(a) parceira como bem desejável, e neste caso, isso por se diminuiria as chances de um parceiro trair o outro. Esta inferência está de acordo com a posição da teoria etológica que postula que um dos principais fatores que motivam a infidelidade entre parceiro é a busca de parceiros e de genes melhores com vistas à um aperfeiçoamento e a preservação do próprio material genético por meio da prole gerada por aquele casal (Buss, 2000);

- (2) Os escores “Nota física para o outro”, que cada um dos participantes atribuem para seus(suas) parceiros(as)“, estão inversamente correlacionados com os escores de ciúme de cada participante, para ambas as etapas desta pesquisa. Em outras palavras, há uma tendência, ainda que fraca, de quanto maior cada participante atribuir para seu(sua) parceiro(a) uma maior nota, menor será o escore de ciúme, para ambas as etapas desta pesquisa. Este dado contradiz a literatura padrão (e.g. Buss, 2000) e os resultados que foram encontrados até então, levando-se em consideração que costuma-se presumir que as pessoas que têm mais ciúme consideram que seus parceiros são mais desejáveis do que eles mesmos. Desta forma, seria esperado que os participantes que avaliassem parceiros como sendo mais desejáveis do que estes tivessem escores maiores de ciúme, contudo, isso não foi observado para esta amostra.
- (3) O conjunto de dados acima sugerem que não existe nenhuma correlação significativa para as variáveis “Nota Psicológica” (tanto em relação a si mesmo, como em relação ao parceiro, com as demais variáveis, seja na primeira, ou mesmo, na segunda etapa, listadas anteriormente). Dessa forma, nada pode se concluir com relação àqueles que se auto-atribuem notas superiores ou inferiores conquanto os critérios adotados sejam os fatores

psicológicos, em relação aos parceiros e em relação ao ciúme, ou mesmo no que diz respeito à infidelidade. Ressalta-se que não há literatura de referência para contrastar com este dado levando-se em consideração que a totalidade das pesquisas se enveredou por pesquisar os a desejabilidade dos fatores físicos em relação a outros aspectos tal como a infidelidade, por exemplo.

No que diz respeito à questão do comprometimento, antes de realizarmos os devidos testes estatísticos pensava-se que parceiros com uma maior idade, teriam aumentado o seu grau de comprometimento nos relacionamentos amorosos e isso poderia estar relacionado de alguma forma à infidelidade, onde provavelmente seriam encontrados valores mais baixos de comportamentos relacionados à infidelidade para parceiros mais velhos. Como visto, esta hipótese foi confirmada e, de todas as possíveis associações existentes, somente há uma pequena associação linear positiva entre os escores das variáveis “Comprometimento” e “Idade” dos participantes ($r = 0,27$; $p < 0,01$). Em outras palavras, pode-se dizer que há uma tendência, ainda que pequena, para cada participante que quanto maior a idade dos participantes maior seja o grau de comprometimento dos mesmos. Uma possível explicação para isso é conforme passa o tempo e as pessoas envelhecem, elas procuram investir mais em relacionamentos amorosos e assumir compromissos afetivos com seus parceiros. Embora, apenas esta associação tenha sido encontrada é importante evidenciar que muitos são os fatores envolvidos tanto na permanência dos parceiros numa

relação, bem como no rompimento da mesma (Branden, 1998; Lemos, 1994; Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999; Rabin & Lagowshi, 2002; Viscott, 1996).

V - CONCLUSÃO

O propósito do presente estudo foi determinar as possíveis relações existentes entre os comportamentos de infidelidade e os escores de ciúme. Ao se tratar da temática da infidelidade amorosa, muitos direcionam seus olhares para o ‘traidor’ e vitimizam o ‘traído’. Não se pretendeu, com este trabalho, determinar relações de causa e efeito entre essas duas variáveis, ou ainda, arranjar uma justificativa plausível para as infidelidades, muito menos deslocar qualquer culpa da infidelidade para o traído, mas averiguar as possíveis contribuições de cada uma das partes da díade amorosa para compor a configuração final do quadro da infidelidade.

Os presentes resultados apoiaram algumas das hipóteses iniciais e foram consistentes com pesquisas anteriores embora tenha refutado outras, tais como serão apontadas a seguir.

O amor não parece ser um produto contemporâneo cultural criado por românticos poetas, ao contrário do que algumas pessoas possam pensar. O amor é um sistema complexo de pensamentos, sentimentos e comportamentos que está relacionado com o bem-estar do ser humano e está presente em todas as culturas que se conhecem. Instalado e selecionado pela evolução genética está a serviço da manutenção da vida e da perpetuação das espécies. Ele constantemente sofreu ameaças, relacionadas ao fato de que um dos parceiros possa potencialmente ser atraído por outro bem mais significativo para aquele quer trair. Então, a fim

de se evitar o desvio de recursos valiosos na forma de uma possível infidelidade, a natureza lançou mão de um outro recurso para ajudar na permanência dos parceiros nos relacionamentos amorosos nos quais eles estão inseridos. Este mecanismo é chamado de ciúme romântico.

É comum para as pessoas, em algum momento da vida, buscar um parceiro com quem possam compartilhar afetividade, alegria, prazer, companheirismo, sexo, dentre outros aspectos. Acontece que quando as pessoas aderem a relacionamentos amorosos e esta busca persiste através de infidelidades, esta pode causar grandes prejuízos, muitas vezes, para todos os envolvidos e para parentes e amigos que acompanham esta situação. Provavelmente por isso, o ciúme romântico tenha sido um mecanismo selecionado positivamente para precaver os relacionamentos amorosos dos malefícios de uma eventual infidelidade.

Embora seja possível que este mecanismo tenha sido selecionado para garantir as parcerias constituídas, muitos dos excessos de ciúme, sobretudo, quando relacionados à violência verbal ou física, acabam por complicar, em vez de facilitar os relacionamentos amorosos em andamento. Dessa forma, o ciúme romântico e a infidelidade amorosa não somente são dois importantes temas que afetam vários relacionamentos humanos, bem como um desafio para muitos destes. Vimos nesta pesquisa, a partir dos dados analisados, que os sexos não diferem quanto a exibição do ciúme em termos de intensidade.

Um outro aspecto, que merece ser destacado, relaciona-se com o fato de haver uma variedade de teorias e estudos que tentam compreender, de forma isolada, as dinâmicas do ciúme romântico e da infidelidade

amorosa. Se por um lado isso permite uma visão holística destas temáticas, por outro, dificulta a sua compreensão de cada uma delas, uma vez que não há um quadro teórico unificado que abarque as interações e desdobramentos destes dois fenômenos para os relacionamentos amorosos, quaisquer que estes sejam. Há, sim, vários modelos e vários estudos que, muitas vezes, remetem para resultados diversos, ou mesmo contraditórios, como vimos na Introdução deste trabalho. Este fato parece estar relacionado com dificuldades na seleção das amostras, metodologias utilizadas na coleta dos dados e no seu tratamento. Ao mesmo tempo não existe um quadro teórico subjacente que seja minimamente consensual entre os diversos investigadores que se têm dedicado a estas áreas.

Os temas ciúme e infidelidade se mostram de grande importância enquanto área de estudo, já que diferentes pesquisas os colocam como fatores de motivação em casos de homicídios, violência doméstica e outros contextos de agressão física e verbal (Billai & Kraya, 2000; Mullen & Maack, 1985). Embora muitas pessoas sejam concordes com o pensamento de Costa (1998), o qual expressa que quem não quiser sofrer deveria desistir de amar, é necessário aprendermos a relativizar tal crença implícita de que o amor seja um privilégio para poucos, ou ainda, que este seja um fenômeno que mais origine sofrimentos do que os mitigue. Importa ainda dizer que as expectativas do indivíduo face à relação conjugal influenciam fortemente a forma como este vivencia a relação e vem a perceber os comportamentos dos parceiros.

Evidencia-se ainda que acreditamos que outros fatores componham a configuração final do quadro das infidelidades que não somente o ciúme relacionado ao fenômeno da profecia auto realizadora da infidelidade.

Ainda pouco se conhece a respeito de quais tipos de parceiros são mais suscetíveis à infidelidade, mas este estudo permitiu, dentro de seus referenciais, identificar e discutir um pouco mais sobre alguns fatores que a promovem, algo que era muito pouco tratado pela literatura acadêmica até então. Ao analisarmos os 35 comportamentos relacionados à infidelidade, podemos concluir que, como aponta a literatura, homens e mulheres são geralmente propensos a se engajar em formas diferentes de infidelidade. As mulheres, sobretudo, quando mais insatisfeitas com seus parceiros, buscarão por aventuras emocionais e os homens buscarão aventuras extradiádicas, sobremaneira de natureza sexual. Dessa forma, acredito que o presente estudo contribui para uma melhor compreensão da dinâmica interpessoal amorosa principalmente referente a estes dois temas.

Como qualquer outro estudo, este também apresenta limitações. Como mencionado por Buss e Shackelford (1997), pode haver a possibilidade de encontrarmos indivíduos que tenham uma alta propensão para a infidelidade, mas, por fatores como falta de oportunidade é possível que nunca venham a se engajar em tais comportamentos. Finalmente, é provável que, por diversos motivos, a amostra selecionada não seja representativa da população geral, comprometendo assim, o valor da validade externa dos resultados e/ou somente possa ser generalizada para relacionamentos similares aos dos participantes desta amostra.

Enfim, embora essa pesquisa não tenha a pretensão de esgotar o assunto ou de resolver a questão sobre as possíveis relações que podem haver entre ciúme romântico e a infidelidade amorosa, salienta-se o quão gratificante foi a elaboração deste trabalho, pois permitiu-nos caminharmos mais alguns passos nas sendas do relacionamento amoroso. A principal conclusão é que o presente estudo contribui para outros estudos com o “Inventário de Comportamentos Relacionados à Infidelidade” que é útil para medir a frequência de ocorrência de comportamentos amorosos infiéis. Esta abordagem permitiu tomar consciência da complexidade deste domínio de intervenção e da necessidade de desenvolver investigações, particularmente no nosso país, rumo à compreensão dos fatores associados ao relacionamento amoroso, o que permitirá desenvolver intervenções e para melhor respondermos às necessidades e problemas relativos à parceria amorosa. Assim, espero que este trabalho também possa propiciar a abertura de novas janelas de investigação para novas frentes que abarquem estas temáticas.

VI – REFERÊNCIAS

- Abdo, C.H.N., Moreira Jr., E.D., & Fittipaldi, J.A.S. (2000). Estudo do comportamento sexual no Brasil – ECOS. *Revista Brasil Medicina*, 57(11), 1329-1335.
- Achté, K., & Schakir, T. (1985). Anthropological aspects at jealousy. In P. Pichot, P. Berner, R. Wolf, & K. Thau, *Psychiatry: The state of the art* (pp. 525-530). New York: Plenum Press.
- Adams, J., & Jones, W. (1999). *Handbook of interpersonal commitment and relationship stability*. New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Ades, C. (2003). Gender differences in the romantic jealousy of Brazilian young adults. *Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiânia, Goiânia*, 30(5), 1175-1198.
- Alberoni, F. (1986). *Enamoramento e amor* (A. G. Galvão, trad.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Albisetti, V. (1994). *Ciúme: Conhecer, enfrentar, superar* (2a ed.). São Paulo: Paulinas.
- Allport, G. (1950). The role of expectancy. In H. Cantril (Ed.), *Tensions that cause wars* (pp. 43-78). Urbana, Ill: University of Illinois.
- Almeida, T. & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs), *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar* (vol.5, pp. 99-105). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Almeida, T. (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: Possíveis razões*. São Carlos, SP: Departamento de Psicologia da UFSCar. Trabalho de conclusão de curso.
- Almeida, T. (2005). Mas eu me mordo de ciúmes. Entrevista concedida pelo psicólogo Thiago de Almeida a revista Espaço aberto da Universidade de São Paulo (retirado do site <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2006/espaco63jan/atualiza/comportamento.htm> em 2 de maio de 2006).
- Almeida, T. (2007). A Síndrome do Coração Partido: um novo desafio a ser pensado nos dias atuais. *Brasil Medicina.com*, 283. Recuperado em 11/01/2007: <http://www.brasilmedicina.com.br>

- Amélio, A. (1999, 21 de julho). Sexo não é tudo (Entrevista a Kiko Nogueira). *Revista Veja*, 11-12.
- Amélio, A. (2001). *O mapa do amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder*. São Paulo: Editora Gente.
- Amélio, A., & Martinez, M. (2005). *Para viver um grande amor*. São Paulo: Editora Gente.
- Ahrndt, S. (2005). *Distress in response to infidelity: An Examination of the Evolutionary Perspective*. University of Wisconsin, Milwaukee: Thesis Proposal.
- Amato, P. R., & Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24, 602-626.
- André, C., & Lelord, F. (2002). *La forza delle emozioni*. Milão: Corbaccio.
- Aristóteles (2001). *Da Alma (De anima)* I.2 (C.H. Gomes trad.). Lisboa: Edições 70.
- Assis, M. de. (1987). *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática.
- Bailey, J. M., Gaulin, S., Agyei, Y., & Gladue, B. A. (1994). Effects of gender and sexual orientation on evolutionary relevant aspects of human mating. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 1081-1093.
- Barnes, S. (2006). Immunized against infidelity. Want to avoid divorce? Then learn how to be faithful. *Special to the Tribune*, [reprinted online]. Recuperado em 23 de Agosto de 2006: www.smartmarriages.com
- Barthes, R. (1981). *Fragmentos de um discurso amoroso* (H. dos Santos, trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bers, S. A., & Rodin, J. (1984). Social-comparison jealousy: A developmental and motivational study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 766-779.
- Berscheid, E., & Fei, J. (1998). Romantic love and sexual jealousy. In G. Clanton & L. G. Smith (Eds.), *Jealousy* (pp. 101-109). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Betzig, L. L. (1989). Causes of conjugal dissolution. *Current Anthropology*, 30, 654-676.
- Botura, W. J. (1996). *Ciúme*. São Paulo: Roka.

- Branden, N. (1998). *A psicologia do amor: O que é o amor, por que ele nasce, cresce e às vezes morre* (M. Braga, trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Braz, A. L. N. (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, 5, Recuperado em Agosto de 2006: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2006000100006&lng=pt&nrm=iso
- Breit, M., Im, W., & Wilner, R. S. (1983). Jealousy: interventions in couples therapy. *Family Process*, 22, 211-219.
- Bringle, R. G. (1981). Conceptualizing jealousy as a disposition. *Alternative Lifestyles*, 4, 274-290.
- Bringle, R. G. (1991). Psychosocial aspects of jealousy: A transactional model. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 103-131). New York: Guilford Press.
- Bringle, R. G. (1995a). Romantic jealousy. *Social Perspectives on Emotion*, 3, 225-251.
- Bringle, R. G. (1995b). Sexual jealousy in the relationships of homosexual and heterosexual men: 1980 and 1992. *Personal Relationships*, 2, 313-325.
- Bringle, R. G. & Buunk, B. (1986). Examining the causes and consequences of jealousy: Some recent findings and issues. In R. Gilmour & S. Duck (Eds.), *The emerging field of personal relationships* (pp. 225-240). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bringle, R. G., Roach, S., Andler, C., & Evenbeck, S. (1977). *Correlates of jealousy*. Trabalho apresentado na 49th Annual Convention of the Midwestern Psychological Association, Chicago.
- Broderick, C. (1979). *Couples: How to confront problems and maintain loving relationships*. New York: Simon and Schuster.
- Brophy, J. (1983). Research on the self-fulfilling prophecy and teacher expectations. *Journal of Educational Psychology*, 76, 236-247.
- Brown, E. (1991). *Patterns of Infidelity and their treatment*. New York: Harper & Row Publishers.
- Bryson, J. B. (1977). Situational determinants of the expression of jealousy. In H. Sigall (Chair), *Sexual jealousy*. Simpósio apresentado no Encontro da Associação Americana de Psicologia, São Francisco, CA.

- Buss, D. (1988). Love acts: The evolutionary biology of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 100-118). New Haven: Yale University Press.
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12, 1-49.
- Buss, D. (2000). *A paixão perigosa – Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo* (M. Campelo, trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., & Westen, D. (1996). Sex differences in jealousy: Not gone, not forgotten, and not explained by alternative hypotheses. *Psychological Science*, 7, 373-375.
- Buss, D., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3, 251- 255.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality*, 31, 193–221.
- Buss, D. M., Shackelford, T. K., Kirkpatrick, L. A., Choe, J., Hasegawa, M., Hasegawa, T., & Bennett, K. (1999). Jealousy and the nature of beliefs about infidelity: Tests of competing hypotheses about sex differences in the United States, Korea, and Japan. *Personal Relationships*, 6, 125-150.
- Buunk, B. P. (1991). *Jealousy in close relationships: An exchange-theoretical perspective*. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 148-177). New York: Guilford Press.
- Buunk, B. P., Angleitner, A., Oubaid, V., & Buss, D. M. (1996). Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: Tests from the Netherlands, Germany, and the United States. *Psychological Science*, 7, 359-363.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e Processos Psicossociais da Intimidade Interpessoal. In A. Rodrigues, *Psicologia Social para principiantes: estudo da interação humana*. Petrópolis: Vozes.
- Campbell, D.T. & Stanley, J. (1979). *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa*. São Paulo: EPU-EDUSP.
- Cano, A., & O'Leary, K.D. (2000). Infidelity and separations precipitate major depressive episodes and symptoms of nonspecific depression and anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(5), 774-781.
- Carrera, P., & García, L. (1996). Conocimiento social de los celos. *Psicothema*, 8(3), 445 – 456.

- Cate, R. M., Levin, L. A., & Richmond, L. S. (2002). Premarital relationship stability: A review of recent research. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19, 261-284.
- Cavalcante, M. (1997). *O ciúme patológico* (3a ed.). Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- Clanton, G. (1981). Frontiers of jealousy research: Introduction to the special issue on jealousy. *Alternative Lifestyle*, 4, 259-273.
- Clanton, G., & Smith, L. G. (1998). *Jealousy*. New York: University Press of America.
- Conger, R., & Bryant, C. (1999). Marital success and domains of social support in long-term relationships: does the influence of network members ever end? *Journal of Marriage and the Family*, 61, 437-450.
- Copeland, J. T. (1994). Prophecies of power: Motivational implications of social power for behavioral confirmation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 264-277.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* (%a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento acerca do Ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, (1), 5 -13.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento* (P. I. C. Gomide & E. Otta, trans.). São Paulo: Atlas.
- Daly, M. & Wilson, M. (1988). *Homicide*. New York: Aldine De Gruyter.
- Daly, M., & Wilson, M. (1983). *Sex, evolution, and behavior*. Belmont, CA: Wadsworth.
- Daly, M., Wilson, M. I., & Weghorst, S. J. (1982). Male sexual jealousy. *Ethology & Sociobiology*, 3(1), 11-27.
- Dawkins, R. (1976). *The selfish gene*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- Dela Coleta, M. F. (1991). *Causas atribuídas ao sucesso e fracasso no casamento*. *PSICO*, Porto Alegre, RS, 22(2), 21-39.
- Delgado, A. R., & Bond, R. A. (1993). Attenuating the attribution of responsibility: The lay perception of jealousy as a motive for a wife battery. *Journal of Applied Social Psychology*, 23, 1337-1356.
- DeSteno, D., Bartlett, M., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: Evolutionary mechanism or artifact of measurement? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1103-1116.

- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Jealousy and the characteristics of one's rival: A self-evaluating maintenance perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 920-932.
- Deleule, D. (1975). *La Psicología - Mito científico*. Barcelona: Anagama.
- Dunker, C. I. L. (1995). Consumido pelo ciúme. *Viver Psicologia*, 3, 11-12.
- Echeburúa, E., & Fernández-Montalvo, J. (2001). *Celos em la pareja: uma emoción destructiva*. Barcelona: Ariel.
- Feldman, S., & Cauffman, E. (1999). Your cheatin' heart: Attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9(3), 227-252.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira-Santos, E. (1998). *Ciúme, o medo da perda* (3a ed.). São Paulo: Ática.
- Fischer, H. (2006). *Por que amamos*. Rio de Janeiro: Record.
- Fisher, H. (1995). *Anatomia do amor: A história natural da monogamia, do adultério e do divórcio* (M. Lopes & M. Carbajal, trads.). Rio de Janeiro: Eureka.
- Freud, S. (1976). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 271-281). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).
- García, P., Gómez, L., & Cantó, J.M. (2001). Reacción de celos ante una infidelidad: diferencias entre hombres y mujeres y características del rival. *Psicothema*, 14, 1, 611-616.
- Geary, D. C., Rumsey, M., Bow-Thomas, C. C., & Hoard, M. (1995). Sexual jealousy as a facultative trait: Evidence from the pattern of sex differences in adults from China and the United States. *Ethology and Sociobiology*, 16, 355-384.
- Gerhard, A., & Schneewind, K. (2002). Relationship personality, conflict resolution, and marital satisfaction in the first five years of marriage. *Family Relations*, 51, 63-71.
- Gikovate, F. (1998). *Ensaio sobre o amor e a solidão* (4a ed.). São Paulo: MG Editores Associados.
- Glass, S. P. (2002). Couple therapy after the trauma of infidelity. In A. S. Gurman & N. S. Jacobson (Org.), *Clinical Handbook of Couple Therapy* (pp. 488-507). New York: Guilford.

- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in the type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12, 1101- 1119.
- Glass, S., & Wright, T. (1992). Justifications for extramarital relationships: The association between attitudes, behaviors, and gender. *The Journal of Sex Research*, 29, 361-387.
- Goldenberg, M. (2006). *Infidel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record.
- Gottman, J., & Silver, N. (1998). *Casamentos: Por que alguns dão certo e outros não* (T. B. dos Santos, trad.). São Paulo: Objetiva.
- Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (1985). Proneness to romantic jealousy and responses to jealousy in others. *Journal of Personality*, 53, 468-479.
- Greeley, A. (1994). Marital infidelity. *Society*, 31, 9-14.
- Guerra, C. (2004) Violência conjugal e intrafamiliar: alguns dados de mundo, Brasil, Minas Gerais e Uberlândia. *Estudo da Universidade Federal de Uberlândia*.
- Hannawa, A.F., Spitzberg, B.H., Wiering, L., Teranishi, C. (2006). "If I Can't Have You, No One Can": Development of a Relational Entitlement and Proprietariness Scale (REPS). *Violence and Victims*, 21(5), 539-560.
- Hansen, G. L. (1987). Extradyadic relations during courtship. *Journal of Sex Research*, 23, 382-390.
- Hansen, G. H., Buunk, B., Falus, G., Fulgosi, A., Ortega, E., Swain, R., & Tarabrina, N. V. (1985). Romantic jealousy and romantic envy: A seven nation study. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 16, 423-446.
- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science*, 13, 7-12.
- Harris, C. R. (2003). A Review of Sex Differences in Sexual Jealousy, Including Self-Report Data, Psychophysiological Responses, Interpersonal Violence, and Morbid Jealousy. *Personality and Social Psychology Review*, 2, 102-128.
- Harris, C. R. (2005). Male and Female Jealousy, Still More Similar than Different: Reply to Sagarin (2005). *Personality and Social Psychology Review*, n. 1, p. 76-86.
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996a). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science*, 7, 364-366.
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996b). Jealousy and rational responses to infidelity across gender and culture. *Psychological Science*, 7, 378-379.

- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (1996). *Love and sex: Cross-cultural perspectives*. Boston: Allyn & Bacon.
- Hatfield, E., Traupmann, J., & Walster, W. (1979). Equity and extramarital sex. In M. Cook & G. Wilson (Eds.), *Love and attraction: An international conference* (pp. 309-321). Oxford: Pergamon.
- Hawkins, R. O. (1987). Comparative study of three measures of sexual jealousy. *Psychological Reports*, 61, 539-544.
- Hill, C. T., Rubin, Z., & Peplau, L. A. (1976). Breakups before marriage: The end of 103 affairs. *Journal of Social Issues*, 32(1), 147-168.
- Hintz, H. C. (2003). O Ciúme no Processo Amoroso. *Pensando Famílias*, 5 (5), 45-55.
- Hunt, M. (1959). *The Natural History of Love*. New York: Alfred A. Knopf.
- Hupka, R. B. (1981). Cultural determinants of jealousy. *Alternative Lifestyle*, 4, 310-356.
- Hupka, R. B. (1991). The motive for the arousal of romantic jealousy: Its cultural origin. In Jastrow, J. *Fact and fable in psychology*. Boston: Houghton Mifflin. (Trabalho original publicado em 1900).
- Hupka, R. B., & Bank, A. L. (1996). Sex differences in jealousy: Evolution or social construction? *Cross-Cultural Research*, 30, 24-59.
- Kebleris, F. & Carvalho, L. F. (2006). *Investigação de uma estrutura para o ciúme romântico e sua manifestação patológica*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- Kenrick, D. T., & Keefe, R. C. (1992). Age preferences in mates reflect sex differences in human reproductive strategies. *Behavioral and Brain Sciences*, 15, 75-133.
- Kingham, M., & Gordon, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment*, 10, 207-215.
- Kitson, G. C., K. B. Babri, & Roach, M. J. (1985). Who divorces and why: A review. *Journal of Family Issues*, 6, 255-293.
- Kupstas, M. (1997). (Org). *Comportamento Sexual: em debate*. São Paulo: Moderna.
- Larrañga, I. (2000). *O casamento feliz: respostas para que o amor acorde de cara nova todas as manhãs*. (A. A. Machado, trad.). São Paulo: Edições Loyola.

- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lawson, A. (1988). *Adultery: An analysis of love and Betrayal*. New York: Basic Books.
- Lazarus, R. S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology*, 44, 1-21.
- Lemos, P. (1994). *Educação afetiva: Porque as pessoas sofrem no amor* (8a ed.). São Paulo: Lemos.
- Leonel, M. L. N. (1993). Inveja e ciúme: Os vilões desmitificados. *Viver Psicologia*, 17, 35-37.
- Leong, G. B., Silva, J.A., Garza-Trevino, E.S., Oliva Jr., D., Ferrari, M.M., Komanduri, R.V., et al (1994). The dangerousness of persons with the Othello Syndrome. *Journal of Forensic Sciences*, 39, 1445-1454.
- Levine, S. B. (1988). Intrapsychic and individual aspects of sexual desire. In S. R. Leibrum & R. C. Rosen (Eds.), *Sexual desire disorders* (pp. 2143). New York, The Guilford Press.
- Lins, R. N. *Adultério*. Recuperado em 12 de julho de 2006: <http://www.adulterio.hpg.com.br/regina1.html>.
- Lusterman, D. D. (1998). *Infidelity – A Survival Guide*. Oakland: New Harbinger Publications.
- Maheu, M.M., & Subotnik, R.B., (2001). *Infidelity on the Internet: Virtual Relationships and Real Betrayal*. Naperville, Sourcebooks, Inc.
- Mathes, E. W. (1991). A cognitive theory of jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 52-78). New York: Guilford Press.
- Mathes, E. W. (1992). *Jealousy: The psychological data*. Lanham, Maryland: University Press of America.
- Mathes, E. W., Adams, H. E., & Davies, R. M. (1985). Jealousy: Loss of relationship rewards, loss of self-esteem, depression, anxiety, and anger. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 1552-1561.
- McIntosh, E. G., & Tangri, S. S. (1989). Relationship between jealous feelings and behaviors. *Perceptual and Motor Skills*, 69, 765-766.
- Meeks, B. S., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1998). Communication, love and relationship satisfaction. *Personal Relationships*, 15, 755-773.

- Melamed, T. (1991). Individual differences in romantic jealousy: The moderating affect of relationship characteristics. *European Journal of Social Psychology*, 21, 455- 461.
- Menezes, G. B. (2005). *Infidelidade: Fatores Psicológicos e Sociais na Ocorrência da Traição*. Trabalho de Conclusão do Curso, Faculdade de Psicologia. Centro Universitário Luterano de Manaus – Manaus: ULBRA.
- Merton, R. K. (1948). The self-fulfilling prophecy. *Antioch Review*, 8, 193-210.
- Montreynaud, F. (1994). *O que é amar?: Respostas simples a perguntas não tão simples*. São Paulo: Scipione.
- Mullen, P. E. (1991). Jealousy: The pathology of passion. *British Journal of Psychiatry*, 158, 593-601.
- Mullen, P. E., & Maack, L. H. (1985). Jealousy, pathological jealousy, and aggression. In D. P. Farrington & J. Gunn (Eds.), *Aggression and dangerousness* (pp. 103-126). New York: Wiley.
- Mullen, P. E., & Martin, J. (1994). Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatry*, 164, 35-43.
- Murray, S.L., & Holmes, J.G. (2000). Seeing the self through a partner's eyes: Why self-doubts turn into relationship insecurities. In A. Tesser, R.B. Felson, & J.M. Suls (Eds.), *Psychological perspectives on self and identity* (pp. 173-198). Washington: APA Press.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Griffin, D. W. (1996a). The benefits of positive illusions: Idealization and the construction of satisfaction in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 79-98.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Griffin, D. W. (1996b). The self-fulfilling nature of positive illusions in romantic relationships: Love is not blind, but prescient. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 1155-1180.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Griffin, D. W. (2000). Self-esteem and the quest for felt security: How perceived regard regulates attachment processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 478-498.
- Page, J. (1995). *The Brazilians*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Palermo, G.B., Smith, M.B., Jenzten, J.M., Henry, T.E., Konicek, P.J., Peterson, G.F., et al. (1997). Murder-suicide of the jealous paranoia type: a multicenter statistical pilot study. *American Journal of Forensic Medicine and Pathology*, 18(4): 374-383.
- Pfeiffer, S. M., & Wong, P. T. (1989). Multidimensional jealousy. *Journal of Social and Personal Relationship*, 6, 181-196.

- Pines, A. M. (1998). *Romantic jealousy: Causes, symptoms, cures*. New York: Routledge.
- Pines, A. M., & Aronson, E. (1983). Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51, 108-134.
- Pines, A. M., & Friedman, A. (1998). Gender differences in romantic jealousy. *The Journal of Social Psychology*, 138, 54-71.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: A infidelidade e a traição na intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Radecki, B. C., Farrell, A. D., & Bush, J. P. (1993). Predicting jealous responses: The influence of adult attachment and depression on threat appraisal. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 569-588.
- Ramos, A. L. M. (1998). *Ciúme romântico: Teoria, medida e variáveis correlacionadas*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Ramos, A. L. M. (2000). *Ciúme romântico: Teoria e medida psicológicas*. São Paulo: Stiliano.
- Ramos A. L. M. & Calegaro, M. (2001). Resenha: A Paixão Perigosa: Por Que o Ciúme é Tão Necessário Quanto o Amor e o Sexo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 293-295.
- Ramos, A. L. M., & Spera, A. B. (1995). A evolução do interesse pelo ciúme como objeto de estudo da Psicologia. In *Resumos, XXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia* (p. 364). Ribeirão Preto, SP.
- Ramos, A. L. M., Yazawa, S. A. K., & Salazar, A. F. (1994). Desenvolvimento de uma escala de ciúme romântico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 439-451.
- Rochefoucaud, F. (2006). Recuperado em 30 de abril de 2006: <http://www.proverbs-citations.com/larochefoucauld.htm>
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (1999). Atração interpessoal. In *Psicologia social* (Vol. 21, pp. 330-369). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rosenthal, R., & Jacobson, L. (1968). *Pygmalion in the classroom: Teacher expectations and pupil's intellectual development*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Rosenthal, R., & Jacobson, L. (1982). Profecias auto-realizadoras em sala de aula: Expectativas dos professores como determinantes não intencionais da competência intelectual. In M. H. S. Patto (Org.), *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz.

- Rydell, R. J., McConnell, A. R., & Bringle, R. G. (2004). Jealousy and commitment: Perceived threat and the effect of relationship alternatives. *Personal Relationships*, 11, 451-468.
- Sagarin, B. J. (2005). Reconsidering Evolved Sex Differences in Jealousy: Comment on Harris. *Personality and Social Psychology Review*, 1, 62-75.
- Sagarin, B. J. (2005). Reconsidering Evolved Sex Differences in Jealousy: Comment on Harris. *Personality and Social Psychology Review*, 1, 62-75.
- Salazar, A., Couto, V.D., Gonçalves, L., & Pereira, C. A. (1996). Ciúme: uma questão de dosagem. In Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas, XXVI Reunião Anual de Psicologia* (p.140), Ribeirão Preto: SBP.
- Salovey, P. (1986). The differentiation of social-comparison jealousy and romantic jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 1100-1112.
- Salovey, P. (1989). Envy and jealousy in close relationships. In C. Hendrick (Ed.), *Close relationships: Review of personality and social psychology* (pp. 221-246). Newbury Park: Sage.
- Salovey, P., & Rodin, J. (1984). Some antecedents and consequences of social-comparison jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 780-792.
- Savian, S. (2002). *O amor na contramão – mudança de hábito nos relacionamentos*. São Paulo: Agora.
- Sayão, R. (1998). *Sexo é sexo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Cues to infidelity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 1034-1045.
- Shackelford, T. K., Buss, D. M. & Bennett, K. (2002). Forgiveness or Breakup: Sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion*, 2, 299-307.
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition and Emotion*, 14, 643-659.
- Sharpstein, D. J. (1991). The organization of jealousy knowledge: Romantic jealousy as a blended emotion. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 31-51). New York: Guilford Press.
- Sharpstein, D. J. (1993). Romantic jealousy as an emotion concept: A prototype analysis. *Journal of Social & Personal Relationships*, 10, 69-82.

- Sharpsteen, D. J. (1995). The effects of relationship and self-esteem threats on the likelihood of romantic jealousy. *Journal of Social & Personal Relationships*, 12, 89-101.
- Sheets, V. L., & Wolfe, M. D. (2001). Sexual jealousy in heterosexuals, lesbians, and gays. *Sex Roles: A Journal of Research*, 44, 255-276.
- Shepherd, M. (1961). Morbid jealousy: Some clinical and social aspects of a psychiatric symptom. *Journal of Mental Science*, 107, 687-753.
- Shettel-Neuber, J., Bryson, J. B., & Young, L. (1978). *Effects of sex and physical attractiveness on feelings of jealousy*. Trabalho apresentado para a Associação Psicológica Ocidental, São Francisco, CA.
- Shinyashiki, R. & Dumêl, E. B. (2002). *Amar pode dar certo*. (143 a ed.). São Paulo: Gente.
- Shweder, R. A., & Haidt, J. (2000). The cultural psychology of the emotions: Ancient and new. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 397-414). New York: Guilford Press.
- Silva, A.A., Mayor, A. S., Almeida, T., Rodrigues, A. G., Oliveira, L.M., & Martinez, M. (2005). *Interação em Psicologia*, 9(2), 295-309.
- Snyder, M. (1984). When belief creates reality. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 18, pp. 247-305). Orlando, FL: Academic Press.
- Spring, J. A. (1996). *After the affair: Healing the pain and rebuilding trust when a partner has been unfaithful*. New York: HarperCollins.
- Stendhal (1999). *Do amor* (R. L. Ferreira, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Thiessen, D. D., & Gregg, B. (1980). Human assortative mating and genetic equilibrium: An evolutionary perspective. *Ethology and Sociobiology*, 1, 111-140.
- Thompson, A. P. (1983). Extramarital sex: Review of the research literature. *Journal of Sex Research*, 19, 1-22.
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 35-42.
- Tooby, J., & Cosmides, L. (1990). On the universality of human nature and the uniqueness of the individual: The role of genetics and adaptation. *Journal of Personality*, 58, 17-68.
- Traeen, B., & Stigum, H. (1998). Parallel sexual relationships in the Norwegian context. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 41-56.
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabitating Americans. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 48-68.

- Viscott, D. (1996). *Eu te amo! E aí?* (C. E. M. de Moura, trad.). São Paulo: Summus.
- Vincent, L. (2005). *Por Que Nos Apaixonamos - Como a Ciência Explica os Mistérios do Amor*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Walster, E., Traupmann, J., & Walster, G. W. (1978). Equity and extramarital sexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 7, 127-176.
- Walster, E., Walster, G. W., & Berscheid, E. (1978). *Equity: Theory and research*. Boston: Allyn & Bacon.
- White, G. L. (1980). Inducing jealousy: A power perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 6, 222-227.
- White, G. L. (1981a). Jealousy and partner's perceived motives for attraction to a rival. *Social Psychology Quarterly*, 44, 24-30.
- White, G. L. (1981b). A model of romantic jealousy. *Motivation and Emotion*, 5, 298-310.
- White, G. L. (1981c). Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality*, 49, 129-147.
- White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies*. New York: Guilford.
- Wiederman, M. W. (1997). The truth must be in here somewhere: Examining the gender discrepancy in self-reported lifetime number of sex partners. *Journal of Sex Research*, 34, 375-387.
- Wiederman, M. W., & Allgeier, E. R. (1993). Gender, differences in sexual jealousy: Adaptionist or social learning explanation? *Ethology & Sociobiology*, 14, 115-140.
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 265-274.
- Wiederman, M. W., & Kendall, E. (1999). Evolution, sex, and jealousy: Investigation with a sample from Sweden. *Evolution and Human Behavior*, 20, 121-128.
- Zammuner, V. L. (1995). Naive theories of emotional experience: Jealousy. In J. A. Russel, J. Fernandez-Dols, A. S. R. Manstead, & J. C. Wellenkamp (Eds.), *Everyday conceptions of emotion: An introduction to the psychology, anthropology, and linguistics of emotion* (pp. 435-455). Holanda: Kluwer Academic Publishers.

VII – ANEXOS

- 1-) Carta de apresentação aos alunos participantes da pesquisa.
- 2-) Termo de Consentimento livre e esclarecido.
- 3-) Instruções para a aplicação *on-line* (primeira etapa).
- 4-) Instruções para a aplicação *on-line* (segunda etapa).
- 5-) Escala de Ciúme Romântico (ECR) - Versão Masculina.
- 6-) Escala de Ciúme Romântico (ECR) – Versão Feminina.
- 7-) Questionário das perguntas que foram encaminhadas para a validação.
- 8-) Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão ex-parceira - Masculino (primeira etapa).
- 9-) Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão ex-parceiro - Feminino (primeira etapa).
- 10-) Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão atual parceiro - Feminino (primeira etapa).
- 11-) Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão atual parceira - Masculino (primeira etapa).
- 12-) Pesquisa a respeito do ciúme – Versão atual parceiro - Feminino (segunda etapa).
- 13-) Pesquisa a respeito do ciúme – Versão atual parceira - Masculino (segunda etapa).
- 14-) Perfil do entrevistado da pesquisa (entrevista com o pesquisador).

**Anexo 1 - Carta de apresentação aos alunos
participantes da pesquisa.**

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Experimental
Carta de Apresentação

Caro(a) participante,

Meu nome é Thiago de Almeida, psicólogo regularmente matriculado no curso de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva. Necessito desenvolver um projeto de pesquisa como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Assim, para a realização desta pesquisa, solicito a sua imprescindível colaboração para responder as questões dos instrumentos que você tiver contato.

Informo que os resultados desta pesquisa podem ser publicados, sendo ou não favoráveis às suas hipóteses originais. Salienta-se, também, que ficará resguardada a identidade de cada participante e o conteúdo das informações coletadas, de forma a conduzir o mais eticamente possível tal experimento.

Desde já, agradeço sua disponibilidade e coloco-me à sua disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Cordialmente,

Thiago de Almeida (CRP 06/75185)

Anexo 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.

Termo de consentimento livre-esclarecido.

Esta pesquisa, que consta de uma ou mais sessões, convenientes ao pesquisador e aos participantes da pesquisa, aplicará testes individuais com cada um dos participantes, tem por objetivo a coleta de algumas informações sobre os relacionamentos amorosos e identificar as possíveis relações envolvidas com os dados encontrados na literatura que estuda este tema. Um benefício previsto é a possibilidade de se auto conhecer mais e avaliar o andamento do relacionamento amoroso que se está vivenciando, ou no momento da aplicação, vivenciados, além de acumular um corpo de conhecimentos que possa vir a ajudar muitas outras pessoas. É pertinente salientar que se considera toda pesquisa envolvendo seres humanos está sujeita a riscos, contudo, evidencio, também, o fato que esta pesquisa foi planejada de modo a existir um mínimo de possibilidade de ocorrência de quaisquer danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente, e a otimizar os benefícios previstos, ainda que não totalmente aqui explicitados. Assim, os riscos decorrentes da pesquisa se justificam por meio da importância dos benefícios esperados. Neste sentido, o risco envolvido aos participantes, imediato ou tardio, que aderirem ao experimento é mínimo e inferior ao previsto de acordo com a resolução 196/96. Mesmo assim, fica garantido a todos os que quiserem participar, sob qualquer circunstância, abandonar o projeto e desistirem do mesmo tão logo se sintam, de alguma, forma constrangidos e que considerarem lesados, sob quaisquer aspectos, sua integridade e dignidade. Por meio desta orientação, fica também, assegurado aos participantes da pesquisa, e aos seus responsáveis legais, as condições de acompanhamento, tratamento ou de orientação, conforme o caso, levando-se em consideração que, tal processo será integralmente realizado pelo próprio pesquisador. E os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, não havendo quaisquer ressalvas que afastem essa responsabilidade ou que implique ao participante da pesquisa abrir mão de seus direitos legais, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

Desde já agradeço pela sua imprescindível colaboração e tempo dispensados.

Thiago de Almeida
(Psicólogo: CRP 06/75185).

Algumas considerações iniciais

1. Não é necessário colocar o nome, basta apenas identificar-se, por exemplo, com uma letra, apelido, nome fictício, etc.
2. Não há respostas certas ou erradas. O resultado será mais ou menos verdadeiro de acordo com o grau de sinceridade que cada um utilizar ao responder as questões que lhe forem destinadas. Por isso, leia com atenção cada item e não os deixe sem resposta.
3. As informações aqui obtidas destinam-se apenas para fins acadêmicos e científicos, e serão mantidas no mais absoluto sigilo (inclusive a salvo dos próprios parceiros, no caso de se precisar coletar os dados dos parceiros amorosos), ou seja, são de caráter estritamente confidencial. Portanto, esteja livre para responder de acordo com as suas próprias opiniões, pois estará preservada sua identidade, bem como o conteúdo de suas respostas.
4. Deixa-se claro que nenhuma das perguntas que você entrará em contato tem caráter constrangedor ou de alguma forma ofensivo. Mesmo assim, **você estará livre para abandonar o experimento a qualquer momento, sem inclusive se justificar.**
5. Por favor, faça uma revisão ao terminar.
6. Ao término da análise das informações que serão obtidas você tem o direito de saber, se acaso isto lhe interessar, como ficou este trabalho final.
7. Não serão feitas devolutivas individualizadas, contudo visa-se dar uma devolutiva global para todos os participantes que se interessarem por saber dos resultados dessa pesquisa, uma vez coletados todos os dados necessários à análise das hipóteses que se pretendem investigar por meio dessa pesquisa.

Novamente agradeço sua colaboração e coloco-me a sua disposição para sanar quaisquer dúvidas.

Eu, _____
 declaro concordar com a realização desta pesquisa, neste
 estabelecimento de ensino nos termos acima assinalados.

São Paulo, _____ de 2005.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Anexo 3 - Instruções para a aplicação *on-line* (primeira etapa).

Meu nome é Thiago de Almeida, muito prazer! Sou psicólogo, atualmente mestrando pelo Departamento de psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Espero que o(a) teu(tua) namorada tenha lhe falado deste teste e que você esteja interessado(a) em participar do mesmo. O objetivo desta pesquisa é estudar de modo sistematizado o ciúme romântico, bem como alguns fatores a ele relacionado e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos.

Esta é a primeira etapa de um teste com duas etapas. Os resultados deste estudo poderão ou não trazer benefícios diretos para você, contudo, se você puder participar deste teste, em suas duas etapas, uma a se realizar agora e outra aproximadamente em 3 meses, as informações a ser coletadas poderão ajudar a muitos outros casais, com questionamentos e problemas semelhantes aos que você pode se deparar cotidianamente.

Juntamente com estas instruções contidas neste *e-mail*, estou lhe enviando três arquivos denominados respectivamente de “questionário 1”, “questionário 2” e “questionário 3”. Então, por gentileza, comece a responder os questionários por ordem crescente, isto é, primeiro o questionário 1, depois o 2 e por último o terceiro. Leia bem todos os questionários. O questionário 2 que você vai responder se refere a(o) teu(tua) ex-parceira(o), já o 3 a(o) teu(tua) atual namorado(a). **Não se esqueça disso!**

Como são muitos os casais participantes pediremos sua colaboração para ajudarmos a codificá-los. Este código será utilizado nas duas etapas nas quais você for participar. O processo para a criação do mesmo é simples, e o código gerado deverá ser colocado no canto superior da página 2, ao lado da data em que você responder o teste. Você deverá se lembrar do código criado para a participação do casal. O código será um anagrama, ou seja, uma palavra inventada a partir dos endereços dos participantes. Tal palavra será formada, inicialmente, levando-se em consideração que as três primeiras letras que a comporão serão constituídas das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo masculino. Assim, por exemplo, se o participante mora ou morava na Rua Manuel da Nóbrega, o “**EGA**” formará a primeira parte do anagrama. E

a segunda parte do anagrama (ou seja, as três últimas letras que o comporão), será constituída das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo feminino, Assim, por exemplo, se a participante morava na Rua Maria da Si**LVA**, o “**LVA**” formará a última parte do anagrama, e conseqüentemente o anagrama formado pelo casal seria “**EGALVA**”;

Assim, que você tiver respondido os questionários **NÃO** entregue para teu(tua) parceiro(a) para que ele(a) não tenha acesso as tuas respostas. Se preferir me mandá-los por correio, a fim de preservar o sigilo das tuas respostas, por favor, imprima e mande para mim para o seguinte endereço que eu coloquei ao final deste e-mail. Se você preferir me mandar via *e-mail* mesmo, não tem problema, ok? Faça o mais rapidamente que você puder para que eu possa lhe dar a devolutiva via *e-mail* mesmo, ou ainda, por telefone o mais brevemente possível. Como disse estou garantindo o sigilo das tuas respostas, de tal forma que você pode ser o mais sincero(a) possível ao preencher as mesmas.

Um grande abraço, obrigado por sua participação, e fique à vontade para me ligar se tiver qualquer dúvida ao responder qualquer item dos teus questionários.

Um grande abraço,

Thiago de Almeida (cel 11-- XXXXXXXXX)

(psicólogo responsável pela aplicação e correção dos testes desta pesquisa)

Endereço para o envio dos questionários preenchidos, se você resolver mandar por correio:

Aos cuidados de Thiago de Almeida

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Experimental

Avenida Professor Melo Moraes, 1721. Bloco 23 Bloco A - Ala C- Sala C-16

Bairro Butantã

CEP: 05508-030

São Paulo-SP

Anexo 4 - Instruções para a aplicação *on-line* (segunda etapa).

Pesquisa a respeito do ciúme – Etapa final

Prezado(a) participante você está participando da etapa final da pesquisa a respeito do ciúme que pretende ajudar a você e a muitos outros casais que sofrem por não entenderem o que é o ciúme e quais as consequências dele para os relacionamentos amorosos. O objetivo desta etapa é saber o quanto variou o seu ciúme em relação a sua primeira participação e é por isso que você entrará em contato com algumas das mesmas perguntas que teve contato por ocasião da primeira etapa. Gostaria, portanto, que você se beneficiasse deste instrumento para este, ou ainda, para outros relacionamentos amorosos que você possa vir a ter. Para a realização desta etapa algumas instruções são importantes:

- 1) Você entrará novamente em contato com dois dos instrumentos que teve contato na primeira etapa deste teste. Ambos os questionários deverão ser respondidos tendo em mente a pessoa com a qual você estava namorando na época da testagem (mesmo que esta pessoa, infelizmente não esteja com você no presente momento);
- 2) Como são muitos os casais participantes pediremos, que você lembre seu código de participação por ocasião de seu primeiro contato com este estudo. Caso tenha se esquecido do mesmo, o processo a fim de lembrar do código é simples. Ele é um anagrama, ou seja, uma palavra inventada a partir dos endereços dos participantes. Esta palavra foi formada, inicialmente, levando-se em consideração que as três primeiras letras que a constituíram foram as últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo masculino. Assim, por exemplo, se o participante morava, ou ainda, mora ou na Rua Manuel da Nóbrega, “**EGA**” formou a primeira parte do anagrama. E a segunda parte do anagrama (ou seja, as três últimas letras que o compõem), foi composta das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo feminino. Assim, por exemplo, se a participante morava, ou ainda, mora na Rua Maria da Silva, “**LVA**” formou a última parte do anagrama, e conseqüentemente o anagrama formado pelo casal foi “**EGALVA**”;
- 3) Ao responder os itens que pedem para você indicam quantas vezes você fez isso ou aquilo, por favor, não coloque respostas como “algumas vezes”, “raramente”, “bastante”, “sempre”, “todos os dias”, “poucas vezes”, mas sim números que mais se aproximam da resposta perguntada, porque suas respostas somente serão válidas se forem numéricas a fim de serem contabilizadas.
- 4) Vale a pena lembrar que **NENHUMA DAS INFORMAÇÕES SERÃO REVELADAS**, ou mesmo, discutidas com o outro parceiro, além de você. Você terá também o direito de saber como ficou o trabalho final no que diz respeito a esta pesquisa;
- 5) Qualquer dúvida, por favor, entrar em contato pelo telefone (11-XXXXXXX).

Obrigado pela sua participação,
Thiago de Almeida
(psicólogo responsável pela aplicação e correção dos testes desta pesquisa)

**Anexo 5 – ECR - Escala de ciúme romântico (Ramos,
Yazawa & Salazar, 1998) – Versão Masculina.**

AVALIAÇÃO DO RELACIONAMENTO - M

Este questionário contém 52 afirmações. Sua tarefa consiste em indicar para cada uma das situações especiais colocadas abaixo a sua opinião a respeito de sua companheira.

Para responder, escreva na FOLHA DE RESPOSTA, no espaço correspondente à questão, o número que melhor representa a sua resposta. Para tanto, você deve dar a cada frase um valor que vai de 1 (um) a 5 (cinco).

Os números significam o seguinte:

- 1. Discordo completamente**
- 2. Discordo**
- 3. Em dúvida**
- 4. Concordo**
- 5. Concordo completamente**

Não existem respostas certas ou erradas: elas são boas se forem respondidas com sinceridade, isto é, segundo o sentimento que a afirmativa provoca em você.

01. Em uma boate, é tolerável ela receber um recado pelo alto-falante: "Você está demais hoje, quero falar com você". ().
02. Trocar seu nome pode ser uma questão de esquecimento. ().
03. Não há problema algum em encontrar uma fotografia de outro homem na carteira dela. ().
04. Contar histórias envolvendo romances passados é vergonhoso. ().
05. É desagradável ela flertar com outro homem na sua frente. ().
06. Não tem nada de mal ela ir à festa sozinha. ().
07. É perfeitamente normal ela elogiar um amigo seu. ().
08. Encontrá-la com outro num barzinho o deixa chateado. ().
09. Fica furioso quando ela conversa com um amigo que acha bonito. ().
10. É indecente um homem se aproximar e conversar com ela. ().
11. Você ligar para ela e uma voz masculina não-familiar atender, lhe causa raiva. ().
12. É inadmissível ficar com ela sem poder tocá-la por problemas mal resolvidos numa relação anterior. ().
13. É natural ela ter muitos amigos. ().
14. É aceitável ela aparecer com perfume estranho na camisa. ().
15. Você se importa quando ela fala que já teve momentos muito bons com outra pessoa. ().
16. É natural você deixá-la em casa e ela voltar para a festa. ().
17. Ela preferir ficar com as amigas a ficar com você causa-lhe irritação. ().
18. Não tem nada de mal ela freqüentar a casa de um antigo namorado. ().
19. É compreensível ela viajar e não convidar você. ().
20. Pouco importa ela receber presentes de um amigo. ().
21. É perfeitamente normal ela conversar longamente com um amigo. ().
22. Causa-lhe desconforto ver que os objetos de uma antiga paixão dela ocupam mais espaço do que os seus. ().
23. É indecente ela beijar seus amigos no rosto. ().
24. Não há nada de errado preferir fazer um passeio com as amigas a ficar com você. ().
25. Ela ficar trancada no quarto com uma amiga lhe causa desconfiança. ().
26. Provocam irritação amigos falarem dela com entusiasmo. ().
27. É suportável ela ser paquerada por um amigo seu. ().

28. Vocês estarem numa boa e ela sussurrar o nome de outro é compreensível. ().
29. É aceitável ela fazer elogios a outro homem na sua frente. ().
30. Não tem nada demais os seus amigos freqüentarem a casa dela. ().
31. Você fica furioso se ela começa a dançar com um amigo seu numa festa. ().
32. Causa-lhe incômodo ela parar de demonstrar seus sentimentos. ().
33. É extremamente normal que ela peça para você convidar seu melhor amigo para saírem juntos. ().
34. É muito chato encontrar um grande número de telefones de homens na agenda dela. ().
35. Você a convida para sair, ela dá uma desculpa que não pode ir, mas quando você chega ao local a encontra lá e isto o deixa indignado. ().
36. Causa-lhe incômodo ela se arrumar demais para sair sem você. ().
37. É aceitável ela receber constantemente telefonemas de outros homens. ().
38. Encontrar um isqueiro na bolsa dela, sendo que ela não fuma, deixa você indignado. ().
39. Pouco importa ela comparar o relacionamento de vocês com outro que já teve anteriormente. ().
40. É aceitável ela sonhar com outro homem. ().
41. É natural ela passar algumas horas ouvindo música na casa de um amigo. ().
42. É indecente ela dar olhadas para outros homens em uma festa. ().
43. Você fica furioso quando ela diz que está cansada e tem que ir dormir. ().
44. Pouco importa ela dar mais atenção à televisão do que a você. ().
45. Causa-lhe desconfiança os dois serem convidados para a festa e ela não insistir para que você vá. ().
46. Não tem nada de mal ela se sentir atraída por uma foto de um homem bonito. ().
47. Combinar um encontro e, por coincidência, achá-la com outro é normal. ().
48. É desagradável ela escutar uma música romântica e dizer que lembra de alguém especial. ().
49. É natural ela ser paquerada por outros homens. ().
50. É tolerável ela ficar de papo com alguém. ().
51. Ela trabalhar num ambiente onde há predominância de homens lhe incomoda. ().
52. Acredita quando ela diz que foi ao cinema com uma amiga. ().

**Anexo 6 – ECR - Escala de ciúme romântico (Ramos,
Yazawa & Salazar, 1998) – Versão Feminina.**

AVALIAÇÃO DO RELACIONAMENTO - F

Este questionário contém 52 afirmações. Sua tarefa consiste em indicar para cada uma das situações especiais colocadas abaixo a sua opinião a respeito de seu companheiro.

Para responder, escreva na FOLHA DE RESPOSTA, no espaço correspondente à questão, o número que melhor representa a sua resposta. Para tanto, você deve dar a cada frase um valor que vai de 1 (um) a 5 (cinco).

Os números significam o seguinte:

1. **Discordo completamente**
2. **Discordo**
3. **Em dúvida**
4. **Concordo**
5. **Concordo completamente**

Não existem respostas certas ou erradas: elas são boas se forem respondidas com sinceridade, isto é, segundo o sentimento que a afirmativa provoca em você.

01. Em uma boate, é tolerável ele receber um recado pelo alto-falante: "Você está demais hoje, quero falar com você". ().
02. Trocar seu nome pode ser uma questão de esquecimento. ().
03. Não há problema algum em encontrar uma fotografia de outra mulher na carteira dele. ().
04. Contar histórias envolvendo romances passados é vergonhoso. ().
05. É desagradável ele flertar com outra mulher na sua frente. ().
06. Não tem nada de mal ele ir à festa sozinho. ().
07. É perfeitamente normal ele elogiar uma amiga sua. ().
08. Encontrá-lo com outra num barzinho a deixa chateada. ().
09. Fica furiosa quando ele conversa com uma amiga que acha bonita. ().
10. É indecente uma mulher se aproximar e conversar com ele. ().
11. Você ligar para ele e uma voz feminina não-familiar atender, lhe causa raiva. ().
12. É inadmissível ficar com ele sem poder tocá-lo por problemas mal resolvidos numa relação anterior. ().
13. É natural ele ter muitas amigas. ().
14. É aceitável ele aparecer com perfume estranho na camisa. ().
15. Você se importa quando ele fala que já teve momentos muito bons com outra pessoa. ().
16. É natural você deixá-lo em casa e ele voltar para a festa. ().
17. Ele preferir ficar com os amigos a ficar com você causa-lhe irritação. ().
18. Não tem nada de mal ele freqüentar a casa de uma antiga namorada. ().
19. É compreensível ele viajar e não convidar você. ().
20. Pouco importa ele receber presentes de uma amiga. ().
21. É perfeitamente normal ele conversar longamente com uma amiga. ().

22. Causa-lhe desconforto ver que os objetos de uma antiga paixão dele ocupam mais espaço do que os seus. ().
23. É indecente ele beijar suas amigas no rosto. ().
24. Não há nada de errado preferir fazer um passeio com os amigos a ficar com você. ().
25. Ele ficar trancado no quarto com um amigo lhe causa desconfiança. ().
26. Provoca irritações amigas falarem dele com entusiasmo. ().
27. É suportável ele ser paquerado por uma amiga sua. ().
28. Vocês estarem numa boa e ele sussurrar o nome de outra é compreensível. ().
29. É aceitável ele fazer elogios à outra mulher na sua frente. ().
30. Não tem nada demais as suas amigas freqüentarem a casa dele. ().
31. Você fica furiosa se ele começa a dançar com uma amiga sua numa festa. ().
32. Causa-lhe incômodo ele parar de demonstrar seus sentimentos. ().
33. É extremamente normal que ele peça para você convidar sua melhor amiga para saírem juntos. ().
34. É muito chato encontrar um grande número de telefones de mulheres na agenda dele. ().
35. Você o convida para sair, ele dá uma desculpa que não pode ir, mas quando você chega ao local o encontra lá e isto a deixa indignada. ().
36. Causa-lhe incômodo ele se arrumar demais para sair sem você. ().
37. É aceitável ele receber constantemente telefonemas de outras mulheres. ().
38. Encontrar um isqueiro no bolso dele, sendo que ele não fuma, deixa você indignada. ().
39. Pouco importa ele comparar o relacionamento de vocês com outro que já teve anteriormente. ().
40. É aceitável ele sonhar com outra mulher. ().
41. É natural ele passar algumas horas ouvindo música na casa de uma amiga. ().
42. É indecente ele dar olhadas para outras mulheres em uma festa. ().
43. Você fica furiosa quando ele diz que está cansado e tem que ir dormir. ().
44. Pouco importa ele dar mais atenção à televisão do que a você. ().
45. Causa-lhe desconfiança os dois serem convidados para a festa e ele não insistir para que você vá. ().
46. Não tem nada de mal ele se sentir atraído por uma foto de uma mulher bonita. ().
47. Combinar um encontro e, por coincidência, achá-lo com outra é normal. ().
48. É desagradável ele escutar uma música romântica e dizer que lembra de alguém especial. ().
49. É natural ele ser paquerado por outras mulheres. ().
50. É tolerável ele ficar de papo com alguém. ().
51. Ele trabalhar num ambiente onde há predominância de mulheres lhe incomoda. ().
52. Acredita quando ele diz que foi ao cinema com um amigo. ().

Anexo 7 – Questionário das perguntas que foram encaminhadas para a validação.

Este questionário contém 30 afirmações e refere-se a algumas situações referentes a relacionamentos amorosos. Você não precisa identificar-se. Sua tarefa consiste em indicar para cada uma das situações seguintes a sua opinião, se as seguintes situações estariam ou não relacionadas à infidelidade, tendo em vista um relacionamento amoroso em andamento, e não necessariamente o seu namoro, por exemplo, caso esteja namorando. Então, assinale com um sim ou não cada afirmação que você acha estar relacionada com a traição entre dois parceiros amorosos numa situação de namoro. Ao final você poderá ainda colocar algumas situações, sentimentos e comportamentos que você ache que estariam relacionados a uma infidelidade entre dois namorados, e que por acaso, não estejam aqui descritas.

Sexo: () Masculino () Feminino.

Idade: _____ anos.

Você já teve experiências anteriores com relacionamentos amorosos tais como namoro? está namorando atualmente, ou ainda já ficou ou está ficando no presente momento?

() Sim () Não

1) Ficar a sós com alguém que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a) e que possa atrair fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

() Sim () Não

2) Manter contatos virtuais, como por exemplo: bater papo em *chats*, receber e-mails por meio de sites *on-line* de namoros, etc, com outra pessoa que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a).

() Sim () Não

3) Permitir ser tocado(a) por outra(s) pessoa(s) que não seja(m) o(a) próprio(a) parceiro(a) e que possam interessar fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

() Sim () Não

4) Ter pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o meu próprio namorado(a)/ parceiro(a), tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo sexual.

() Sim () Não

5) Sair para procurar uma outra pessoa, embora já esteja namorando uma outra.

() Sim () Não

6) Ir para algum local público com uma pessoa que lhe interesse fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento do(a) próprio(a) parceiro(a).

() Sim () Não

7) Em sala de aula, com o pretexto de resolver listas de exercícios, executar grupos de estudo ou de trabalho, aproximar-se propositalmente de uma pessoa

que não o(a) próprio(a) parceiro(a) e que a interesse fisicamente, emocionalmente ou amorosamente.

☐ Sim ☐ Não

8) Ir para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a), e que lhe desperte interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.

☐ Sim ☐ Não

9) Em algum momento, beijar uma outra pessoa que não o(a) próprio(a) parceiro(a).

☐ Sim ☐ Não

10) Ligar várias vezes para uma pessoa que lhe interesse fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, com qualquer pretexto, e que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a).

☐ Sim ☐ Não

11) Falar para o(a) próprio(a) parceiro(a) com entusiasmo e/ou com admiração de uma outra pessoa que lhe interesse fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

☐ Sim ☐ Não

12) Ir à casa de uma outra pessoa que não o(a) próprio(a) parceiro(a) com o pretexto de fazer trabalhos escolares, lição de casa, resolução de lista de exercícios ou similares.

☐ Sim ☐ Não

13) Ser prestativo com pessoas que não sejam o(a) próprio(a) parceiro(a) e que lhe interessem fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

☐ Sim ☐ Não

14) Flertar simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estiver com o próprio relacionamento amoroso em andamento.

☐ Sim ☐ Não

15) Convidar para tomar um lanche juntos, ou ainda, almoçar com uma pessoa que não era o(a) próprio(a) parceiro(a) e que lhe possa atrair fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

☐ Sim ☐ Não

16) Ver fotos (ou outras imagens em sites) de pessoas nuas (ou seminuas) que lhe interessem fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

☐ Sim ☐ Não

17) Fazer novas amizades com pessoas que possam lhe atrair fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento do(a) próprio(a) parceiro(a).

☐ Sim ☐ Não

18) Ligar para alguém que me interesse sentimentalmente ou fisicamente enquanto o(a) próprio(a) parceiro(a) não estava por perto.

(☐) Sim (☐) Não

19) Ficar com uma outra pessoa na mesma noite enquanto esta e o(a) próprio(a) parceiro(a) estiverem num barzinho ou danceteria.

(☐) Sim (☐) Não

20) Dar o número do próprio celular visando manter contato com pessoas que não sejam o(a) próprio(a) parceiro(a) e que lhe interessem fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

(☐) Sim (☐) Não

21) Mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessavam fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

(☐) Sim (☐) Não

22) Mantive relações sexuais com meu(minha) parceiro(a) enquanto estava, naquele momento, imaginando como seriam as mesmas com uma outra pessoa que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

(☐) Sim (☐) Não

23) Liguei para o(a) meu(minha) parceiro(a) antes ou depois de ter tido um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessava fisicamente ou amorosamente.

(☐) Sim (☐) Não

24) Coloquei preservativos em minha carteira, bolsa, ou carro, prevendo que poderia me envolver sexualmente com alguém que não o(a) meu(minha) parceiro(a) e que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, enquanto eu me preparava para ir ao encontro desta pessoa.

(☐) Sim (☐) Não

25) Atendi o telefonema de alguém que eu paquerava, diante do meu namorado(a), e dissimulei, pedindo que a pessoa ligasse em outro momento.

(☐) Sim (☐) Não

26) Menti para meu(minha) namorado(a) que teria um compromisso que me impediria de vê-lo, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

(☐) Sim (☐) Não

27) Não ter como ficar sem se relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto ou do mesmo sexo, que não seja o(a) próprio(a) parceiro(a) durante o decurso de um relacionamento amoroso.

(☐) Sim (☐) Não

28) Combinar de sair com uma pessoa atraente enquanto meu(minha) namorado(a) estava viajando.

() Sim () Não

29) Estar namorando e ir para um local escondido com alguém que possa me atrair fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, independentemente de consumir qualquer ato como, por exemplo, um beijo.

() Sim () Não

30) Deixar o celular em baixo volume, ou ainda, não o atender enquanto estiver com o(a) próprio(a) parceiro(a) porque você reconheceu que tal telefonema poderia ser de uma pessoa que você paquerava.

() Sim () Não

Acrescente aqui se você tem alguma idéia como as descritas acima, que estejam relacionadas à infidelidade entre dois namorados. Tal sugestão pode ser alguma situação que você vivenciou, ou conhece, ou que tenha acontecido com algum(a) amigo(a) seu(sua).

1. _____

2. _____

3. _____

Anexo 8 – Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão ex-parceira - Masculino (primeira etapa).

Data da coleta ____/____/____

Este questionário contém 35 afirmações e refere-se a algumas possíveis situações referentes a relacionamentos amorosos. Você não precisa se identificar. Sua tarefa consiste em indicar quantas vezes as situações seguintes estariam ou não presentes no relacionamento amoroso que você teve em relação a SUA EX-PARCEIRA. Então, aponte um número que estaria mais próximo de quantas vezes você realizou tais pensamentos, comportamentos e sentimentos abaixo listados. Vale a pena lembrar que você poderá ficar à vontade para declarar livremente quantas vezes você realizou tais situações enquanto esteve junto com SUA EX-PARCEIRA.

Tempo de duração do mais recente relacionamento ____ (dias/ meses/ anos). Sua idade na época: ____ anos

1) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu mantive contatos virtuais como, por exemplo: bati papo em *chats*, recebi e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não era a minha EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

2) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu tive pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) a minha EX-PARCEIRA, tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

3) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu saí para procurar uma outra pessoa que não era a minha EX-PARCEIRA visando uma aventura de natureza amorosa, sentimental ou sexual.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

4) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu fui para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento da minha EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

5) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu fui para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não seja a minha EX-PARCEIRA, e que me despertou interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

6) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA, em algum momento, beijei na boca uma outra pessoa que não a minha EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

7) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu liguei para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, com qualquer pretexto, e que não era a minha EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

8) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu flertei simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o relacionamento amoroso com a minha EX-PARCEIRA em andamento.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior ____ vezes.

9) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu convidei para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não era a minha EX-PARCEIRA e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

10) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu liguei para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto a minha EX-PARCEIRA não estava por perto.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

11) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu fiquei com uma outra pessoa, na mesma noite, enquanto esta e a minha EX-PARCEIRA estivemos num barzinho ou danceteria.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

12) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu dei o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não era a minha EX-PARCEIRA e que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

13) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

14) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu tive relações sexuais com ela enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

15) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu liguei para ela antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

16) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu coloquei preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não era a minha EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

17) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu atendi o telefonema de alguma paquera, diante da minha própria EX-PARCEIRA, e dissimulei para esta, pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

18) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu menti para a minha própria EX-PARCEIRA que teria um compromisso que me impediria de vê-la, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

19) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu não tive como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não era a minha própria EX-PARCEIRA, durante o decurso do nosso relacionamento amoroso.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

20) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu combinei de sair com uma outra pessoa atraente enquanto a minha EX-PARCEIRA estava viajando.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

21) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu fui para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento da minha própria EX-PARCEIRA, independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

22) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu deixei o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com a minha EX-PARCEIRA porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

23) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA falei que eu não poderia sair com ela, somente para sair com uma outra pessoa que não a minha própria EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

24) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu apresentei uma amiga que beijava como uma prima para que a minha EX-PARCEIRA não pudesse desconfiar disso.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

25) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA, e esta estava conversando com uma amiga dela, comecei a dar mais atenção à amiga dela do que a minha própria EX-PARCEIRA porque a amiga dela me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

26) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu me permiti ser paquerado por outra pessoa, que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era a minha EX-PARCEIRA, e mesmo assim, não deixei com que a minha EX-PARCEIRA tomasse conhecimento de que isso aconteceu.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

27) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA simulei uma briga com ela, ou ainda, pedi um tempo para ela somente para poder ficar com uma outra pessoa que não a minha EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

28) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu falei para ela que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não a minha própria EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

29) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu mantive relações sexuais com outras pessoas que não a minha própria EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

30) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu faltei ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não seja a minha própria EX-PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

31) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu falei que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não era a minha EX-PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

32) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu menti que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não era a minha própria EX-PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

33) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu menti que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não era a minha EX-PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

34) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu continuei a receber ligações de ex-namoradas sem o conhecimento da minha própria EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

35) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA eu beijei na boca uma outra pessoa que não a minha própria EX-PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

Anexo 9 - Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão ex-parceiro - Feminino (primeira etapa).

Data da coleta ____/____/____

Este questionário contém 35 afirmações e refere-se a algumas possíveis situações referentes a relacionamentos amorosos. Você não precisa se identificar. Sua tarefa consiste em indicar quantas vezes as situações seguintes estariam ou não presentes em seu relacionamento em relação ao relacionamento amoroso com SEU EX-PARCEIRO. Então, aponte um número que estaria mais próximo de quantas vezes você realizou tais pensamentos, comportamentos e sentimentos abaixo listados. Vale a pena lembrar que você poderá ficar à vontade para declarar livremente quantas vezes você realizou tais situações enquanto esteve junto com SEU EX-PARCEIRO.

Tempo de duração do mais recente relacionamento ____ (dias/ meses/ anos). Sua idade na época: ____ anos

1) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu mantive contatos virtuais como, por exemplo: bati papo em *chats*, recebi e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não era o meu EX-PARCEIRO.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

2) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu tive pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o meu EX-PARCEIRO, tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

3) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu saí para procurar uma outra pessoa que não era o meu EX-PARCEIRO visando uma aventura de natureza amorosa, sentimental ou sexual.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

4) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu fui para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento do meu EX-PARCEIRO.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

5) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu fui para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não era o meu EX-PARCEIRO, e que me despertou interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

6) Enquanto estive com o meu EX-PARCEIRO, em algum momento, beijei na boca uma outra pessoa que não ele.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

7) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu liguei para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, com qualquer pretexto, e que não era o meu EX-PARCEIRO.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

8) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu flertei simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o relacionamento amoroso com o meu EX-PARCEIRO em andamento.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

9) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu convidei para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não era o meu EX-PARCEIRO e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

10) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu liguei para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto o meu EX-PARCEIRO não estava por perto.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

11) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu fiquei com uma outra pessoa, na mesma noite, enquanto este e o meu EX-PARCEIRO estivemos num barzinho ou danceteria.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

12) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu dei o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não era o meu EX-PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

13) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

14) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu tive relações sexuais com ele enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

15) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu liguei para ele antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

16) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu coloquei preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não era o meu EX-PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

17) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu atendi o telefonema de algum paquera, diante do meu própria EX-PARCEIRO, e dissimulei para este, pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

18) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu menti para o meu próprio EX-PARCEIRO que teria um compromisso que me impediria de vê-lo, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

19) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu não tive como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não era o meu próprio EX-PARCEIRO, durante o decurso do nosso relacionamento amoroso.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

20) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu combinei de sair com uma outra pessoa atraente enquanto o meu EX-PARCEIRO estava viajando.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

21) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu fui para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento do meu próprio EX-PARCEIRO, independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

22) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu deixei o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com o meu EX-PARCEIRO porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

23) Enquanto estive com o meu EX-PARCEIRO falei que eu não poderia sair com ele, somente para sair com uma outra pessoa que não o meu próprio EX-PARCEIRO.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

24) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu apresentei um amigo que beijava como um primo para que o meu EX-PARCEIRO não pudesse desconfiar disso.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

25) Enquanto estive o meu EX-PARCEIRO, e este estava conversando com um amigo dele, comecei a dar mais atenção ao amigo dele do que ao meu próprio EX-PARCEIRO porque o amigo dele me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

26) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu me permiti ser paquerada por outra pessoa, que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era o meu EX-PARCEIRO, e mesmo assim, não deixei com que o meu EX-PARCEIRO tomasse conhecimento de que isso aconteceu.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

27) Enquanto estive com o meu EX-PARCEIRO simulei uma briga com ele, ou ainda, pedi um tempo para ele somente para poder ficar com uma outra pessoa que não a minha EX-PARCEIRA.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

28) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu falei para ele que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não o meu próprio EX-PARCEIRO.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

29) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu mantive relações sexuais com outras pessoas que não o meu próprio EX-PARCEIRO.
Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

30) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu faltei ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não seja o meu próprio EX-PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

31) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu falei que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não era o meu EX-PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

32) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu menti que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não era a o meu próprio EX-PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

33) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu menti que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não era o meu EX-PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

34) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu continuei a receber ligações de ex-namorados sem o conhecimento do meu próprio EX-PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

35) Enquanto estive com meu EX-PARCEIRO, eu beijei na boca uma outra pessoa que não o meu próprio EX-PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu relacionamento anterior _____ vezes.

Anexo 10 - Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão atual parceiro - Feminino (primeira etapa).

Data da coleta ____/____/____

Este questionário contém 35 afirmações e refere-se a algumas possíveis situações referentes a relacionamentos amorosos. Você não precisa se identificar. Sua tarefa consiste em indicar quantas vezes essas situações estariam ou não presentes em seu ATUAL relacionamento, ou seja, em relação ao relacionamento amoroso com SEU ATUAL PARCEIRO. Então, aponte um número que estaria mais próximo de quantas vezes você realizou tais pensamentos, comportamentos e sentimentos abaixo listados durante o SEU ATUAL RELACIONAMENTO. Vale a pena lembrar que o que você responder está salvaguardado até mesmo do seu próprio parceiro, e assim, você poderá ficar à vontade para declarar livremente quantas vezes você realizou tais situações.

Tempo de duração do ATUAL relacionamento ____ (dias/ meses/ anos). Sua idade: ____ anos

1) Eu mantive contatos virtuais como, por exemplo: bati papo em *chats*, recebi e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse o meu ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

2) Eu tive pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o meu ATUAL PARCEIRO, tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

3) Eu saí para procurar uma outra pessoa que não era o meu ATUAL PARCEIRO visando uma aventura de natureza amorosa, sentimental ou sexual.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

4) Eu fui para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento do meu ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

5) Eu fui para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não era o meu ATUAL PARCEIRO, e que me despertou interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

6) Enquanto estive com o meu ATUAL PARCEIRO, em algum momento, beijei na boca uma outra pessoa que não ele.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

7) Eu liguei para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, com qualquer pretexto, e que não era o meu ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

8) Eu flertei simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o relacionamento amoroso com o meu ATUAL PARCEIRO em andamento.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

9) Eu convidei para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não era o meu ATUAL PARCEIRO e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

10) Eu liguei para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto o meu ATUAL PARCEIRO não estava por perto.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

11) Eu fiquei com uma outra pessoa, na mesma noite, enquanto este é o meu ATUAL PARCEIRO estivemos num barzinho ou danceteria.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

12) Eu dei o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não era o meu ATUAL PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

13) Eu mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era o meu ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

14) Eu tive relações sexuais com o meu ATUAL PARCEIRO enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

15) Eu liguei para o meu ATUAL PARCEIRO antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

16) Eu coloquei preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não era o meu ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

17) Eu atendi o telefonema de algum paquera, diante do meu próprio ATUAL PARCEIRO, e dissimulei para este, pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

18) Eu menti para o meu próprio ATUAL PARCEIRO que teria um compromisso que me impediria de vê-lo, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

19) Eu não tive como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não era o meu próprio ATUAL PARCEIRO, durante o decurso do nosso relacionamento amoroso.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

20) Eu combinei de sair com uma outra pessoa atraente enquanto o meu ATUAL PARCEIRO estava viajando.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

21) Eu fui para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento do meu próprio ATUAL PARCEIRO, independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

22) Eu deixei o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com o meu ATUAL PARCEIRO porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

23) Enquanto estive com o meu ATUAL PARCEIRO falei que eu não poderia sair com ele, somente para sair com uma outra pessoa que não o meu próprio ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

24) Eu apresentei um amigo que beijava como um primo para que o meu ATUAL PARCEIRO não pudesse desconfiar disso.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

25) Enquanto estive o meu ATUAL PARCEIRO, e este estava conversando com um amigo dele, comecei a dar mais atenção ao amigo dele do que ao meu próprio ATUAL PARCEIRO porque o amigo dele me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

26) Eu me permiti ser paquerada por outra pessoa, que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era o meu ATUAL PARCEIRO, e mesmo assim, não deixei com que o meu ATUAL PARCEIRO tomasse conhecimento de que isso aconteceu.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

27) Enquanto estive com o meu ATUAL PARCEIRO simulei uma briga com ele, ou ainda, pedi um tempo para ele somente para poder ficar com uma outra pessoa que não a minha ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

28) Eu falei para ele que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não o meu próprio ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

29) Eu mantive relações sexuais com outras pessoas que não o meu próprio ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

30) Eu faltei ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não seja o meu próprio ATUAL PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

31) Eu falei que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não era o meu ATUAL PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

32) Eu menti que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não era a o meu ATUAL PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

33) Eu menti que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não era o meu ATUAL PARCEIRO e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

34) Eu continuei a receber ligações de ex-namorados sem o conhecimento do meu próprio ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

35) Eu beijei na boca uma outra pessoa que não o meu próprio ATUAL PARCEIRO.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

Anexo 11 - Inventário de comportamentos relacionados à infidelidade – Versão atual parceira - Masculino (primeira etapa).

Data da coleta ____/____/____

Este questionário contém 35 afirmações e refere-se a algumas possíveis situações referentes a relacionamentos amorosos. Você não precisa se identificar. Sua tarefa consiste em indicar quantas vezes essas situações estariam ou não presentes em seu ATUAL relacionamento, ou seja, em relação ao relacionamento amoroso com SUA ATUAL PARCEIRA. Então, aponte um número que estaria mais próximo de quantas vezes você realizou tais pensamentos, comportamentos e sentimentos abaixo listados durante o SEU ATUAL RELACIONAMENTO. Vale a pena lembrar que o que você responder está salvo até mesmo da sua própria parceira, e assim, você poderá ficar à vontade para declarar livremente quantas vezes você realizou tais situações.

Tempo de duração do ATUAL relacionamento ____ (dias/ meses/ anos). Sua idade: ____ anos

1) Eu mantive contatos virtuais como, por exemplo: bater papo em *chats*, recebi e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse a minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

2) Eu tive pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) a minha ATUAL PARCEIRA, tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

3) Eu saí para procurar uma outra pessoa que não era a minha ATUAL PARCEIRA visando uma aventura de natureza amorosa, sentimental ou sexual.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

4) Eu fui para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento da minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

5) Eu fui para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não seja a ATUAL PARCEIRA, e que me despertou interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

6) Enquanto estive com minha EX-PARCEIRA, em algum momento, beijei na boca uma outra pessoa que não a minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

7) Eu liguei para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, com qualquer pretexto, e que não era a minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

8) Eu flertei simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o próprio relacionamento amoroso com a minha ATUAL PARCEIRA em andamento.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento ____ vezes.

9) Eu convidei para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não era a minha ATUAL PARCEIRA e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

10) Eu liguei para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto a minha ATUAL PARCEIRA não estava por perto.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

11) Eu fiquei com uma outra pessoa, na mesma noite, enquanto esta e a minha ATUAL PARCEIRA estivemos num barzinho ou danceteria.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

12) Eu dei o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não era a minha ATUAL PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

13) Eu mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era(m) a minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

14) Eu tive relações sexuais com a minha ATUAL PARCEIRA enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

15) Eu liguei para a minha ATUAL PARCEIRA antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

16) Eu coloquei preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não era a minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

17) Eu atendi o telefonema de alguma paquera, diante da minha própria ATUAL PARCEIRA, e dissimulei para esta, pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

18) Eu menti para a minha própria ATUAL PARCEIRA que teria um compromisso que me impediria de vê-la, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

19) Eu não tive como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não era a minha própria ATUAL PARCEIRA, durante o decurso do nosso relacionamento amoroso.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

20) Eu combinei de sair com uma outra pessoa atraente enquanto a minha ATUAL PARCEIRA estava viajando.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

21) Eu fui para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento da minha própria ATUAL PARCEIRA, independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

22) Eu deixei o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com a minha ATUAL PARCEIRA porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

23) Eu falei que não poderia sair com ela, somente para sair com uma outra pessoa que não a minha própria ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

24) Eu apresentei uma amiga que beijava como uma prima para que a minha ATUAL PARCEIRA não pudesse desconfiar disso.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

25) Enquanto estive com minha ATUAL PARCEIRA, e esta estava conversando com uma amiga dela, comecei a dar mais atenção à amiga dela do que a minha própria EX-PARCEIRA porque a amiga dela me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

26) Eu me permiti ser paquerado por outra pessoa, que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era a minha ATUAL PARCEIRA, e mesmo assim, não deixei com que a minha ATUAL PARCEIRA tomasse conhecimento de que isso aconteceu.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

27) Eu simulei uma briga com a minha ATUAL PARCEIRA, ou ainda, pedi um tempo para ela somente para poder ficar com uma outra pessoa que não a minha ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

28) Eu falei para ela que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não a minha própria ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

29) Eu mantive relações sexuais com outras pessoas que não a minha própria ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

30) Eu faltei ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não seja a minha própria ATUAL PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

31) Eu falei que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não era a minha ATUAL PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

32) Eu menti que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não era a minha ATUAL PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

33) Eu menti que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não era a minha ATUAL PARCEIRA e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

34) Eu continuei a receber ligações de ex-namoradas sem o conhecimento da minha própria ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

35) Eu beijei na boca uma outra pessoa que não a minha própria ATUAL PARCEIRA.

Eu realizei essa situação em meu ATUAL relacionamento _____ vezes.

**Anexo 12 - Pesquisa a respeito do ciúme – Versão
atual parceiro - Feminino (segunda etapa).**

Pesquisa a respeito do ciúme – Etapa final - Feminino

Prezada participante você está participando da etapa final da pesquisa a respeito do ciúme que pretende ajudar a você e a muitos outros casais que sofrem por não entenderem o que é o ciúme e quais as consequências dele para os relacionamentos amorosos. O Objetivo desta etapa é saber o quanto variou o seu ciúme em relação a sua primeira participação e é por isso que você entrará em contato com algumas das mesmas perguntas que teve contato por ocasião da primeira etapa. Gostaria, portanto, que você se beneficiasse deste instrumento para este, ou ainda, para outros relacionamentos amorosos que você possa vir a ter. Para a realização desta etapa algumas instruções são importantes:

- 6) Você entrará novamente em contato com dois dos instrumentos que teve contato na primeira etapa deste teste. Ambos deverão ser respondidos tendo em mente a pessoa com a qual você estava namorando na época da testagem (mesmo que esta pessoa, infelizmente não esteja com você no presente momento);
- 7) Como são muitos os casais participantes pediremos sua colaboração para ajudarmos a codificá-los. O processo é simples, e o código gerado deverá ser colocado no canto superior da página 2, ao lado da data em que você responder o teste. Você deverá se lembrar do código criado para a participação do casal. O código será um anagrama, ou seja, uma palavra inventada a partir dos endereços dos participantes. Tal palavra será formada, inicialmente, levando-se em consideração que as três primeiras letras que a comporão serão constituídas das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo masculino. Assim, por exemplo, se o participante mora ou morava na Rua Manuel da Nóbrega, o “**EGA**” formará a primeira parte do anagrama. E a segunda parte do anagrama (ou seja, as três últimas letras que o comporão), será constituída das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo feminino. Assim, por exemplo, se a participante morava na Rua Maria da Silva, o “**LVA**” formará a última parte do anagrama, e conseqüentemente o anagrama formado pelo casal seria “**EGALVA**”;
- 8) Ao responder os itens que pedem para você indicam quantas vezes você fez isso ou aquilo, por favor, não coloque respostas como “algumas vezes”, “raramente”, “bastante”, “sempre”, “todos os dias”, “poucas vezes”, mas sim números que mais se aproximam da resposta perguntada, porque suas respostas somente serão válidas se forem numéricas a fim de serem contabilizadas.
- 9) Vale a pena lembrar que **NENHUMA DAS INFORMAÇÕES SERÃO REVELADAS**, ou mesmo, discutidas com o outro parceiro, além de você. Você terá também o direito de saber como ficou o trabalho final no que diz respeito a esta pesquisa;
- 10) Qualquer dúvida, por favor, entrar em contato pelo telefone (11-XXXX XXXX).

Obrigado pela sua participação,
Thiago de Almeida
(psicólogo responsável pela aplicação e correção dos testes desta
pesquisa)

Identificação correspondente do casal (anagrama formado): _____ Data da
segunda coleta ____/____/____

Primeiro questionário

Este questionário, que você já teve contato anteriormente, contém 52 afirmações. Sua tarefa para esta etapa consiste em indicar para cada uma das situações especiais colocadas abaixo a sua opinião a respeito da sua namorada que estava com você em sua primeira participação nesta pesquisa.

Para responder, escreva no espaço em branco dentro dos parênteses, localizado em frente a cada item a ser respondido, o número que melhor representa a sua resposta. Para tanto, você deve dar a cada frase um valor que vai de 1 (um) a 5 (cinco).

Os números significam o seguinte:

1. **Discordo completamente**
2. **Discordo**
3. **Em dúvida**
4. **Concordo**
5. **Concordo completamente**

Não existem respostas certas ou erradas: elas são boas se forem respondidas com sinceridade, isto é, segundo o sentimento que a afirmativa provoca em você. Algumas dessas situações podem nunca ter ocorrido com você, mas pedimos somente o seu posicionamento em relação a cada afirmação, ou seja, como você reagiria se estivesse em meio a situação que lhe será colocada.

01. Em uma boate, é tolerável ele receber um recado pelo alto-falante: "Você está demais hoje, quero falar com você". ().
02. Trocar seu nome pode ser uma questão de esquecimento. ().
03. Não há problema algum em encontrar uma fotografia de outra mulher na carteira dele. ().
04. Contar histórias envolvendo romances passados é vergonhoso. ().
05. É desagradável ele flertar com outra mulher na sua frente. ().
06. Não tem nada de mal ele ir à festa sozinho. ().
07. É perfeitamente normal ele elogiar uma amiga sua. ().
08. Encontrá-lo com outra num barzinho a deixa chateada. ().
09. Fica furiosa quando ele conversa com uma amiga que acha bonita. ().
10. É indecente uma mulher se aproximar e conversar com ele. ().
11. Você ligar para ele e uma voz feminina não-familiar atender, lhe causa raiva. ().
12. É inadmissível ficar com ele sem poder tocá-lo por problemas mal resolvidos numa relação anterior. ().
13. É natural ele ter muitas amigas. ().
14. É aceitável ele aparecer com perfume estranho na camisa. ().
15. Você se importa quando ele fala que já teve momentos muito bons com outra pessoa. ().
16. É natural você deixá-lo em casa e ele voltar para a festa. ().
17. Ele preferir ficar com os amigos a ficar com você causa-lhe irritação. ().
18. Não tem nada de mal ele freqüentar a casa de uma antiga namorada. ().
19. É compreensível ele viajar e não convidar você. ().
20. Pouco importa ele receber presentes de uma amiga. ().
21. É perfeitamente normal ele conversar longamente com uma amiga. ().
22. Causa-lhe desconforto ver que os objetos de uma antiga paixão dele ocupam mais espaço do que os seus. ().
23. É indecente ele beijar suas amigas no rosto. ().

24. Não há nada de errado preferir fazer um passeio com os amigos a ficar com você. ().
25. Ele ficar trancado no quarto com um amigo lhe causa desconfiança. ().
26. Provoca irritações amigas falarem dele com entusiasmo. ().
27. É suportável ele ser paquerado por uma amiga sua. ().
28. Vocês estarem numa boa e ele sussurrar o nome de outra é compreensível. ().
29. É aceitável ele fazer elogios à outra mulher na sua frente. ().
30. Não tem nada demais as suas amigas freqüentarem a casa dele. ().
31. Você fica furiosa se ele começa a dançar com uma amiga sua numa festa. ().
32. Causa-lhe incômodo ele parar de demonstrar seus sentimentos. ().
33. É extremamente normal que ele peça para você convidar sua melhor amiga para saírem juntos. ().
34. É muito chato encontrar um grande número de telefones de mulheres na agenda dele. ().
35. Você o convida para sair, ele dá uma desculpa que não pode ir, mas quando você chega ao local o encontra lá e isto a deixa indignada. ().
36. Causa-lhe incômodo ele se arrumar demais para sair sem você. ().
37. É aceitável ele receber constantemente telefonemas de outras mulheres. ().
38. Encontrar um isqueiro no bolso dele, sendo que ele não fuma, deixa você indignada. ().
39. Pouco importa ele comparar o relacionamento de vocês com outro que já teve anteriormente. ().
40. É aceitável ele sonhar com outra mulher. ().
41. É natural ele passar algumas horas ouvindo música na casa de uma amiga. ().
42. É indecente ele dar olhadas para outras mulheres em uma festa. ().
43. Você fica furiosa quando ele diz que está cansado e tem que ir dormir. ().
44. Pouco importa ele dar mais atenção à televisão do que a você. ().
45. Causa-lhe desconfiança os dois serem convidados para a festa e ele não insistir para que você vá. ().
46. Não tem nada de mal ele se sentir atraído por uma foto de uma mulher bonita. ().
47. Combinar um encontro e, por coincidência, achá-lo com outra é normal. ().
48. É desagradável ele escutar uma música romântica e dizer que lembra de alguém especial. ().
49. É natural ele ser paquerado por outras mulheres. ().
50. É tolerável ele ficar de papo com alguém. ().
51. Ele trabalhar num ambiente onde há predominância de mulheres lhe incomoda. ().
52. Acredita quando ele diz que foi ao cinema com um amigo. ().

Segundo questionário

Este questionário contém 35 afirmações que se referem as possíveis situações referentes a relacionamentos amorosos. Sua tarefa consiste em indicar quantas vezes essas situações estariam ou não presentes em relação ao seu relacionamento na época de sua primeira participação neste teste, ou seja, em relação a pessoa que você namora ainda ou namorava por ocasião do primeiro contato com este estudo. Então, por gentileza, aponte o número que estaria mais próximo de quantas vezes você realizou tais pensamentos, comportamentos e sentimentos abaixo listados durante ESTE RELACIONAMENTO. Vale a pena lembrar que o que você responder ESTÁ SALVAGUARDADO ATÉ MESMO DESTA PESSOA, e assim, você poderá ficar à vontade para declarar livremente quantas vezes você realizou tais situações. Por favor, não responda com dizeres tais como “fiz esta situação algumas vezes, poucas vezes, muitas vezes”. Não existe uma resposta correta para cada item. A melhor resposta será aquela que de fato ocorreu, assim, sempre procure indicar o número mais próximo ao ocorrido em cada situação.

1) Eu mantive contatos virtuais como, por exemplo: bati papo em *chats*, recebi e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse o meu parceiro com quem estive na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

2) Eu tive pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) o parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

3) Eu saí para procurar uma outra pessoa que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, visando uma aventura de natureza amorosa, sentimental ou sexual.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

4) Eu fui para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento do meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

5) Eu fui para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não foi o parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e que me despertou interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

6) Enquanto estive com o parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, em algum momento, beijei na boca uma outra pessoa que não o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

7) Eu liguei para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, sob qualquer pretexto, e que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

8) Eu flertei simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o próprio relacionamento amoroso com o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo em andamento.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

9) Eu convidei para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

10) Eu liguei para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo não estava por perto.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

11) Eu fiquei com uma outra pessoa, numa mesma noite, enquanto esta e o meu parceiro, com o qual estava na época da minha primeira participação neste estudo estivemos, estivemos junto em um barzinho ou danceteria.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

12) Eu dei o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

13) Eu mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era(m) o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

14) Eu tive relações sexuais com o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa, que

não o meu próprio parceiro e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

15) Eu liguei para o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

16) Eu coloquei preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

17) Eu atendi o telefonema de alguma paquera, diante da minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e dissimulei para esta, pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

18) Eu menti para o meu própria parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo que teria um compromisso que me impediria de vê-lo, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

19) Eu não tive como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não era o meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, durante o decurso do nosso relacionamento amoroso.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

20) Eu combinei de sair com uma outra pessoa atraente enquanto o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo estava viajando.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

21) Eu fui para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento do meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

22) Eu deixei o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação

neste estudo porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

23) Eu falei que não poderia sair com ela, somente para sair com uma outra pessoa que não o meu próprio parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

24) Eu apresentei um amigo que beijava como se fosse um primo para que o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo não pudesse desconfiar disso.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

25) Enquanto estive com meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e esta estava conversando com um amigo dele, comecei a dar mais atenção ao amigo dele do que ao meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo porque o amigo dele me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

26) Eu me permiti ser paquerado por outra pessoa, que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e mesmo assim, não deixei com que o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo tomasse conhecimento de que isso aconteceu.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

27) Eu simulei uma briga com o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, ou ainda, pedi um tempo para ele somente para poder ficar com uma outra pessoa que não o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

28) Eu falei para ele que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não o meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

29) Eu mantive relações sexuais com outras pessoas que não o meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

30) Eu faltei ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não seja o meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

31) Eu falei que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

32) Eu menti que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

33) Eu menti que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não era o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

34) Eu continuei a receber ligações de ex-namorados sem o conhecimento do meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

35) Eu beijei na boca uma outra pessoa que não o meu próprio parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação o meu parceiro com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

**Anexo 13 - Pesquisa a respeito do ciúme – Versão
atual parceira - Masculino (segunda etapa).**

Pesquisa a respeito do ciúme – Etapa final

Olá. Você está participando da etapa final da pesquisa a respeito do ciúme que pretende ajudar a você e a muitos outros casais que sofrem por não entenderem o que é o ciúme e quais as conseqüências dele para os relacionamentos amorosos. O Objetivo desta etapa é saber o quanto variou o seu ciúme em relação a sua primeira participação e é por isso que você entrará em contato com algumas das mesmas perguntas que teve contato por ocasião da primeira etapa. Gostaria, portanto, que você se beneficiasse deste instrumento para este, ou ainda, para outros relacionamentos amorosos que você possa vir a ter. Para a realização desta etapa algumas instruções são importantes:

- 11) Você entrará novamente em contato com dois dos instrumentos que teve contato na primeira etapa deste teste. Ambos deverão ser respondidos tendo em mente a pessoa com a qual você estava namorando na época da testagem (mesmo que esta pessoa, infelizmente não esteja com você no presente momento);
- 12) Como são muitos os casais participantes pediremos sua colaboração para ajudarmos a codificá-los. O processo é simples, e o código gerado deverá ser colocado no canto superior da página 2, ao lado da data em que você responder o teste. Você deverá se lembrar do código criado para a participação do casal. O código será um anagrama, ou seja, uma palavra inventada a partir dos endereços dos participantes. Tal palavra será formada, inicialmente, levando-se em consideração que as três primeiras letras que a comporão serão constituídas das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo masculino. Assim, por exemplo, se o participante mora ou morava na Rua Manuel da Nóbrega, o “**EGA**” formará a primeira parte do anagrama. E a segunda parte do anagrama (ou seja, as três últimas letras que o comporão), será constituída das últimas três letras do último nome da rua do participante do sexo feminino. Assim, por exemplo, se a participante morava na Rua Maria da Silva, o “**LVA**” formará a última parte do anagrama, e conseqüentemente o anagrama formado pelo casal seria “**EGALVA**”;
- 13) Ao responder os itens que pedem para você indicam quantas vezes você fez isso ou aquilo, por favor, não coloque respostas como “algumas vezes”, “raramente”, “bastante”, “sempre”, “todos os dias”, “poucas vezes”, mas sim números que mais se aproximam da resposta perguntada, porque suas respostas somente serão válidas se forem numéricas a fim de serem contabilizadas.
- 14) Vale a pena lembrar que **NENHUMA DAS INFORMAÇÕES SERÃO REVELADAS**, ou mesmo, discutidas com o outro parceiro, além de você. Você terá também o direito de saber como ficou o trabalho final no que diz respeito a esta pesquisa;
- 15) Qualquer dúvida, por favor, entrar em contato pelo telefone (11-XXXXXXX).

Obrigado pela sua participação,
Thiago de Almeida
(psicólogo responsável pela aplicação e correção dos testes desta
pesquisa)

Identificação correspondente do casal (anagrama formado): _____ Data da
segunda coleta ____/____/____

Primeiro questionário

Este questionário, que você já teve contato anteriormente, contém 52 afirmações. Sua tarefa para esta etapa consiste em indicar para cada uma das situações especiais colocadas abaixo a sua opinião a respeito da sua namorada que estava com você em sua primeira participação nesta pesquisa.

Para responder, escreva no espaço em branco dentro dos parênteses, localizado em frente a cada item a ser respondido, o número que melhor representa a sua resposta. Para tanto, você deve dar a cada frase um valor que vai de 1 (um) a 5 (cinco).

Os números significam o seguinte:

1. **Discordo completamente**
2. **Discordo**
3. **Em dúvida**
4. **Concordo**
5. **Concordo completamente**

Não existem respostas certas ou erradas: elas são boas se forem respondidas com sinceridade, isto é, segundo o sentimento que a afirmativa provoca em você. Algumas dessas situações podem nunca ter ocorrido com você, mas pedimos somente o seu posicionamento em relação a cada afirmação, ou seja, como você reagiria se estivesse em meio a situação que lhe será colocada.

01. Em uma boate, é tolerável ela receber um recado pelo alto-falante: "Você está demais hoje, quero falar com você". ().
02. Trocar seu nome pode ser uma questão de esquecimento. ().
03. Não há problema algum em encontrar uma fotografia de outro homem na carteira dela. ().
04. Contar histórias envolvendo romances passados é vergonhoso. ().
05. É desagradável ela flertar com outro homem na sua frente. ().
06. Não tem nada de mal ela ir à festa sozinha. ().
07. É perfeitamente normal ela elogiar um amigo seu. ().
08. Encontrá-la com outro num barzinho o deixa chateado. ().
09. Fica furioso quando ela conversa com um amigo que acha bonito. ().
10. É indecente um homem se aproximar e conversar com ela. ().
11. Você ligar para ela e uma voz masculina não-familiar atender, lhe causa raiva. ().
12. É inadmissível ficar com ela sem poder tocá-la por problemas mal resolvidos numa relação anterior. ().
13. É natural ela ter muitos amigos. ().
14. É aceitável ela aparecer com perfume estranho na camisa. ().
15. Você se importa quando ela fala que já teve momentos muito bons com outra pessoa. ().
16. É natural você deixá-la em casa e ela voltar para a festa. ().
17. Ela preferir ficar com as amigas a ficar com você causa-lhe irritação. ().
18. Não tem nada de mal ela freqüentar a casa de um antigo namorado. ().
19. É compreensível ela viajar e não convidar você. ().
20. Pouco importa ela receber presentes de um amigo. ().
21. É perfeitamente normal ela conversar longamente com um amigo. ().
22. Causa-lhe desconforto ver que os objetos de uma antiga paixão dela ocupam mais espaço do que os seus. ().
23. É indecente ela beijar seus amigos no rosto. ().

24. Não há nada de errado preferir fazer um passeio com as amigas a ficar com você. ().
25. Ela ficar trancada no quarto com uma amiga lhe causa desconfiança. ().
26. Provocam irritação amigos falarem dela com entusiasmo. ().
27. É suportável ela ser paquerada por um amigo seu. ().
28. Vocês estarem numa boa e ela sussurrar o nome de outro é compreensível. ().
29. É aceitável ela fazer elogios a outro homem na sua frente. ().
30. Não tem nada demais os seus amigos freqüentarem a casa dela. ().
31. Você fica furioso se ela começa a dançar com um amigo seu numa festa. ().
32. Causa-lhe incômodo ela parar de demonstrar seus sentimentos. ().
33. É extremamente normal que ela peça para você convidar seu melhor amigo para saírem juntos. ().
34. É muito chato encontrar um grande número de telefones de homens na agenda dela. ().
35. Você a convida para sair, ela dá uma desculpa que não pode ir, mas quando você chega ao local a encontra lá e isto o deixa indignado. ().
36. Causa-lhe incômodo ela se arrumar demais para sair sem você. ().
37. É aceitável ela receber constantemente telefonemas de outros homens. ().
38. Encontrar um isqueiro na bolsa dela, sendo que ela não fuma, deixa você indignado. ().
39. Pouco importa ela comparar o relacionamento de vocês com outro que já teve anteriormente. ().
40. É aceitável ela sonhar com outro homem. ().
41. É natural ela passar algumas horas ouvindo música na casa de um amigo. ().
42. É indecente ela dar olhadas para outros homens em uma festa. ().
43. Você fica furioso quando ela diz que está cansada e tem que ir dormir. ().
44. Pouco importa ela dar mais atenção à televisão do que a você. ().
45. Causa-lhe desconfiança os dois serem convidados para a festa e ela não insistir para que você vá. ().
46. Não tem nada de mal ela se sentir atraída por uma foto de um homem bonito. ().
47. Combinar um encontro e, por coincidência, achá-la com outro é normal. ().
48. É desagradável ela escutar uma música romântica e dizer que lembra de alguém especial. ().
49. É natural ela ser paquerada por outros homens. ().
50. É tolerável ela ficar de papo com alguém. ().
51. Ela trabalhar num ambiente onde há predominância de homens lhe incomoda. ().
52. Acredita quando ela diz que foi ao cinema com uma amiga. ().

Segundo questionário

Este questionário contém 35 afirmações que se referem as possíveis situações referentes a relacionamentos amorosos. Sua tarefa consiste em indicar quantas vezes essas situações estariam ou não presentes em relação ao seu relacionamento na época de sua primeira participação neste teste, ou seja, em relação a pessoa que você namora ainda ou namorava por ocasião do primeiro contato com este estudo. Então, por gentileza, aponte o número que estaria mais próximo de quantas vezes você realizou tais pensamentos, comportamentos e sentimentos abaixo listados durante ESTE RELACIONAMENTO. Vale a pena lembrar que o que você responder ESTÁ SALVAGUARDADO ATÉ MESMO DESTA PESSOA, e assim, você poderá ficar à vontade para declarar livremente quantas vezes você realizou tais situações. Por favor, não responda com dizeres tais como “fiz esta situação algumas vezes, poucas vezes, muitas vezes”. Não existe uma resposta correta para cada item. A melhor resposta será aquela que de fato ocorreu, assim, sempre procure indicar o número mais próximo ao ocorrido em cada situação.

1) Eu mantive contatos virtuais como, por exemplo: bati papo em *chats*, recebi e-mails por meio de sites de namoros, mensagens *on-line* etc, com outra pessoa que não fosse a minha parceira com quem estive na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

2) Eu tive pensamentos com outra(s) pessoa(s) que não era(m) a parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, tais como estar beijando tal pessoa, ouvindo/dizendo frases de conotação amorosa, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

3) Eu saí para procurar uma outra pessoa que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, visando uma aventura de natureza amorosa, sentimental ou sexual.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

4) Eu fui para algum local, público ou privado, com uma outra pessoa que me interessava fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente sem o conhecimento da minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

5) Eu fui para uma danceteria/barzinho com outra pessoa que não foi a parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e que me despertou interesses sentimentais, amorosos, ou mesmo de natureza sexual.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

6) Enquanto estive com a parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, em algum momento, beijei na boca uma outra pessoa que não a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

7) Eu liguei para uma pessoa que me interessou fisicamente, emocionalmente ou amorosamente, sob qualquer pretexto, e que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

8) Eu flertei simultaneamente com duas ou mais pessoas enquanto estava com o próprio relacionamento amoroso com a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo em andamento.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

9) Eu convidei para tomar comigo um lanche, ou ainda, almocei a sós com uma pessoa que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

10) Eu liguei para alguém que me interessou sentimentalmente ou fisicamente, enquanto a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo não estava por perto.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

11) Eu fiquei com uma outra pessoa, numa mesma noite, enquanto esta e a minha parceira, com o qual estava na época da minha primeira participação neste estudo estivemos, estivemos junto em um barzinho ou danceteria.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

12) Eu dei o número do meu próprio celular, ou ainda, do meu telefone residencial, visando manter contato com alguém que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

13) Eu mantive uma aventura amorosa (independentemente da duração) com uma ou mais pessoas que me interessaram fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era(m) a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

14) Eu tive relações sexuais com a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo enquanto eu estava, nesse momento, imaginando como seriam as mesmas relações sexuais com uma outra pessoa, que

não o meu próprio parceiro e me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

15) Eu liguei para a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, antes ou depois de ter(tido) um encontro de natureza sexual ou emocional com alguém que me interessou fisicamente ou amorosamente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

16) Eu coloquei preservativos na carteira, mochila, bolsa, ou carro, prevendo que eu poderia vir a me encontrar, e a me envolver sexualmente, com uma outra pessoa, que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

17) Eu atendi o telefonema de alguma paquera, diante da minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e dissimulei para esta, pedindo que aquela pessoa ligasse em um outro momento.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

18) Eu menti para a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo que teria um compromisso que me impediria de vê-la, para me encontrar com alguém que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

19) Eu não tive como ficar sem me relacionar sexualmente com alguém do sexo oposto, ou do mesmo sexo, que não era a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, durante o decurso do nosso relacionamento amoroso.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

20) Eu combinei de sair com uma outra pessoa atraente enquanto a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo estava viajando.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

21) Eu fui para um local escondido com alguém que me atraiu fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente, sem o conhecimento da minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, independentemente de ter consumado qualquer ato como, por exemplo, um beijo na boca.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

22) Eu deixei o celular em baixo volume, ou ainda, não o atendi enquanto estava com a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação

neste estudo porque reconheci que tal telefonema era de uma outra pessoa que eu paquerava.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

23) Eu falei que não poderia sair com ela, somente para sair com uma outra pessoa que não a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

24) Eu apresentei uma amiga que beijava como se fosse uma prima para que a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo não pudesse desconfiar disso.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

25) Enquanto estive com minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e esta estava conversando com uma amiga dela, comecei a dar mais atenção à amiga dela do que a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo porque a amiga dela me interessou fisicamente, amorosamente ou sexualmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

26) Eu me permiti ser paquerado por outra pessoa, que me atraía fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente e que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, e mesmo assim, não deixei com que a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo tomasse conhecimento de que isso aconteceu.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

27) Eu simulei uma briga com a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo, ou ainda, pedi um tempo para ela somente para poder ficar com uma outra pessoa que não a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

28) Eu falei para ela que iria sair com a minha família e saí com outra pessoa que não a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

29) Eu mantive relações sexuais com outras pessoas que não a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

30) Eu faltei ao trabalho, ou ainda às aulas, somente para ficar com uma pessoa que não seja a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

31) Eu falei que precisava viajar a trabalho somente para ficar com uma pessoa que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

32) Eu menti que precisaria trabalhar até mais tarde, somente para ficar com uma pessoa que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

33) Eu menti que estava com sua família, e não fiz isso, somente para ficar com uma pessoa que não era a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo e que me interessou fisicamente, amorosamente ou sentimentalmente.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

34) Eu continuei a receber ligações de ex-namoradas sem o conhecimento da minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

35) Eu beijei na boca uma outra pessoa que não a minha própria parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo.

Eu realizei essa situação em relação a minha parceira com quem estava na época da minha primeira participação neste estudo _____ vezes.

Anexo 14 - Perfil do entrevistado da pesquisa (entrevista com o pesquisador).

Data da primeira coleta ____/____/____ Data da segunda coleta ____/____/____

1) Identificação correspondente do participante: _____

2) Gênero: () Masculino () Feminino

3) Idade: ____ anos.

4) Renda mensal²⁵ dos pais (ou das pessoas que sustentam o(a) participante):

() até 3 Salários Mínimos.

() 4 à 6 Salários Mínimos .

() 7 à 10 Salários Mínimos .

() 11 à 25 Salários Mínimos.

() Acima de 25 Salários Mínimos.

5) Quantas vezes você: Já namorou? _____ vezes. Já ficou? _____ vezes.

6) Você já se iniciou sexualmente? () Sim () Não.

7) Qual o número de parceiros(as) sexuais que você já teve? _____ parceiros(as).

8) Até o presente momento, você poderia dizer que já amou _____ vezes.

Caracterização do relacionamento em relação A(O) PARCEIRO(A) ANTERIOR:

1) Tempo de duração do mais recente relacionamento (em meses): _____

2) Grau de comprometimento para este relacionamento amoroso: _____ () Baixo () Médio
() Alto

3) Existia entre vocês um compromisso de exclusividade? () Sim () Não

4) Você traiu seus(suas) ex-parceiros(as): _____ () Sim. Quantas vezes aproximadamente? ____ - vezes. () Nunca trai meus(minhas) ex-parceiros(as).

5) Você poderia dizer que em relação a(o) parceiro(a) anterior, você:

() o(a) amava.

() você estava apaixonado por ele(a).

() n.d.a.

Caracterização do relacionamento em relação A(O) ATUAL PARCEIRO(A):

1) Tempo de duração do atual relacionamento amoroso (em meses): _____

2) Grau de comprometimento para este relacionamento amoroso: _____ () Baixo
() Médio () Alto

3) Existe entre vocês um compromisso de exclusividade? () Sim () Não

4) Você já traiu seu(sua) atual parceiro(a)? _____ () Sim,
Com que frequência? ____ - vezes () Não.

5) **Avaliação do parceiro(a)**

Fisicamente meu parceiro(a) de 0 a 10 é _____. Psicologicamente meu parceiro(a) de 0 a 10 é _____.

6) **Própria avaliação**

Fisicamente de 0 a 10 eu me considero _____. Psicologicamente de 0 a 10 eu me considero _____.

AVALIAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

1) Escores no teste ECR:

• Ameaça Vs. Não ameaça _____: Interpretação: _____

• Dor: _____: Interpretação: _____

• Raiva: _____: Interpretação: _____

• Aceitação _____: Interpretação: _____

2) Número de comportamentos assinalados no inventário de comportamentos relacionados à infidelidade em relação ao(à) parceiro(a) anterior:

3) Número de comportamentos assinalados no inventário de comportamentos relacionados à infidelidade em relação ao(à) atual parceiro(a):

²⁵ Observação: Salário mínimo, desde 01/06/2005, compreendido em RS 300,00.